

REVISTA TRIMENSAL

DO

Instituto Geographico

E

Historico da Bahia

FUNDADO EM 1894, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA
PELA LEI N. 110 DE 13 DE AGOSTO DE 1895

Maxima sunt documenta equidem res temporis acti
In praesens, validusque in veniens stimulus.

JUNHO DE 1898

ANNO V

VOL. V

N. 16



BAHIA

Typ. e Encadernação—«Empreza Editora»

80—RUA DO CORPO SANTO—80

—
1898



REVISTA TRIMENSAL
DO
Instituto Geographico e Historico
DA BAHIA

Anno V

Junho de 1898

Num. 16

Descoberta da India

ERA um mytho geographico, em o mundo scientifico do paganismo, e mesmo nos primeiros seculos da era christã, a circumnavegação do continente Africano, que, pela sua parte meridional, na opinião dos predecessores e immediatos successores de Ptolomeu, se achava ligado ao sudeste da Asia.

Do grande mar ignoto, em cujas aguas submergio-se em tempos remotissimos a Atlantida de Platão, não se podia chegar, no dizer dos geographos venezianos, arabes e gregos, ao mar Indico, o mar das grandes calmarias.

E' preciso remontar muito na sciencia do mundo para encontrar, em Strabão, uma citação de Aristicus, que nos mostra Meneláo fazendo a circumnavegação da Africa, depois do cerco de Troya, partindo de Gades e chegando ás Indias Orientaes.

A theoria, porém, da communicação, pelo estreito a que chamamos da Bôa Esperança, do oceano orient-

tal com o do occidente, levou seculos para germinar nos grandes espiritos que precederam a renascença na Europa.

Tivesse essa theoria subsistido nos seculos XIV e XV, e o pequenino Portugal do seculo XIX não se ufanaria de ter aberto ao commercio, ás sciencias, ás artes, á politica, a róta para o paiz dos Pagodes indianos, onde moram, estaticos e mudos, os deuses da crença Brahmane.

Tivesse sido o condado de D. Affonso Henriques na éra primordial de sua nacionalidade e de seu despertar para a historia uma vasta porção de territorio, grande e populosa, por exemplo, como aquella de que se desprendia para formar uma nação independente, e, talvez, a actividade e a intelligencia da gente portugueza se voltasse preferente para as conquistas no continente ou na propria peninsula. Mas não; esse punhado de valorosos que ao grito de combate e de revolta dado pelo libertador empunhava a pesada espada herdada dos Godos, e a lança aguda e scintillante que lhe viera dos Francos, achava-se enfeixado, de um lado pelas serranias da Hespanha e pelo seu povo poderoso, oppressor e inimigo, e do outro pelo oceano, essa immensidade liquida e ora serena, ora tormentosa, como a immensidade do espaço onde rutilam as estrellas em noite de calmaria e onde ruge o trovão quando a procella tolda o azul do firmamento.

Entre essas duas muralhas, uma social e politica e a outra natural e physica, Portugal escolheu a segunda para luctar e expandir a sua vitalidade, depois de transpol-a e vencel-a pela sua tenacidade, pelo seu valor, pelo seu genio.

Dessa condição occasional e da situação geographica do nascente reino, originou-se a inclinação poderosa, fatal, sociologica pelas expedições nauticas e longinquas, condição vital da nova nação, asphyxiada quasi pela Hespanha ao norte e ao oeste, pelos Arabes ao sul e pelo oceano que banha suas plagas ao Occidente, onde o sol, com suas mãos d'ouro, na

phrase da poesia Brahmane, estende os véos pallidos do crepusculo e dardeja sobre a montanha sagrada, onde pousa Lisboa, os seus ultimos raios retemperadores, prenhes de Força sobrehumana.

A grande idéa de expandir a ambição e a vitalidade dos Portuguezes protegendo a navegação, creando mercados em paizes remotos; o grande plano de fazer de Portugal, nos seculos XIV, XV e XVI, o successor dos Phenicios dos Gregos na vastidão e na importancia das conquistas e do commercio, nasceu lentamente no espirito de seus monarchas e, por uma selecção natural, condensou-se no mais digno, no mais forte pelo genio e pela inspiração: D. Henrique, o chamado Infante de Sagres, abriu para sua patria, apezar das brumas mysteriosas que envolviam as paragens do sul, o caminho ás grandes expedições, animando os estudos nauticos, protegendo os mareantes, montando em Sagres uma Academia de onde sahiram para as grandes conquistas Zargo, Perestrello, Tristão Vaz e Gil Eannes.

Alli, em Sagres, nesse penhasco erguido pela Natureza no extremo sul occidental da Europa e preso a Portugal pela sua conformação geologica e politica, germinou, floresceu e fructificou a maior das idéas, o mais vasto e arrojado dos planos scientificos do seculo XV: encontrar, pelo sul, um caminho maritimo para o Oriente.

No celebrado observatorio, o Principe Infante, com os aparelhos rudimentares dessa epocha promissora, percorria o horisonte, interrogava o firmamento que deixava transparecer ao seu genio de nauta vidente a possibilidade de uma róta pelo Atlantico ás Indias, que elle mostrava aos seus Capitães, e que deveria dar a Portugal a preponderancia commercial e politica nesse Oriente mysterioso, o paiz das revelações, onde os missionarios tinham encontrado sacerdocios formidaveis, crenças mais antigas que a religião do Christo, monumentos gigantescos, raças desconhecidas, vegetação tropical exuberante.

Na Academia de Sagres aperfeiçoaram-se os aparelhos nauticos; construíram-se as caravellas aventureiras que deveriam fender as aguas de mares ignotos; educaram-se os marinheiros de cuja raça sahiram os companheiros de Dias e de Gama; estudaram-se e discutiram-se os problemas geographicos e astronomicos e a idéa, e o conhecimento do mundo alargava-se lentamente quando voltavam ás plagas da Patria as naves desnorteadas, sem o mastro grande onde brilhara o pendão de Portugal e de Christo, feridos os seus flancos na grande batalha contra as tempestades e as iras do oceano, mas trazendo a D. Henrique a gloria de terem percorrido para o sul alguns grãos mais de longitude, e de terem descoberto mais alguma terra até então occulta no seio do grande mar.

O corollario glorioso de tantos empreendimentos, graças ao esforço quasi sobrehumano de D. Manuel para a realisação da grande idéa amadurecida já pelo sol de muitos seculos de estudos e de sacrificios, foi, finalmente, a descoberta do caminho maritimo da India por Vasco da Gama, o espirito arrojado e aventureiro que crystalisou em seu coração de Portuguez a ambição humana, o entusiasmo religioso, a larga aspiração de todo um povo.

As naves que partiram inquietas em dias de Julho de 1497, voltaram passados mezes de luctas titanicas contra o oceano ferido pelas quilhas impiedosas; e o vasto mar, durante a róta das caravellas em busca das terras fabulosas da India, oppoz o seu poder de elemento indomavel á maculação do seu seio ainda virgem. Levantou, auxiliado pelo genio que mora em suas aguas, as suas ondas iradas pela prôa das naus portuguezas, como para velar á vista altiva de Gama a terra de Sofala, a primeira que se desenrolou cheia de viço e de esperanças aos olhos dos Portuguezes, ao indicar o astrolabio a mutação dos ceus e a inclinação da costa para o norte.

Depois, no grande golpho, as suas aguas per-

maneceram inanimadas, mortas, e as longas calmarias dessas paragens vieram em seu auxilio.

Gama, porém, venceu a sua omnipotencia, e, quando glorioso voltava para a sua cara Lusitania, o mar submetteu-se finalmente, cheio de esplendores desconhecidos, illuminando com as gottas de prata e de luz das suas ondas transformadas em magico lençol de estrellas, o caminho victorioso da frota rica do sandalo, da pimenta e da cera de Calicut, a terra promettida de Gama; do indigo e do gengibre de Malabar, a terra das montanhas; dos brocados preciosos de Cachemira, em cujo sólo germina o lotus, a flor sagrada da India; dos productos raros do clima quente de Lahore, a terra classica das victorias de Alexandre; do marfim de Bengala, em cujo territorio o Ganges, o rio santo dos Brahmanes, espreguiça suas ondas onde bebe o elephante bravo!

A seus rogos, no mastro grande da caravella de Gama, appareceu o fogo de Santélmo, a «Helena» do nauta grego, «que a maritima gente tem por santo» e lá o fez brilhar té enfrentar o Tejo, annunciando assim, de longe, a volta da fróta da christandade.

O grande Capitão, para immortalisal-o, mostrou-o a Camões, o seu cantor, o magnifico pintor das suas bellezas, o confidente adorado das suas inconstancias, dos seus ciumes, da sua ira e dos seus fulgores.

A gente portugueza, no perpassar das gerações, lembra sempre, de seculo em seculo, este facto grandioso que immortalisou Portugal: na Bahia onde a antiga Metropole tem milhares de seus filhos, commemorou-se esplendidamente a data quatro vezes secular da sua grandeza commercial e maritima, com uma festa litteraria onde as bellezas desse passado foram dictas por labios lusitanos e brasileiros.

—

Este Instituto, convidado a tomar parte nessa commemoração, fez-se representar pelo seu Presidente Conselheiro Salvador Pires de Carvalho e Albu-

querque, por uma commissão composta dos Drs. Octaviano Muniz Barretto, Guilherme Pereira Rebello e Innocencio M. de Araujo Góes, e pelo seu orador, Dr. Braz H. do Amaral, a cujo discurso, cheio de incomparaveis bellezas, abrimos espaço.

DISCURSO PROFERIDO

PELO

Dr. Braz do Amaral

Na sessão commemorativa do Centenario da India no Polytheama Bahiano a 20 de Maio de 1898

NA quatrocentos annos, Senhores, sahiam navios do Tejo.

Ninguem sabia para onde levaria o destino as bojudas prôas que beijavam as ondas.

Eram apenas quatro, dos quaes o maior arquearia duzentas toneladas talvez (1).

Avançavam para o ignoto, velejavam para o desconhecido por aquelles densos mares que não tinham fim os duzentos e quarenta homens (2) que a esquadilha levava como sua equipagem de mareação e de defeza.

Não iam tambem só ao sabôr dos ventos, como aquelles navios que partiam do porto da cidade de Dido resuscitada, quando ella se vingava das suas antigas derrotas, como as frotas que o rei barbaro (3)

(1) Os navios foram:

S. Raphael, capitanea, S. Miguel e S. Gabriel. O primeiro de 120 toneladas, o segundo de 50 e o terceiro de 100. Acompanhava-os um outro navio, cujo nome a historia não conservou, destinado ao transporte e deposito de viveres, de 200 toneladas.

(2) Ha muita discordancia entre os historiadores quanto ás tripolações dos navios de Vasco da Gama. Uns dão 140, outros 160 homens, 40 soldados e 120 marinheiros. Latino Coelho inclina-se ao numero mais elevado de 240 homens.

(3) Genserico, rei dos Vandalos. Tinha se tornado Carthago a capital destes barbaros e dahi sahiam elles para devastar as costas do Mediterraneo. Genserico tomou Roma e saqueou-a.

dirigia do seu castello de pôpa com a phrase indolente e cruel no seguro abandono da sua poesia feroz: «Larga as velas, piloto, larga tudo! Deixa, deixa que o vento leve aos paizes que Deus quer castigar!»

Ia para o nebuloso Oriente, para o paiz dos sonhos e das crenças, do mysticismo religioso e contemplativo, que tem dado ao mundo seus mais illustres ideologos e reformadores, Brahma e Moysés, Jesus e Mahomet.

A selvagem e arida Africa já tinha sido tocada pelos atrevidos exploradores e o cabo Bojador, temido pelos marujos, já tinha sido transposto.

Lá para os sertões já falavam os negros rudes em torno das caravanas, nos oasis sombreados por palmeiras, dos veleiros que corriam as praias; lá onde nunca tinha chegado a idéa da centralisação latina durante toda a antiguidade, porque se pensava que ao sul do Atlas só havia leões, lá onde nunca tinha soado o passo pesado dos legionarios romanos.

Ia para a India completar o pensamento social de Christo e de Alexandre, que a politica habil e perseverante do senado e o valor das legiões tinham preparado, e que a propaganda de Paulo e de seus companheiros de apostolado aperfeiçoava ha 14 seculos.

A flotilha do Gama encerrava no revestimento das suas obras mortas, nas carrancas das suas bujarronas, nos arcos dos galindrêos, nos ferros das ancoras suspensos como pás acima das amuras de vante, um deslumbrante segredo financeiro, social e historico.

Seguia a sua resolução um dos grandes problemas do futuro nas velas tufadas pelo vento do Atlantico!

Avançava-se uma jornada mais para o amplexo que deve unir todos os homens, fazendo delles irmãos, e que se vae realisando na lenta mas segura e inflexivel evolução das sociedades!

O que parece deprehender-se das lendas, das opiniões, ás vezes desencontradas, dos romanceiros e dos historiadores portuguezes, ciosos da gloria e do renome de sua patria, é que o governo de D. João II

não se descurava de angariar informações sobre o caminho da India pelo oceano.

Desgostoso porém com as vantagens dos hespanhões, com o resultado das viagens de Colombo, cuja capacidade, cujo genio elle não tinha adivinhado, e com os pendores da côrte romana, sempre provaveis para o lado do Castelhana, que melhor os podia retribuir, um tanto embaraçado com as intrigas da nobreza disposta á sedição, não tinha podido realizar a empreza do seu anhelô, que D. Manuel teve a fortuna de pôr em pratica pouco depois de subir ao throno, como uma tradição politica nacional que convinha seguir e que o governo seguiu, apesar do desencontro e desharmonia que podia ter com o reinado precedente em outros assumptos.

Isto se percebe até na nomeação do commandante da armada, almirante de 28 annos, que não era um dos grandes nomes patricios de Portugal, mas o filho de Estevão da Gama, que D. João II indicara já para continuar as expedições além do cabo da Bôa Esperança e sobre o qual sabe-se pouco antes do acontecimento que o immortalisou.

Era um desses homens de quem a civilisação precisa de seculo em seculo. Quando a hora chegou ella tomou-o pela mão e disse-lhe:—Vae.

Tocava o seu termino a longa noite da idade média.

Numerosos progressos na navegação, no commercio, nas artes, tão vagarosamente amontoados pela severa administração imperial, reunidos e conquistados, como os historiadores, os poetas e os artistas, como Polybius e Publius Terentius Afer, pela espada dos soldados, que tinham estabelecido as relações internacionaes dos povos, haviam de repente parado uns, outros de todo desaparecido, esmagados pela ignorancia e pelos prejuisos, gerados pela adulteração das crenças abraçadas pelas raças guerreiras do Norte.

Tinha-se refugiado em Constantinopla, no centro de tantas reminiscencias, o espirito da Grecia e de Roma e dahi devia levantar-se, para se espalhar de

novo no mundo quando, os povos que tinham definitivamente tomado posse das suas moradas na Europa, slavos ou germanicos, pudessem comprehender as vantagens da civilisação e o ascendente das raças apuradas que tinham submettido no seu furor e estivessem em estado de se servir da sua intelligencia e do seu vigor moral.

Pouco a pouco, com effeito, o gosto do luxo, a necessidade do bem-estar, a tendencia ao goso de prazeres mais doces, fizeram da approximação das nações uma exigencia imperativa e o commercio longinquo começou a estabelecer-se (4).

Isto porém levou seculos a se constituir!

O sentimento da liberdade, que succedeu ao absolutismo brutal do periodo das invasões, o sentimento do direito, que as branduras do Christianismo tinham introduzido nos costumes politicos dos povos submettidos á sua doutrina, prepararam-n'os para os grandes commettimentos que deviam preceder a era nova.

As cruzadas com os seus insuccessos tinham revelado comtudo aos occidentaes os gosos do Oriente e acordado necessidades que para se satisfazer careciam de muito mais vasta esphera de actividade mercantil.

A sciencia com suas revelações, com a bussola, com o astrolabio, com as doutrinas sobre a fórmula da terra, com as suas theorias sobre os movimentos dos sóes no espaço, dava ao espirito arrojado dos aventureiros uma direcção que as gerações anteriores não tinham conhecido.

Debalde as imperatrizes dos mares latinos, Veneza e Genova, impunham seu genio e suas leis á Africa do Norte e á Asia Occidental, cobertas por seus escriptorios, respeitadoras dos seus pavilhões.

A sua previdencia não estava á altura da sua fortuna e, convencidas de que o Mediterraneo seria sempre a unica via do commercio do mundo, não se

(4) Octave Noel.—Histoire du Commerce.

importavam com as empresas que sahiam fóra da bacia onde dominavam, nem com os longos mares que se abauílam além das columnas de Hercules (5).

A India mysteriosa tinha começado a revelar seus encantos nas saphyras e nas sedas das suas montanhas e dos seus teares; mas o antagonismo dos interesses, á proporção que a legislação internacional tinha tomado um corpo, por uma contradicção inherente á especie humana, seguira um regimen economico que retardava a emancipação material dos povos menos avançados.

Por isso as duas nações peninsulares que se organisavam, unificando a sua fé, embora separadas cada dia mais pelas suas paixões politicas antagonicas, entregaram-se então sem cuidados ao capricho perigoso dos mares desconhecidos, que as separavam dos paizes dos seus sonhos, das paragens ineditas que lhes fechavam o não-saber dos antepassados e o egoismo das potencias mais influentes do tempo.

Havia ainda no Norte raças aventureosas, ousadas e bravas, que tinham nas arterias sangue normando, que acabavam apenas de se constituir, após longas dissensões civis, e que, impacientes do jugo financeiro das republicas da Italia, queriam um logar independente ao lado dellas.

O commercio da India e da China se fizera desde o tempo dos Lagidas e dos Romanos pelo Egypto, passando pelo canal do rei Necháó que ligava o Nilo ao mar Erythreo ou mar Vermelho, e dahi para oeste até Alexandria. Para o sul iam os mercadores até o mar de Oman, donde eram levados em navios pelas monções de Aden a Taprobana, Malaca e Java, ou pelo golfo Persico, passando por Bassorah e Siraf, quasi na fóz do Eufrates (6).

(5) Octave Noel—Histoire du Commerce.

Este livro, cheio de preciosas indicações sobre o commercio da Eade Media, me servio muito e a elle tomei alguns periodos nesta parte do discurso, que não dei como citações para não prejudicar a exposição.

(6) Almirante Jurien de La Gravière—La marine des Ptolomées et la marine des Romains, tom. II.

Nas margens do mar de Azof os Catalães e Italianos tinham grandes estabelecimentos nas boccas do rio Tanais, que é o Don de hoje, e donde partiam as caravanas que, atravessando a Tartaria, ganhavam Pekin apôs um anno de marcha.

Uma outra estrada partia da Syria e tambem por ella iam em dorso de camello as especiarias, os perfumes e as joias do Oriente de Bassorah até Smyrna ou outro porto levantino.

Os direitos excessivos porém, as difficuldades do transporte, as avarias, as baldeações successivas e especialmente as despezas que esmagavam as mercadorias, faziam aspirar por um melhor, mais rapido e mais seguro caminho.

Ao chegar a Bassorah já as perolas destinadas aos cabellos das formosas mulheres de Veneza, e que realçavam tanto, pelo contraste dos fulgores, com aquelle reflexo dourado, leonino, que o pincel de Ticiano immortalizou, custavam duas ou tres vezes o seu valor primitivo e na propria Europa, só da fronteira da Baviera até Vienna, um mercador pagava onze vezes os direitos de alfandega (7).

E ainda aquellas estradas não tardariam a se tornar mais difficeis e quasi inaccessiveis, porque um outro factor cahia sobre esta questão como o baltéo do gaulez sobre a balança romana, ou antes desabava sobre a segurança dos christãos no oriente um novo flagello, como um cyclone sobre um navio no mar das Antilhas!

Tribus barbaras da Asia central, energicas e ferozes, avançam do Khorassan attrahidas pela presa facil que a fraqueza do imperio grego lhes abria e pelo espirito de propaganda armada que anima sempre os sectarios recentemente convertidos de Mahomet.

Dominadores da Asia e da Africa, de victoria em victoria, os Turcos, com as balas de pedra das suas formidaveis baterias encadeadas, tinham afinal aberto uma brécha nas muralhas de Constantinopla e por

(7) Falke - Die Geschichte des deutschen Handels.

ella os quatrocentos mil homens lançados ao assalto por Mahomet II arvoraram o crescente nas torres de Byzancio (8).

Realisava-se a insolencia atroz do padischah, porque era bem verdade que o seu cavallo podia agora comer nos altares de Santa Sophia!

Debalde, pois, o bravo Milosek immolara no seu desesperado patriotismo Amurath 1.º na noite da batalha de Cassovia, augmentando o montão de cadavres dos seus compatriotas degolados aos pés do sultão, enterrando uma adaga no coração do algoz de sua patria!

Debalde o mundo occidental, palpitante de ansiedade, esperara a salvação da heroica e inutil bravura dos Servios!

Nem a morte de Amurath nem o desastre immenso de Bajazet em Ancyra tinham impedido que se cumprisse o destino historico do mundo grego e romano!

De todo aquelle imperio que fôra a gloria e o terror do velho continente só restava, em uma das praças de Byzancio, ignorado, misturado em um grupo de anonymos, esmagados, apanhados todos pelo mesmo vento de desgraça, pelo mesmo golpe de infortunio, o cadaver de um imperador!

De toda aquella grandeza passada só restava de Constantino Dracoses XII, o cadaver sem a cabeça, como uma columna sem capitel, e que somente os borseguins bordados com a aguia de ouro, symbolo do imperio, levaram a separar da valla ou da incineração em commum destinadas ao misero povo!

A fraqueza das populações esgotadas, o ciume de dominio das republicas italianas, os obstaculos que a defeza de João Hunyede fizeram nascer nas margens do Danubio, induziram estas massas invasoras, que tinham encontrado no sultão Soliman um genio organisador, a pretender crear uma marinha.

(8) Lamartine—Histoire de la Turquie.

E elles se lançaram sobre os seus alliados da vespera, os Genovezes e os Venezianos.

A estes sobretudo coube então a vez de perder todos os emporios do mar Negro, da Criméa e do mar de Azof, e a soberba Veneza, obrigada a confessar-se vencida, via ser-lhe arrebatada a ilha de Eubéa e tinha razão para temer que o estandarte verde do propheta, já plantado nas margens do Piave, viesse fluctuar sobre as torres de S. Marcos (9).

Parecia que ia chegar de novo aquelle tempo das grandes invasões em que filhas de senadores tinham sido obrigadas, como escravas, a servir nuas, aos grosseiros soldados barbaros, vinho de Chypre em vasos de ouro, tomados ás baixellas de seus paes!

Por tudo isso pois, pela avidez das cidades mercantis da península italica, pelas victorias dos Turcos, pelos excessos e pelos abusos dos impostos de transito, foi que o fim do XV seculo consagrou-se a tentar esta grande obra de conquistas civilisadoras, que abriram a idade moderna, pelas descobertas mais memoraveis de que a historia faz menção.

Estas causas mesmo, porém, como todas as peias que se tentam pôr á liberdade, á expansão vigorosa dos homens e dos espiritos, deviam precipitar a crise da qual iam sahir o parto de um continente e a mudança das vias commerciaes até ahí praticadas.

Ia ser levado a effeito por um povo formado pelos destroços, do amalgama, do casamento um tanto heterogeneo de muitas raças, — iberos que eram celtas, derramados do norte para o sul depois de terem vindo de léste; vasconços que ninguem sabe donde vieram nem donde trouxeram a linguagem aspera, como os penedos inexpugnaveis das Asturias, em que se estabeleceram; romanos civilisado e illustres como deuses; germanos ferozes como os vandalos, grosseiros como os suevos, estirpe do povo gallego; germanos de costumes brandos, os visigodos

(9) Octave Noel—Histoire du Commerce. Webber—Histoire Universelle, traduzida do allemão.

domesticados pelo ascendente da grandeza e da magestade romana que procuravam imitar.

Tinham vindo depois os agarenos, montados em seus cavallos ligeiros como o vento do deserto.

A tragedia e o drama saltavam, palpitavam nas paginas da sua historia com o exagero um tanto romanesco que a poesia do oriente infundiu no estylo dos hespanhóes, algo mais moderado nos portuguezes.

Uma vez um general esporêa o seu cavallo para o mar e só quando o animal molha as patas nas aguas do Atlantico é que elle pára e toma Allah por testemunha de que não levava avante o seu santo nome porque já lhe faltava a terra! (10)

Uma outra vez a politica precisa commetter um crime, e, como entrassem, convidados, no pateo do palacio de Damasco, os oitenta emires, os oitenta principes da familia dos Ommyadas, foram sendo apunhalados á proporção que transpunham o limiar (11). Depois estendeu-se um bello tapete sobre estes restos de uma dynastia e deu-se um esplendido festim!

No dia em que desabava a ultima realeza arabê da Hespanha, quando Boabdil, do alto do monte donde avistara a veiga de Granada, sem poder dominar a sua commoção, atirava-se abaixo do cavallo, chorando, é uma mulher, a sultana Aicha, bella na sua indignação orgulhosa de rainha, formosa na sublime colera de quem trazia a angustia dolorosa de um throno perdido, o luto e o desespero de um povo, quem lhe brada:—Chora, miseravel, chora como uma mulher por esta cidade que devias ter defendido como um homem (12)!!!

(10) Akbar, general musulmano que chegou com a cavallaria arabe á costa do Atlantico em Marrocos—Geruzes—2.º vol.

(11) Oitenta membros da illustre familia dos Ommydas pereceram em Damasco pela mão do cruel Abdallah, tio de Abul Abbas, fundador da dynastia dos Abassidas. Os arabes designam este califa sob o appellido de El-Safah, o matador. Webber—Historia Universal, vol. 4.

(12) Lefebvre—Histoire de l'Espagne.

Mas o que se accentua nesta raça ha quatrocentos annos, e que se descobre no sainete aventuroso de ir pelo mar fóra, ousada e valente, é um phenomeno atavico como o que se manifesta nas familias, quando numa creança, num homem ou numa mulher, se revela o character, o modo de falar e de andar, o desenho da forma, as attitudes, a coloração dos cabellos e a intelligencia de um ascendente, de um antepassado remoto, cujos elementos anatomicos se julgavam de ha muito desaparecidos, extinctos nos atomos, nas cellulas constituintes dos órgãos sexuaes dos paes, e que se transmittem assim num dos mais sombrios e augustos mysterios da geração.

E' o atavismo do velho sangue phenicio! Em D. Henrique, o Infante, e na pleiade brilhante dos maritimos que o cercavam, em Gil Eanes, que dobrou o cabo Bojador, em Affonso Gonçalves Baldaia, que descobriu o rio do Ouro, em Nuno Tristão, que percorreu a costa da Senegambia e lá encontrou o seu tumulo, em Bartholomeu Dias, que passou o cabo da Bôa Esperança, em Vasco da Gama e Nicolau Coelho, em Pero de Alemquer, piloto de Barthomoleu e do Gama, revive a alma intemerata daquelles audaciosos corredores do mar, os Inglezes do seu tempo, que passeavam as suas galeras pela bacia mediterranea, fundando colonias onde se expandisse a prosperidade mercantil e onde se fizessem os abastecimentos das frotas de sua patria.

Não faz mal, Senhores, a este grande emprehendimento tirar-lhe o prestimo do maravilhoso, porque o maravilhoso só tem encantos para as intelligencias incultas e porque com o maravilhoso não se faz a gloria de uma nação.

A viagem do Gama não foi um arrojo sem motivo ou um accidente como a vinda dos Normandos á America e a chegada de Cabral ao Brazil (13).

A audacia que lançou os atrevidos reis do mar scandinavo á terra de Vinland era um mixto de

(13) John Fiske—The discovery of America.

inconsciencia e de bravura feroz nas mãos de Deus; a corrente deste rio salgado (14), que mistura eternamente as aguas frias dos mares glaciaes com as aguas quentes dos mares equatoriaes e que trouxe a armada de Cabral, transformada em vehiculo das náus, constitue uma obra do acaso em que o homem nada faz por si e age pelo influxo da fortuna.

Os estudos de D. Henrique, o navegador, porém, eram todos no sentido de alcançar um objectivo determinado, difficil mas praticavel, porque alguns o haviam conseguido já em parte e constava que outros já tinham pretendido quasi attingil-o completamente.

Dizia-se com effeito que o almirante carthaginez Hannon fizera uma viagem pela Africa mas não só essa expedição fôra tão inutil que passava quasi por um mytho, como o proprio *Periplo de Hannon* só faz referencias ao golfo de Guiné, e portanto antes das investigações dos mareantes de Sagres nada ha de positivo sobre toda a costa africana além d'aquelle golfo.

Falta o mesmo cunho de segurança e valor historico á carta de Carlos V de França ao seu cavalleiro de Pencoedit, porque o documento não menciona o reino ao qual ia despachado e enviado e é um commentador quem se presta graciosamente a dizer que se tratava da costa africana (15)!

Fosse como fosse, a conclusão arrojada de chegar ao Indostão pela circumnavegação do continente negro era uma temeridade genial, attendendo ás premissas defeituosas e incompletas do tempo!

(14) Os Portuguezes não tinham idéa até então, como ninguem tinha, das correntes marinhas conhecidas agora com o nome de Gulf Stream. Vasco da Gama foi contrariado por estas correntes na Costa Oriental da Africa e Cabral foi trazido por um dos seus braços, a corrente brazileira, até a costa da America do Sul sem o perceber.

(15) A carta de Carlos V tem a data de 1.º de Julho de 1371. Uma especie de recibo de Jacques de Pencoedit junto a carta do rei diz: *Par devers le roy de Gysel.*

Trata-se, diz o editor dos trabalhos de Carlos V, do paiz d'Africa, chamado Gozola nas cartas catalãs da bibliotheca do mencionado rei.

A esperança na concepção grandiosa era tão forte no Infante que á cada expedição de um dos seus capitães que voltava da Costa, com a descoberta de mais uma facha deste Atlantico tão desejado, elle tinha a presumpção justificada de se approximar do seu fim.

A sua gloria, como a de D. João II, e talvez seja ainda maior neste, porque tinha a responsabilidade do governo, foi em não terem os dois desanimado, apesar de todos os obstaculos, de todos os resultados negativos, de todas as decepções, de todas as opposições e até da descrença geral do povo nessas expedições em que se despendiam dinheiros, navios e homens.

Em consequencia de dados positivos, evidenciados pelas viagens de Marco Polo e de Ruysbroeck, emquanto Bartholomeu Dias dobrava o cabo da Bôa Esperança mandava o rei D. João II outra expedição por terra, composta de dois homens de bôa vontade e valor, Affonsô de Paiva e Pero de Covilhã.

Despachados como embaixadores ao personagem imaginario, intitulado na Europa o Presté João, elles deviam apanhar todas as revelações que servissem para o fim em que o governo estava empenhado. O primeiro morreu logo, mas Covilhã foi do Cairo a Aden, de lá para Cananor e Calicut no Malabar em navios arabes e passou á Goa. Dahi atravessou o Oceano Indico, veio até Sofala na costa oriental da Africa e, voltando ao Cairo, escreveu por emissarios do Maghreb ao rei toda a descripção do que tinha viajado, visto e colhido sobre a ilha da Lua (Madagascar) e as distancias approximadas que separavam a Costa da Africa do Malabar, isto é—do Indostão; o que constituiu, pode-se dizer, o maior serviço que diplomata portuguez já prestou a seu paiz, porque foi pela coragem desse homem que o governo teve a certeza de que faria bem continuando as expedições maritimas, de que estava proximo do seu objectivo e de que só lhe faltava uma esquadra bem aparelhada, bem

dirigida e bem commandada para conseguir o que desejava (16).

A isto deu-se com ardor o homem de character duro mas patriota, energico e firme que se chamava D. João II (17).

Prestou-se especial cuidado aos navios, que deviam ser pequenos por causa das restingas perigosas e dos recifes baixos das costas, e solidos por causa da grossura e caprichos dos mares que iam sulcar.

Bartholomeu Dias dirigia a construcção com a sua opinião e o seu conselho.

A armada sahiu em 8 de Julho de 1497 e a 8 de Novembro approximou-se de terra na Angra de Santa Helena, como ainda hoje lhe chamam, proxima ao cabo da Bôa Esperança, onde Vasco da Gama tomou as suas observações astronomicas, a altura do sol com o astrolabio, e reparou os navios, muito maltratados pelas tempestades em quatro mezes de navegar.

No dia de Natal passou a esquadra por uma terra verde e bella e á qual os inglezes, hoje seus protectores, conservam a mesma denominação, que tambem é formosa na sua lingua, Nataland.

Ella ficou, ora visitando a costa, ora pairando no mar, ora ancorada na bocca do Zambeze, onde as tripolações soffreram a influencia do clima insalubre, até 2 de Março, quando chegou a Moçambique, sempre á procura de pilotos praticos no mar das Indias. Sofala, onde estivera Covilhã, tinha ficado para trás, perdida na reintrancia da sua grande bacia.

Em Moçambique, o almirante luta com os negros, dispara as suas bombardas e leva dahi um piloto arabe, o qual parece que foi quem o conduziu até Mombaça, ao cahir da noite de 7 de Abril. Alli havia já muitos mahometanos, a quem ás vezes os por-

(16) Oliveira Martins.—John Fiske—The discovery of America.

(17) Este monarcha porém não viu a expedição. Ella partiu 3 annos depois da sua morte.

tuguezes tomavam na sua ignorancia por christãos sectarios de S. Thomé, o apostolo do Levante.

Chegou a Melinde em dia de Paschoa de 1498.

Só ahi foi que elle conseguiu um piloto gusarate para conduzil-o á India, o qual mostrou ao almirante portuguez um mappa hydrographico do Indostão, feito pelo systema das cartas planas ou de projecção cylindrica com os meridianos e parallelos, muito mais claro e melhor do que os de que usavam os europeus (18).

Sahiu a armada a 24 de Abril e poucos dias depois, navegando no rumo de Nordeste, descobriram todos de bordo a estrella polar que por tantos mezes não tinham visto.

A 20 de Maio pela tarde os marinheiros entoavam uma salve rainha deante de Calicut na terra classica da India!

Não é a mim que compete narrar a fascinadora epopéa da Asia, e a descripção epica dos feitos heroicos que constituem a maior gloria militar de Portugal.

Nem os prodigios do valor hellenico, nem a superioridade tactica dos Romanos, nem a lembrança da batalha de Magnesia, em que os Scipiões com 32 mil legionarios venceram aos 180 mil asiaticos de Antiocho, nem a de Narwa em que Carlos XII desbaratou 80 mil russos com 8 mil suecos disciplinados, nada, nada pode rivalisar com o valor portuguez, e as façanhas de D. João de Castro ou de Francisco de Almeida (19).

A gloria foi tão grande, a importancia do pequeno reino cresceu de tal modo que Lisboa se tornou a séde do commercio do Oriente e do Occidente e uma das capitaes preponderantes do mundo!

Mas a fortuna militar não consolida!

Desde que ao soldado não segue o administrador que conserva ou funda um systema politico liberal

(18) Latino Coelho—Varões illustres.

(19) Latino Coelho—Varões illustres.

ou pelo menos moralizado e humano, pode-se dizer que está perdido o esforço empregado.

Os servos passam bem de uma dominação a outra com tanto que o novo senhor o maltrate menos.

O Indostão passou aos holandeses e aos ingleses não só porque elles tinham mais força, elementos e recursos como porque a sua dominação é mais equitativa e tolerante.

Não é a mim também que cumpre dizer as atrocidades, as torpezas da India, tão grandes como as da Sicilia, no tempo da pretura de Verres.

Os publicanos de Roma, que elevavam quatorze vezes os impostos da Asia, eram umas creanças dignas de piedade ao lado daquelles negociantes, daquelles fidalgos, daquelles protegidos que não tinham domado as difficuldades do mar com os talentos de Vasco da Gama nem o Indostão com a espada de Francisco de Almeida; porém que cahiam sobre as Indias, como abutres sobre uma preza a devorar.

Por isso, pela ganancia, pela injustiça, pela relaxação de todos os laços de disciplina e de ordem nunca interessaram os gentios na conservação do seu poder, que foi temido e não foi amado, nem puderam garantir aos seus proprios compatriotas e outros aventureiros europeus a estabilidade e a paz que não podem existir com as violações do direito.

A anarchia chegou a tal ponto que se viu o proprio Gama desobedecido e menospresado na India, não pela opposição de mouros e malabares, mas dos proprios portuguezes, daquelles fidalgos aos quaes vinha quasi moribundo intimar que terminassem a infrene tavolagem das suas ambições! (20)

Quem havia de dizer que os espoliadores da India desprestigiariam e desrespeitariam o descobridor da India?

Não é a mim que cabe contar o sombrio capitulo da decadencia, o longo e triste periodo das quedas

(20) Latino Coelho—Varões illustres—Vasco da Gama, 2.º vol.

de grão em grão, que foi o tremendo infortunio dos portuguezes, desde o dia em que chegam os hespanhões e lhe tomam a independencia e aquelle terrivel em que foi preciso entregar a India até aquelle outro tambem sinistro em que forçoso lhe foi entregar Malacca, ou quando chegam almirantes taciturnos e marinheiros robustos que lhe arrebatam o proprio cabo Tormentario onde Adamastor tinha surgido deante das náus na bella epopéa de Camões!

Nem o dominio do mar, assegurado por grandes armadas, como propunha Francisco de Almeida, nem a organização de um imperio grandioso, fundindo, amalgamando os dois povos, á similhaça do que Alexandre tentara entre os Helenos e os Persas, e como o queria Affonso de Albuquerque, nada disso foi comprehendido pelos homens que expulsavam os mouros e que julgavam uma obra meritoria que se transformasse a veiga de Valencia nas *albuferas* que ainda hoje alli existem.

As riquezas passaram pelo pequeno reino como as cargas do oiro da America passaram pelo reino visinho sem se demorar num como no outro (21).

Querendo impôr sua crença aos colonos para execução da divisa intolerante—*Uma lei, uma fé*—o que se vio foi que as descobertas despovoaram de cultivadores os campos, devoraram os marinheiros e num systema financeiro impossivel em que a receita vinha de fóra já realisada, o paiz lançava tambem para fóra o dinheiro que ia pagar o alimento, as fazendas e os objectos de consumo aos povos laboriosos cujas terras eram lavradas, cujos teares trabalhavam, cujas pastagens creavam, cujas minas produziam. (22)

E por uma ironia da sorte, das que são tão frequentes na historia, eram os mesmos judeus escapos aos furores da perseguição que fundavam bancos em

(21) Anthero do Quental. Pinheiro Chagas—Historia de Portugal e Diccionario Popular.

(22) Anthero do Quental. Ramalho Ortigão—Introducção á Edição dos Lusiadas de 1880.

Londres e Amsterdam, porque elles tinham ido levar aos paizes do Norte o seu labor com as lagrimas de saudade das patrias que os tinham proscripto!

Adoremos o passado das antigas raças illustres, nós que applaudimos o advento das raças novas, agora que ellas chegam á scena do mundo, onde as outras têm gravada em taboas de velho bronze a sua historia, com o vigor e o encanto irresistiveis da mocidade e da belleza.

Ellas vêm com o attractivo prodigioso, omnipotente, da juvenildade, á similhaça de moças cujos labios rubros sorriem promessas de amor e cujos flancos amplos promettem fecundidade feliz.

Estas filhas dos veteranos do mar, de Colombo, de Magalhães e do Gama, vêm tomar o seu logar na arena politica da terra!

Ellas não têm as palpebras escoriadas pelos ventos asperos do largo, mas se percebe que o sopro dos desenganos e das revoluções já lhes fustigou os cabellos!

Nellas se confundem todos os elementos, todos os atomos do sangue dos filhos da Iberia, todo o espirito das Gallias, com a tendencia pratica do velho senso saxonio.

As humilhações da conquista, as coleras das revoltas duramente comprimidas, o capricho e o jogo das doutrinas mais heterogeneas, têm-nas amargurado um pouco e dado um scepticismo de crenças e de ideaes estranho para quem não as estuda nem conhece bem.

Virão pôr em pratica o principio das grandes confederações na America?

Ou serão só os povos de origem saxonica que as conseguirão realisar, como os seus antepassados, realisavam as ghildes germanicas (23).

(23) A nobilissima idéa apresentada nos Estados-Unidos de resolver as questões americanas por um tribunal arbitral composto dos representantes de todos os paizes do Novo Mundo é perfeitamente exequivel e talvez não esteja longe o dia da sua realisação.
R.

Londres e Amsterdam, porque elles tinham ido levar aos paizes do Norte o seu labor com as lagrimas de saudade das patrias que os tinham proscripto!

Adoremos o passado das antigas raças illustres, nós que applaudimos o advento das raças novas, agora que ellas chegam á scena do mundo, onde as outras têm gravada em taboas de velho bronze a sua historia, com o vigor e o encanto irresistiveis da mocidade e da belleza.

Ellas vêm com o attractivo prodigioso, omnipotente, da juvenilidade, á semilhança de moças cujos labios rubros sorriem promessas de amor e cujos flancos amplos promettem fecundidade feliz.

Estas filhas dos veteranos do mar, de Colombo, de Magalhães e do Gama, vêm tomar o seu logar na arena politica da terra!

Ellas não têm as palpebras escoriadas pelos ventos asperos do largo, mas se percebe que o sopro dos desenganos e das revoluções já lhes fustigou os cabellos!

Nellas se confundem todos os elementos, todos os atomos do sangue dos filhos da Iberia, todo o espirito das Gallias, com a tendencia pratica do velho senso saxonio.

As humilhações da conquista, as coleras das revoltas duramente comprimidas, o capricho e o jogo das doutrinas mais heterogeneas, têm-nas amargurado um pouco e dado um scepticismo de crenças e de ideaes estranho para quem não as estuda nem conhece bem.

Virão pôr em pratica o principio das grandes confederações na America?

Ou serão só os povos de origem saxonica que as conseguirão realizar, como os seus antepassados, realisavam as gildes germanicas (23).

(23) A nobilissima idéa apresentada nos Estados-Unidos de resolver as questões americanas por um tribunal arbitral composto dos representantes de todos os paizes do Novo Mundo é perfeitamente exequivel e talvez não esteja longe o dia da sua realisação.

A' vista deste insuccesso da colonisação do Oriente pelos latinos, conseguida depois com tanto exito pelos inglezes, no meio dos desastres que ha 30 annos desabam sobre os povos de origem latina, ha razão deveras para perguntar se será mesmo verdade que elles não podem unir-se nem adinistrar sem as duras formulas da administração romana, incompativeis quasi hoje com o espirito do seculo e as exigencias liberaes da humanidade?

E se será mesmo verdade que entre elles, que entre nós todos, não é possível a ordem sem a tyrannia e a liberdade sem a anarchia?

E se saltaremos eternamente assim, neste supplicio, pela indisciplina do nosso espirito, pelo disequilibrio do nosso systema nervoso doente, pela insufficiencia de nossa cultura, do absolutismo para as dissensões?

Ninguem sabe o futuro, porque elle é só de Deus, mas cumprem todos a sua missão!

E ella é, inflexivel e logica, como foi outr'ora, a liga em um só corpo, das communitades gregas e italicas!

Seja como fôr, ellas vêm continuar a obra dos legionarios e dos navegadores, de Flavio Gioia, o inventor ou propagador da bussola, de Martim Behaim, o inventor do astrolabio, dos maritimos portuguezes e de todos os batedores da civilisação que tem posto os homens em contacto e concorrido para approximar suas idéas e seus interesses.

Ellas têm a confiança em si mesmas e no futuro que dão sempre a mocidade e a consciencia do vigor. Ellas possuem terras virgens, muitas, muito grandes, capazes de alimentar todos os milhões de desgraçados que se estorcem hoje lá do outro lado entre a carabina do soldado e a morte embrutecida do faminto resignado no dia em que estes miseros não quizerem mais morrer como bois atrellados ao trabalho.

E' o grande cyclo tragico da historia que se cumprel
As velhas raças abriram o caminho do Indostão,

da Oceania e da America ás novas idéas, corollarios da Renascença e da Reforma, e ellas fructificam sob o impulso das raças mixtas, das raças novas!

Ninguem sabe o que vão produzir, mas ellas chegam para cumprir o seu destino sociologico, illuminadas pelos archotes da sciencia moderna, tenazes no trabalho, impetuosas e ardentes no combate!

Hoje o filho do saxonio passeia a sua bandeira, orgulhoso, nos mares d'antes latinos.

Naquella Florida descoberta e povoada por hespanhóes esquipam-se hoje as frotas que incendiam e exterminam as suas e vão tomar-lhes os archipelagos e as ilhas que ainda lhes restam. No golfo que foi a estrada dos seus galeões talvez em pouco não navegue um escaler com as suas côres: ellas talvez daqui a alguns dias não tremulem no penól da mais modesta das carangueijas, porque ninguem pode prever a sorte das batalhas, e, nessas costas antilhanas celebradas pelos soffrimentos de tantas tripolações como por tantas atrocidades dos ex-senhores da America, desde a *Bocca do Dragão* que esteve quasi a engolir a armada de Colombo até o canal de Bahama, não sustentarão talvez em pouco as ondas, arridas pelos cruzeiros de seus inimigos, o peso de um bergantim de Cadix !!!

Quando se ouvem narrados os desastres, as injustiças, as miserias das guerras não se pode deixar de reflectir em como se repetem os factos na vida das nações e como as influencias da origem e da educação dos povos são inexoraveis como as leis da sociologia, infalliveis como as da Physical

Permitti que eu evoque, Senhores, neste dia consagrado á commemoração do maior feito de um povo latino, pelo interesse que excita naturalmente em nós tudo que é latino, permitti que eu me engolfe nas reminiscencias latinas, que eu desprese todas as comparações que não sejam as da sua historia, permitti que eu evoque (se não estaes demasiado fatigados com estas digressões ao passado da vossa raça e ás nobrezas do vosso sangue) um dos factos da vossa

gloriosa estirpe quando a republica romana se desmantelava e quando da Constituição que levára a patria ao dominio do mundo só restavam as formulas vacias de principios desacreditados e fóra de epocha.

Sabia-se que a liberdade dos povos da península italica era questão de tempo e talvez de pouco tempo!

Já se tinha dito até que Quinto Pompeio Silo, um dos soldados mais ousados e um dos chefes mais habéis do movimento libertador, se tinha offerecido para entrar em Roma, de noite, com um punhado de companheiros valentes e impôr no fóro á plebe aterrada e á nobreza egoista a liberdade dos Italiotas com o gladio na mão (24).

Os ricos entretanto teimavam sempre, porque faziam da conservação uma força, da qual as concessões sahiam sempre tarde, muito tarde, quando não serviam mais!

Um dia, ao pôr do sol, Marco Livio Druso, o conservador revolucionario de Roma, como lhe chama Mommsen (25), quando, de pé, no limiar da porta de sua casa, se voltava para despedir-se e agradecer aos numerosos clientes que o acompanhavam, dobrou de repente os joelhos e cahio, com a mão estendida para a estatua de seu pae, symbolo da *virtus*, a virilidade, a consciencia orgulhosa da força e da *prudencia*, o aperfeiçoamento subtil dos direitos do cidadão e do estado, que constituíam a honra e a gloria dos Drusos.

A aristocracia pensava ter supprimido com uma punhalada o espirito do unico homem capaz de encaminhal-a a conceder as liberdades necessarias aos seus subditos e alliados, mas o que ella tinha cortado deveras fóra o fio de uma conciliação e dahi em deante o que se devia seguir era o duello de morte, do qual nasceu a democracia imperial de Cezar.

E ainda daquella vez não foram livres os Italiotas!

Mas que importou, se do sangue dos trezentos mil moços trucidados na mais medonha guerra civil que

(24) Mommsen—Historia Romana.

(25) Historia Romana.

desolara até então a bella terra de Italia havia de brotar o nucleo daquellas legiões gaulezas que vieram com estrangeiros, celtas e germanos, derrubar a olygarchia, a republica e toda a ordem de cousas existentes!

E de nada serviu ao principio velho o *sentimento* representado pelo tribuno Lucio Metello, quando simulou lançar o seu corpo para a frente em defeza do thesouro publico, no dia em que o illustre calvo, saciado de prazeres, mandou buscal-o!

Sempre que se repara, Senhores, nos factos que se desenrolam durante a vida das nações, como o historiador que não tem partidos nem preferencias, nota-se que são como destinos que se executam, á similhaça de leis biologicas.

Ainda ha bem pouco tempo o mundo assistiu a realisacão de um destes.

Foi quando no palacio do Vaticano, naquella tempestuosa e sombria tarde de 14 de Julho de 1870 accendeu-se uma tocha para que Pio IX podesse ler o decreto que o fazia infallivel e quando ao verdictum dos velhos cardeaes e dos bispos respondeu a Europa com o ruido sinistro de canhões que se despejam e com aquelle sentimentalismo platonico e decente que, deante das grandes desgraças, encobre mal preoccupações mais interesseiras.

Applaudamos sinceramente o passado sem querer ver hoje o que ha nelle de lugubre, porque é natural que gozem os seus dias de satisfacão os povos que têm glorias, como gozam as mais humildes familias das suas festas e porque é justo que lhes agradeçamos o que fizeram andar em caminho para deante a humanidade.

Saudemos, Senhores, esta velha e gloriosa bandeira que tem inscriptos nos cantos os nomes dos continentes em que ella se immortalisou; que ella percorreu audaz e victoriosa, quando da costa do Brasil ao mar das especiarias, da bocca do Mediterraneo a Macáo ella era respeitada e illustre!

Saudemos a memoria desta descoberta do povo

irmão, porque ella foi o inicio da descoberta do nosso proprio territorio, da nossa mesma patria; porque Cabral acompanha o Gama, é o seu companheiro e o seu emulo, e, porque por ella tivemos o *Christianismo e a civilização !!!*

Os que herdaram a sua hegemonia no mar tiveram a fortuna de praticar principios que elle não conhecia, mas isto não diminue a sua grandeza, porque cada povo tem a sua missão na historia!

A esteira porém que os seus navios abriram no mar foi fecunda e a ella deve o progresso a exequibilidade de muitos dos seus triumphos, pois que para elle agem consciente ou inconscientemente até os elementos de destruição, como para a vida concorre a morte nas mãos sabias da natureza.

Na homenagem grandiosa a que se associa sincera a instituição ainda humilde, que eu represento tão mal, na commemoração que se faz hoje, dedicada ao grande papel politico e social dos portuguezes de ha 400 annos, como a maior, mais nobre e mais brilhante das suas glorias, parece que se está a ouvir, como um consolo ou uma exhortação de mãe, a melopéa serena, augusta e singela que parece estarem a dizer a vós, descendentes dos heróes do Oriente, alguns pedaços de madeira, os restos das náus de Bartholomeu, de Cabral e do Gama, engastadas nos museus, encravadas nos bancos madreporicos da Oceania, espedaçadas em todos os recifes, em todos os escolhos, adornadas nas areias de todas as praias onde naufragaram portuguezes.

Ellas, as carcomidas quilhas, parecem estar a fallar, como se fosse a propria voz da patria que cantasse. . . em notas. . . ora suaves, ora orgulhosas como hymnos de triumpho:

—Nós fomos noutro tempo, ora vencedoras, ora vencidas, mas nunca fomos domadas!

Nós tambem cruzamos o mar, jogamos na crista da mareta, cuspimos mastros e costuras quando o vento soprava doido, e balouçamos suavemente as nossas quinas nos dias luminosos do Equador!

Ouvimos os gritos dos supplicios e as pragas dos marinheiros e os seus cantos ternos nas noites de luar doce, quando se lembravam dos perfis de suas noivas ou dos beijos de suas filhas!

Sentimos nos verdugos do costado as chicotadas da vaga, rompemos pelos nevoeiros densos dos mares austraes e fustigou-nos a furia louca dos sudoestes de Abril!

Vêde estes entalhes, estas cicatrizes que a agua salgada e o attrito dos seixos ainda não poderam apagar?

Pois foram as machadinhas de abordagem dos Venezianos e dos Arabes, aquelles traficantes e estes senhores dos mares do Levante que nol-os fizeram, um dia no golfo de Oman e outro á entrada do estreito de Ormuz; quando era Affonso de Albuquerque quem nos commandava!

Nós tambem sentimos correr o sangue quente dos soldados e trememos aos roncões da artilheria!

Nos nossos convézes, no córte do cadaste, no talhe dos cavernames entrava-nos, ainda nos estaleiros, a alma, o vigor de uma raça que tinha confiança em si e de uma geração que tinha a segurançado que valia!

Que importa, porém, que o fundo dos mares esteja cheio dos destroços das armadas perdidas, se do sangue derramado como em holocausto nas esquadras que hoje se encontram sobre as ondas, se do proprio horror das hecatombes se levantará a necessidade da paz, como em Solferino, quando o taciturno coroadó estremeceu commovido diante do execravel quadro? (26)

A paz que fecunda a terra, em que ha logar para todos, em que mourejam os homens livres, onde mulheres e creanças cantam versos ao trabalho e ao amor!

Não! Não importa que o mar esteja cheio dos destroços das frotas perdidas, porque, como do humus

(26) Kossuth—Lembranças e escriptos de meu exilio.

brota a arvore viçosa e forte, d'estes mesmos restos gloriosos, has de surgir, luminosa e altiva, tu, que és a utopia dos revolucionarios, o sonho querido e divino das raças novas, de todos nós que pensamos e que soffremos, has de surgir, tu, oh! Liberdade, rutilante e serena como um astro que se levanta do mar, triumphante e sublime no teu esplendor!!!

(*Applausos geraes. O orador é vivamente felicitado.*)

Juizo da imprensa

Diario da Bahia

«Occupou em seguida a tribuna das conferencias o Dr. Braz Hermenegildo do Amaral, orador official do Instituto Geographico e Historico da Bahia, que alli se fizera representar por toda a mesa e numerosissima commissão.

O orador, com aquelle senso critico que possui e lhe é servido por copiosa erudição, occupando-se do facto que alli attrahira a alma intelligente de sua terra natal na fraternisação das grandes idéas de civilisação, que a apaixonam e captivam, produziu um substancioso discurso.

A sua confereneia foi um estudo completo do trabalho realizado pelos arrojados navegadores portuguezes para gloria e opulencia da civilisação occidental; bem como das causas que influiram para o não aproveitamento dos poderosos elementos economicos, dados pelos intrepididos marinheiros á nação portugueza, que se fizera a rainha dos mares e o celeiro do mundo.

Desenvolvendo largas considerações sobre os factos sociologicos que lhe coube apreciar, o orador trouxe por todo o tempo em que esteve na tribuna, todo o auditorio preso á sua eloquente palavra. A primorosa peroração do seu discurso foi um hymno ás forças uteis do homem hodierno, á liberdade e ao trabalho.

De toda a sala applausos rebentaram abafando as ultimas palavras do orador num phrenesi de bravos e palmas».

Diario de Noticias

«Em seguida obteve a palavra o illustrado Sr. Dr. Braz Hermenegildo do Amaral, orador official do Instituto Geographico e Historico da Bahia.

Salvas de palmas expontaneas e prolongadas saudavam a presença do festejado orador, quando apresentou-se ao publico, que está acostumado a vel-o alar-se ás culminancias da oratoria a que ascendem os eleitos da intelligencia esmaltada pelo estudo.

Durante 50 minutos, com a magia de seu verbo encantador e feliz, o Sr. Dr. Braz do Amaral, mostrando extraordinaria competencia de seus conhecimentos historicos, em phrase burilada com o cuidado de um apaixonado artista da palavra, embeveceu o publico que, palpitante, numa explosão de applausos, deixou extravasar o entusiasmo de sua admiração, quando o notavel orador terminava a bellissima peroração de sua conferencia, na altura do assombroso facto memorado.

Muitas foram as felicitações merecidamente dispensadas ao Sr. Dr. Braz, que foi abraçado por toda a commissão».

Correio de Noticias

«Sucedeu ao Dr. João Salgado, consul portuguez e presidente de honra da commissão dos festejos, o illustrado Sr. Dr. Braz do Amaral, orador do Instituto Geographico e Historico que, ao pisar em scena, trazido por uma commissão, foi recebido por prolongada salva de palmas.

Largo tempo, a palavra brilhante e rica de erudição do orador proclamado dominou a attenção do auditorio em verdadeiros raptos de eloquencia e pela segurança do criterio historico a incidir com verdade e justiça sobre os accntecimentos commemorados.

As suas ultimas palavras—peroração admiravel, causaram sensação, de cujo estado o escolhido auditorio sahiu, como ao impulso de uma corrente electrica, para a expansão de applausos geraes».

Cidade do Salvador

«O Sr. presidente deu então a palavra ao Dr. Braz do Amaral, que mais uma vez confirmou os seus creditos de orador.

A sua luminosa oração foi escutada com religioso silencio, sendo S. Ex. recebido por entre acclamações quando appareceu ao palco.

Por ser esta uma breve noticia e que não tem o espirito de critica, não analysamos alguns pontos do notavel discurso do preclaro orador, dos quaes discordamos completamente por não obedecerem á imparcialidade da historia. Entretanto daqui enviamos um bravo ao consummado burilador da palavra, que sempre arreбата e encanta.

O final do discurso do Dr. Braz, que elle concluiu com uma apotheose arrebatadora á liberdade, foi um triumpho».

O Republicano

«Ao entrar no palco o orador do Instituto Geographico e Historico da Bahia, o intelligente e illustrado Dr. Braz do Amaral, foi recebido por uma salva de palmas.

O seu discurso foi uma eloquente e bem elaborada peça oratoria, onde a par da critica historica do facto que se commemorava, eram enaltecidos os feitos

da heroica nacionalidade portugueza, patria dos nossos avós.

As ultimas palavras de sua inspirada peroração foram cobertas de ruidosos e geraes applausos».

Jornal de Noticias

«Deu-se a palavra ao Dr. Braz Hermenegildo do Amaral, professor da Faculdade de Medicina e orador pelo *Instituto Geographico e Historico da Bahia*.

Bella oração, pelo cuidado da forma, poesia de linguagem e criterio de juizos, o discurso do Dr. Braz do Amaral foi mais uma confirmação dos seus talentos e constituiu elevada homenagem da Bahia ás tradições gloriosas dos nossos irmãos de além-mar.

Merece ser lida esta peça que, em molde eloquente, é um optimo estudo historico e social».

A Bahia

«Em seguida ao Dr. Salgado, o Dr. Braz do Amaral, orador do Instituto Geographico e Historico da Bahia, occupou-se do mesmo facto encarado á luz da critica historica.

Ambos foram saudados com vibrantes applausos, fazendo-se ouvir nos intervallos o hymno portuguez e o brasileiro.

E terminou assim a solemne e condigna commoração promovida pela operosa colonia portugueza, com a solidariedade affectuosa que a Bahia nunca cessa de manifestar-lhe deante das glorias da nação amiga».

da heroica nacionalidade portugueza, patria dos
nossos avós.

As ultimas palavras de sua inspirada peroração
foram cobertas de ruidosos e geraes applausos».

Jornal de Noticias

«Deu-se a palavra ao Dr. Braz Hermenegildo do
Amaral, professor da Faculdade de Medicina e orador
pelo *Instituto Geographico e Historico da Bahia*.

Bella oração, pelo cuidado da forma, poesia de lin-
guagem e criterio de juizos, o discurso do Dr. Braz
do Amaral foi mais uma confirmação dos seus ta-
lentos e constituiu elevada homenagem da Bahia ás
tradições gloriosas dos nossos irmãos de além-mar.

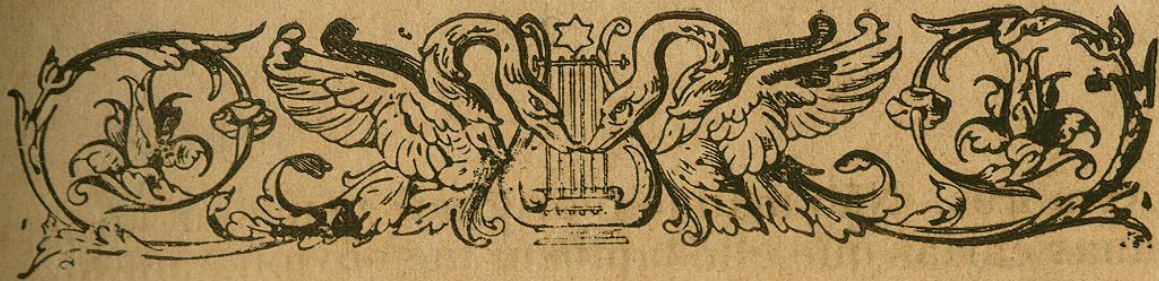
Merece ser lida esta peça que, em molde eloquente,
é um optimo estudo historico e social».

A Bahia

«Em seguida ao Dr. Salgado, o Dr. Braz do Amaral,
orador do Instituto Geographico e Historico da
Bahia, occupou-se do mesmo facto encarado á luz da
critica historica.

Ambos foram saudados com vibrantes applausos,
fazendo-se ouvir nos intervallos o hymno portuguez
e o brasileiro.

E terminou assim a solemne e condigna comme-
moração promovida pela operosa colonia portugueza,
com a solidariedade affectuosa que a Bahia nunca
cessa de manifestar-lhe deante das glorias da nação
amiga».



SERRA DOS AYMORÉS

Interessante exploração, costumes indígenas

Communição da correspondencia do explorador Frot apresentada ao Instituto Geographico e Historico da Bahia pelo Dr. Braz do Amaral.

Sr. presidente—Recebi ha poucos dias a correspondencia que vou ler do Engenheiro Apolinario Frot que explora actualmente a serra dos Aymorés e do meu amigo Sr. Luiz Beuclair que m'a transmittio:

MR. DR. BRAZ AMARAL.

Saude etc.

Por telegramma que o Sr. Gordon teve a bondade de enviar soubestes noticias do nosso pobre amigo Mr. Frot e esperaes carta minha.

A 22 de Fevereiro, depois de 18 dias de viagem através de florestas virgens, sem caminho nem guia, chegaram-me tres homens de M. Frot, chamados Martins, Mauricio e Francisco, achando-se este ultimo bastante doente ou antes esgotado, os quaes me trouxeram uma volumosa correspondencia, da qual eu envio na carta seguinte a copia de algumas paginas. Por ella vereis os motivos que o obrigaram a separar-se por algum tempo de tres dos seus companheiros, ficando com um só no meio das montanhas dos

Aymorés. Não mando o original nem seu jornal nem duas cartas que elle tambem me enviou, porquê estes trabalhos ainda não estão terminados.

A copia é textual.

Caro Amigo

Não morremos ainda, graças a Deus, mas temo muito que a demora da minha volta vos tenha inquietado mais do que era preciso, assim como aos amigos, aos quaes não posso escrever em uma folha de patioba, pedindo que o façaes por mim, mandando uma palavra a cada um delles.

A viagem não tem sido toda de rosas, pois temos sido cruelmente experimentados, porém a minha vontade e a dos quatro homens mais dedicados que tenho encontrado me têm feito vencer todas as difficuldades, digo todas porque o que me resta fazer é muito mais facil. Restabeleci-me felizmente de uma dysenteria que tive e só me perseguem alguns accessos de febre de tempos a tempos. Lêde meu resumo de jornal, olhae para o croquis n. 1, seguirmos-heis por elle passo a passo e vereis onde nós estamos, e quando acabardes a leitura e estiverdes ao corrente dos logares onde passamos, continuae a ler esta e ser-vos-ha facil comprehender o que nós temos feito e quaes são as minhas explorações.

De 31 de Agosto a 7 de Setembro atravessamos mattas espessas (1); de 7 até 14, como podeis ver, procurei passar ora ao norte ora ao sul, emfim a nordeste e os mattos sempre emmaranhados, porém o

(1)—O original de Frot diz *sale* que quer dizer sujo, o que indica que Frot traduziu para o francez a accepção que tem esta palavra no sertão do sul da Bahia; estrada suja quer dizer não tratada, cheia de ramos que não foram cortados; matto sujo, dizem os matteiros das florestas, muito enramado e cheio de sipós, por onde não se pode passar, isto a distingue das grandes florestas virgens que se encontra n'aquella serra e onde as arvores só esgalham em cima, podendo-se andar com facilidade relativa por entre os troncos. N. do T.

tempo é bom ou pouco mais ou menos bom; de 14 a 21 nós subimos para o norte esperando alcançar a divisão das aguas do Jequitinhonha, porém desanimei e desci o Belchior (2) pensando poder avançar para léste e me approximar dos Dois Irmãos Grandes (3), porém tomavam-me o caminho immensos rochedos e eu tenho de tornar a sahir para o norte até 1º de Outubro; os mattos são mais limpos e o tempo me favorece: depois no meio de precipicios de toda a sorte descemos o Esphinge (4) e nos achamos no meio do mais terrivel da Serra dos Aymorés e desgraçadamente chega a estação das chuvas, sendo preciso passar avante, custe o que custar, de maneira que não posso acompanhar alguns dos riachos porque me é preciso marchar pelas alturas que variam de 600 a 900 metros, encontrando felizmente sempre pasto para os animaes o que é de grande importancia para o futuro, quando se cultivar esta região. Emfim a 22 chegamos a Piaia (5), pouco mais ou menos na liuha do Rubin.

Eu julgava encontrar ahi ou perto as nascentes do Rio de Porto Seguro (6), mas estava em erro e fui obrigado a marchar para léste onde encontrei o S. Marcos, um grande affluente do Enchadão quando eu pensara que o Piaia fosse a nascente do rio Empedrado.

Vejo sempre para léste immensas chapadas mais altas do que as em que estamos, de modo que eu avanço para léste para chegar ao ponto culminante destas chapadas, mas, á medida que nos approximos, os montes se abaixam, as cadeias se nivellam, de modo que quando eu cheguei ao ponto mais alto a que denominei 11 de Novembro verifico que os montes que eu procurava estão a oeste!

(2)—Rio descoberto e assim denominado por Frot, supponho ser affluente do Jucuruçu. N. do T.

(3)—Montes da Serra dos Aymorés.

(4) Rio descoberto por Frot.

(5) " " " " " " " "

(6) Buranhem.

Tenho de voltar sobre os meus passos, mas á proporção que marchamos para o oeste os montes retomam á léste as suas posições altas e os do oeste desaparecem !

Compreendeis o effeito moral que isto causa ao espirito, principalmente quando não se pode explicar o motivo pelo qual estas mudanças se operam, sob a nossa vista, pode-se assim dizer !

Lembro-me de uma tradição que me foi contada em S. Miguel, a qual supponho que vem de antigos exploradores que foram, como nós, as victimas ou joguetes de uma disposição tão extraordinaria das montanhas que á sua aproximação tinham desaparecido.

Sobre os homens que nos acompanham então a influencia do phenomeno é profunda.

Emfim atravesso esta zona magica e encontro ainda as aguas do Jucuracú quando julgava encontrar as do rio de Porto Seguro, de modo que sou obrigado a descer todo o material pelo S. Marcos (7) no meio de immensas difficuldades e subir de novo a serra para encontrar na outra descida *Santa Thereza* que eu subi até as quedas para passar por caminhos de roças do matto e chegar ao lado opposto onde me parece não devia estar muito longe de nós.

Tivemos tempos terriveis; conheceis perfeitamente a estação das chuvas nas florestas virgens; ajuntai ainda que nós a soffremos a 600 metros de altitude no meio de rochedos e de torrentes, onde as arvores se arrancam com a maior facilidade, e entretanto perdemos poucos dias de trabalho, e nunca a coragem nos faltou.

Exploramos o *Santa Thereza* e o *S. Francisco* com os riachos que os cercam, e quando digo exploramos entendeis que nem um fio d'agua nos escapará em minha carta; atravessei a montanha pelo noroeste e encontrei as aguas do *Jequitinhonha* (*Piabanha*) que eu explorei e desci até o primeiro habitante que se

(7)—Supponho ser outro rio descoberto por Frot. N. do T.

acha a 3 leguas do Salto (8) onde os moradores nos fizeram uma magnifica recepção; d'ahi tornamos a subir o Piabanha e passamos a explorar o Beuclair (9); esperava terminal-a antes do fim de Janeiro, porém o máo tempo, a falta de caça, a pouca grossura dos rios que os faz ás vezes confundir com os riachos, os affluentes e a quantidade prodigiosa de nascentes e fontes, pantanos e principalmente os matos emmaranhados nos obrigam a ir lentamente.

Nós perdemos muitos animaes; primeiro a mula que Fritz me emprestou e que era um bom animal apesar de velho; foi mordido por uma serpente: eu não reconheci a mordedura de modo que ella morreu quando eu a suppunha simplesmente doente; a de Manoel morreu de velhice, era um bom animal que trabalhou bem até a morte e a quem não faltava o appetite.

Preá que estava gorda quando eu d'ahi parti, chegou a ponto de não poder ter-se em pé, e entretanto comia muito.

Richette que chegava sempre para soccorrer as outras quando adoeciam e levar-lhes a carga, foi morta de accidente; Ferreiro passa bem, está gordo e sem ferida.

Piaba achava-se um pouco magra depois de ter estado muito doente, e a segunda mula que Fritz me emprestou está em bom estado, porém é um máo animal que nos tem servido pouco.

De todos os cães restam-me tres e dos peiores.

Machinista morreu de peste, elle manteve em respeito uma onça parte da noite de 7 de Novembro; Souvenir, o cão de confiança de André, foi degollado por um porco do matto; quando os meus homens chegaram já era tarde; bom cão, porém, não podia durar muito tempo porque pegava todos os porcos a dente; Moustache morreu como covarde pois passava o seu tempo a comer ou a dormir; sempre

(8) Salto do Italiano provavelmente: povoação á margem do Jequitinhonha.

(9) — Rio descoberto e assim denominado por Frot.

acha a 3 leguas do Salto (8) onde os moradores nos fizeram uma magnifica recepção; d'ahi tornamos a subir o Piabanha e passamos a explorar o Beuclair (9); esperava terminal-a antes do fim de Janeiro, porém o máo tempo, a falta de caça, a pouca grossura dos rios que os faz ás vezes confundir com os riachos, os affluentes e a quantidade prodigiosa de nascentes e fontes, pantanos e principalmente os mattos emmaranhados nos obrigam a ir lentamente.

Nós perdemos muitos animaes; primeiro a mula que Fritz me emprestou e que era um bom animal apesar de velho; foi mordido por uma serpente: eu não reconheci a mordedura de modo que ella morreu quando eu a suppunha simplesmente doente; a de Manoel morreu de velhice, era um bom animal que trabalhou bem até a morte e a quem não faltava o appetite.

Preá que estava gorda quando eu d'ahi parti, chegou a ponto de não poder ter-se em pé, e entretanto comia muito.

Richette que chegava sempre para soccorrer as outras quando adoeciam e levar-lhes a carga, foi morta de accidente; Ferreiro passa bem, está gordo e sem ferida.

Piaba achava-se um pouco magra depois de ter estado muito doente, e a segunda mula que Fritz me emprestou está em bom estado, porém é um máo animal que nos tem servido pouco.

De todos os cães restam-me tres e dos peiores.

Machinista morreu de peste, elle manteve em respeito uma onça parte da noite de 7 de Novembro; Souvenir, o cão de confiança de André, foi degollado por um porco do matto; quando os meus homens chegaram já era tarde; bom cão, porém, não podia durar muito tempo porque pegava todos os porcos a dente; Moustache morreu como covarde pois passava o seu tempo a comer ou a dormir; sempre

(8) Salto do Italiano provavelmente: povoação á margem do Jequitinhonha.

(9)—Rio descoberto e assim denominado por Frot.

quando terminava os restos de nossas caçadas se punha a dormir e parece que foi durante uma d'estas séstas que alguma onça o devorou. Luiz quiz fazer d'elle um bom cão mas foi impossivel. Coleira morreu tambem; tinha-se tornado superior a Machinista e já era um bom *onceiro*; Cartouche está em bom estado, mas não tem faro e só me resta com este uma boa cadellazinha que o Sr. Hygino me deu e um outro cão de André que não vale grande cousa, mas que já nos fez matar uma *susuarana*, de modo que preciso absolutamente de bons cães.

Eis aqui pouco mais ou menos a vida que levamos. Terminados os nossos viveres desde Dezembro, excepto uma pequena quantidade muito pequena que eu reservo para casos muito especiaes, são então nossas armas, facões, espingardas etc., que nos dão a alimentação e quando achamos caça grossa não somos desgraçados; mas quando esta falta, como nas margens de Beuclair, soffremos e soffremos muito: providencialmente encontramos grande quantidade de mel e calculo que eu só bebi mais de 20 litros no mez de Janeiro. Como vêdes se não encontramos o Pactolo no Beuclair vemos pelo menos correr muito mel.

Em consequencia do grande periodo que temos vivido nas mattas esta vida excepcional, passamos já pelas maiores privações sem sentil-as.

O que nos faz soffrer muito é o máo tempo; este anno se annuncia mal para nós a este respeito; estamos sempre molhados, o que nos faz perder muito tempo e impede melhores estudos pois tenho accessos de febre repetidos.

Nossa alimentação se compõe de carne, exclusivamente de carne, de caça, de peixe, porco, e de mel; a carne é assada e fervida, juntando-lhe mel em vez de sal que já não nos faz falta.

Esta vida que para os outros ha de parecer terrivel, torna-se para nós natural e os meus homens que se me têm mostrado extraordinariamente dedicados tornaram-se descobridores excessivamente habeis de

caça e de abelhas; têm adquirido uma destreza em viajar, dirigir-se de um ponto para outro que faz admirar até os proprios indios, como deveis ter lido em meu jornal; algumas vezes eu os mando longe, a logares que nunca fomos e com a maior precisão chegam ao ponto desejado e voltam por outro lado. Martim, sobretudo por sua intelligencia e coragem, tornou-se um auxiliar de primeira ordem; Ludovico, por sua paciencia e boa vontade transformou-se em um verdadeiro indio; Francisco (10) é um pouco fraco para supportar estes trabalhos, porém sua coragem suppre a força; elle é intelligente como sabeis e pelas lições quotidianas de topographia no grande livro da natureza que nós procuramós comprehender, tornou-se um bom piloto e como Martim será em pouco um bom auxiliar.

Todos em fim têm adquirido segurança na execução de nossos trabalhos e completamente perdido o medo do perigo, o que é necessario para viver esta vida selvagem, como fazer uma viagem por dous, tres e algumas vezes quatro dias, apenas acompanhado de um cão.

Mauricio, por exemplo, ficou só durante um mez no acampamento ou rancho em que guardamos as provisões, apesar de termos perdido os nossos melhores guardas que nos defendiam e avisavam da visinhança dos animaes ferozes. Não posso me lembrar sem tremer da noite de 17 de Maio em que só elle fez frente, a noite inteira, a um terrivel tigre, que por duas vezes saltou sobre o meu rancho, para matal-o; é uma cousa terrivel sentir o perigo perto de si, não vel-o para lutar corpo a corpo se é necessario, perceber o sôpro do felino, sentil-o roçar quasi o cano da espingarda e não poder metter-lhe uma bala na pelle.

Depois as tempestades na floresta virgem, o inverno no meio do mais accidentado dos Aymorés onde o vento, as chuvas, as massas d'agua que

(10)—Foi justamente o que adoeceu gravemente.

descem das alturas arrancam, desenraizam, arrastam, abatem, rolam blócos de pedra, os gigantes destas florestas, onde a cada passo somos forçados a parar por um imprevisto, a cada momento temos um perigo suspenso sobre nossas cabeças! Mas nada eguala os que nos ameaçam durante as noites! de dia ainda nos podemos defender, salvar á tempo; mas á noite! E nas noites escuras! é forçoso ficar immovel, ouvindo os estalidos sinistros, os desabamentos horriveis bem perto e sem podermos dar um passo para fugir sequer sem correr o perigo mais imminente de nos collocarmos immediatamente sob o perigo; ás vezes acontece como na noite 17 de Outubro, que uma grande arvore cae sobre o nosso rancho ou como no dia precedente em que um ramo despencou sobre um de nós estendendo-o sem sentidos (11), ou como a outra em que uma arvore cahindo esmagou o nosso velho animal, a bestasinha Richette, que me seguia ha tres annos e que a vida das florestas o tinha de tal modo tornado habil que os indios a chamaram—Camadu-t-não—pequena féra, gato.

Bastava uma arvore deitada de través para que ella atravessasse um rio ou qualquer precipicio; na exploração do Rubin eu desci o rio sem abrir picada, marchando no leito da corrente só, porque ella saltava sobre as pedras e os troncos baixos e sabia abaixar-se para passar por sob os ramos, como sabia reconhecer a presença dos tigres, caso em que corria logo para junto da barraca; uma noite comtudo estive quasi a ser victima de um destes felinos e na precipitação da fuga para a minha barraca derrubou o rancho de Bruno e seus camaradas: já conhecia tambem as aldeias dos indios e dava muitos signaes de alegria quando se avisinhava dellas onde gosava de grandes regalias, como passear com plena liberdade pelas plantações de milho, escolhendo as espigas que lhe apraziam com o consentimento dos proprietarios que tinham até nisto prazer, e onde era o encanto dos

(11)—O proprio Frot.

meninos, que a cercavam de presentes como espigas verdes, bananas maduras, etc. A primeira vez que ella foi cercada por este povo nú que nunca tinha visto, não deixou de ficar bem espantada e tinha um modo de roncicar muito significativo que impunha respeito aos mais curiosos e maiores admiradores; mas em pouco tantas foram as demonstrações amigaveis que se acostumou com elles. Senti muitissimo a perda deste animal.

Estando ao pé dos 2 picos do Prado (12) (croquis n. 2) e tendo terminado a exploração dos riachos que nascem ao pé destas pedras, verifiquei tanta differença entre o que eu via e o indicado nas cartas que existem desta região, que resolvi acompanhar, tão exactamente quanto é possível, a linha de separação das aguas do Jequitinhonha a oeste das dos outros rios a leste, e que foi excessivamente difficil e perigoso, como tereis visto pelo resumo do meu jornal; depois de ter passado as ultimas nascentes do Mameco (13), transpuz as do Belchior e não podendo ir mais longe no meio de tantos precipicios deixei as equipagens com um dos homens em uma das ultimas nascentes deste rio e depois, de pedra em pedra, de chapada em chapada, alcançamos as nascentes do Piabanha (croquis n. 1). Havia quatro mezes e meio que nós estavamos nestas mattas e bem fatigados de tantas subidas e descidas pelo que eu quiz dar aos homens alguns dias de repouso no meio de gente civilisada e nos approximamos de logares onde tinhamos a esperanza de comer alguns legumes, fructas etc. que não tinhamos provado desde a nossa ultima visita aos indios.

Eu contava com a hospitalidade toda patriarchal que este bom povo de Minas me tem sempre dispensado assim como a meus empregados e que é tradicional no lado léste de Minas, onde o hospede é mais dono que o proprio dono. Eu só tinha a roupa de

(12)—Montes descobertos e assim denominados por Frot.

(13)—Rio descoberto e assim denominado por Frot.

meninos, que a cercavam de presentes como espigas verdes, bananas maduras, etc. A primeira vez que ella foi cercada por este povo nú que nunca tinha visto, não deixou de ficar bem espantada e tinha um modo de roncar muito significativo que impunha respeito aos mais curiosos e maiores admiradores; mas em pouco tantas foram as demonstrações amigaveis que se acostumou com elles. Senti muitissimo a perda deste animal.

Estando ao pé dos 2 picos do Prado (12) (croquis n. 2) e tendo terminado a exploração dos riachos que nascem ao pé destas pedras, verifiquei tanta differença entre o que eu via e o indicado nas cartas que existem desta região, que resolvi acompanhar, tão exactamente quanto é possível, a linha de separação das aguas do Jequitinhonha a oeste das dos outros rios a leste, e que foi excessivamente difficil e perigoso, como tereis visto pelo resumo do meu jornal; depois de ter passado as ultimas nascentes do Maneco (13), transpuz as do Belchior e não podendo ir mais longe no meio de tantos precipicios deixei as equipagens com um dos homens em uma das ultimas nascentes deste rio e depois, de pedra em pedra, de chapada em chapada, alcançamos as nascentes do Piabanha (croquis n. 1). Havia quatro mezes e meio que nós estavamos nestas mattas e bem fatigados de tantas subidas e descidas pelo que eu quiz dar aos homens alguns dias de repouso no meio de gente civilisada e nos approximamos de logares onde tinhamos a esperanza de comer alguns legumes, fructas etc. que não tinhamos provado desde a nossa ultima visita aos indios.

Eu contava com a hospitalidade toda patriarchal que este bom povo de Minas me tem sempre dispensado assim como a meus empregados e que é tradicional no lado léste de Minas, onde o hospede é mais dono que o proprio dono. Eu só tinha a roupa de

(12)—Montes descobertos e assim denominados por Frot.

(13)—Rio descoberto e assim denominado por Frot.

trabalho e a muda da noite, longa barba e cabellos, nem um vintem e os meus homens estavam mais apresentaveis, de modo que pareciamos mais bandidos fugitivos do que outra cousa; mas eu contava sobretudo com a minha popularidade nesta parte de Minas (veja-se onde nos leva a presumpção) e fui, como Napoleão para o campones, muito admirado de não ser reconhecido.

Chegamos a uma plantação bastante grande onde os meus homens com faro de cães de caça notaram uma grande cultura de mandioca, muitas bananeiras, um cannavial, galinhas e perús. Já tinham agua na bocca e faziam commentarios, prometendo um devorar uma mandioca [assadinha], pretendendo outro que ouvia pilar e que seria provavelmente arroz, donde tirou logo a conclusão de que nós teriamos gallinha com arroz fresco.

Depois do tradicional « ó de casa »! veio um velho que nos fez entrar sem que lhe fizessem impressão os nomes, pronomes e qualidades que eu lhe citei.

Pensavamos todos em um Perú gordo, pelo ruido que vinha da cosinha, quando depois de tres interminaveis horas soffridas com uma resignação que fazia honra a santos, para quem mal tinha comido pela manhã, servem-nos apenas café e quando julgavamos que era talvez habito da casa e depois viria o melhor, apresenta-nos tres mamões maduros e quatro espigas de milho ainda verdes, tinhamos a fé dos martyres porque julgamos que isso fosse para nos fazer ter paciencia, mas nada; e assim cahiu a noite.

Quando desesperado e abatido perguntei o que havia das nossas provisões a um dos meus homens, responderam-me todos desesperados que tinham dado á chegada um pedaço de porco que nos restava e todo o sal que possuamos. O velho que nos recebeu e que era uma especie de professor dos meninos da familia, comprehendeu tudo, e com uma delicadeza que o honra procurou fazer esquecer com a conversação o Perú com que sonhavamos e terminou depois

a *soirée* com uma secção de musica ao violão no qual tocou a nossa cara *Marselheza*.

Tendo encontrado logar conveniente aproveitando uma occasião em que as nuvens se dissipavam con-segui na manhã seguinte fazer algumas observações, tomar dados astronomicos de que precisava para os meus calculos e com uma resignação que reconheço ter sido evangelica prestei-me a limpar e concertar uma machina de costura da casa.

Emfim, no momento de partir, por commiseração, arrendimento ou para pagar o meu trabalho de official mechanic deram-nos um prato de feijões que serviria quando muito para o almoço de um dos meus homens. Era entretanto perto de meio dia e foi com este pouco que com o pé ligeiro e o estomago tambem viajamos á tarde.

Felizmente era no tempo das *murtas* e como este fructo abundava na estrada comemos delle a plenas mãos, como esfaimados, fazendo cada um dos meus companheiros reflexões desvantajosas sobre as pes-soas que acabavamos de deixar, terminando o mais alegre por dizer que nós tinhamos ido ao Ceará em epocha de grande secca e que devia chamar-se a esta plantação *Ceará*.

Quanto a mim não podia deixar de comparar com as recepções que sempre nos fizeram em S. Miguel, Agua Branca, Prates, Vigia e principalmente com as que nos fazem os meus bons indios *Macões* e mesmo com a cordialidade dos teriveis *Duchichés*.

Não é consoladora esta reflexão, mas eu não posso deixar de fazel-a.

Quando chego a alguma das aldeias indias, a minha approximação é immediatamente annunciada pelos signaes de alguns dos numerosos indios que caçam ou viajam em torno da taba, vindo logo o chefe ou em sua falta algum dos seus irmãos que me acom-panha marchando deante de mim e da gente que eu levo até a casa de recepção que está situada no meio de uma grande praça ou terreiro limitado pelas linhas das casas em forma de angulo obtuso; vem tambem

a *soirée* com uma secção de musica ao violão no qual tocou a nossa cara *Marselheza*.

Tendo encontrado logar conveniente aproveitando uma occasião em que as nuvens se dissipavam consegui na manhã seguinte fazer algumas observações, tomar dados astronomicos de que precisava para os meus calculos e com uma resignação que reconheço ter sido evangelica prestei-me a limpar e concertar uma machina de costura da casa.

Emfim, no momento de partir, por commiseração, arrependimento ou para pagar o meu trabalho de official mechanicó deram-nos um prato de feijões que serviria quando muito para o almoço de um dos meus homens. Era entretanto perto de meio dia e foi com este pouco que com o pé ligeiro e o estomago tambem viajamos á tarde.

Felizmente era no tempo das *murtas* e como este fructo abundava na estrada comemos delle a plenas mãos, como esfaimados, fazendo cada um dos meus companheiros reflexões desvantajosas sobre as pessoas que acabavamos de deixar, terminando o mais alegre por dizer que nós tinhamos ido ao Ceará em epocha de grande secca e que devia chamar-se a esta plantação *Ceará*.

Quanto a mim não podia deixar de comparar com as recepções que sempre nos fizeram em S. Miguel, Agua Branca, Prates, Vigia e principalmente com as que nos fazem os meus bons indios *Mavões* e mesmo com a cordialidade dos terriveis *Duchichés*.

Não é consoladora esta reflexão, mas eu não posso deixar de fazel-a.

Quando chego a alguma das aldeias indias, a minha approximação é immediatamente annunciada pelos signaes de alguns dos numerosos indios que caçam ou viajam em torno da taba, vindo logo o chefe ou em sua falta algum dos seus irmãos que me acompanha marchando deante de mim e da gente que eu levo até a casa de recepção que está situada no meio de uma grande praça ou terreiro limitado pelas linhas das casas em fórmula de angulo obtuso; vem tambem

logo uma rêde feita de fibras de imbaúba ou de imbyra. O chefe designa um dos homens celibatarios para me servir durante todo o tempo em que eu ficar na taba, o qual tem por fim, digo obrigação, encher os carcalhos com fructas e legumes á proporção que os meus homens os tiram, conservar sempre cheio o bambú de agua, que são os potes das casas, velar emfim para que a fumaca não me incommode, e acompanhar-me nos passeios que faço em torno da aldeia. As familias mandam-me presentes que são sempre fructas ou peixe assado ou cosido n'agua, carne de caça preparada á maneira india, e que não é a peor, outros beijús de massa de mandioca misturada com milho verde moido que elles preparam muito bem e que é desconhecido nos outros logares, depois emfim procuram tornar o nosso tempo agradável mostrando-nos numerosos exercicios de corpo e agilidade, tiros ao arco, etc.

Uma vez elles quizeram comparar o alcance dos seus arcos com o meu revolver, pensando sem duvida que, uma arma tão pequena não podia rivalisar com suas flechas; collocaram primeiro o alvo a 50 passos o qual era um ramo em que a flecha pregou-se e em que a bala se encravou deixando um pequeno buraco negro; da segunda vez affastaram o alvo para 100 passos com o mesmo resultado; e da terceira, tendo a flecha cahido ao pé do alvo e a bala passado além, foi grande a admiração delles; mas passou todos os limites do espanto quando eu fiz incendiar uma caixa de phosphoros a 50 ou 60 passos de distancia. Um delles ficou de tal modo transportado que me offereceu tudo o que possuia em troca da minha arma, e que eram dous couros de tigre, muitos de lontra e de veado, um maço de settas e dous arcos.

Quasi todas as tardes e noites me dão serenatas de canto e de musica.

Perto da casa onde sou recebido ha dous mastros pintados de preto e vermelho, um de cinco e outro de dous metros de altura. O canto destes indios se

compõe de vogaes pronunciadas em todos os tons e em todos os diapasões.

Ha aqui a singularidade de serem os homens que têm mulheres os que cantam, e tambem as cantoras só podem ser as mulheres que estão na posse de seus maridos.

As que não estão com seus maridos, as solteiras, os meninos e os celibatarios, são excluidos e ficam re-tirados nas casas durante as sessões. Os cantores se reuñem em torno dos mastros com archotes feitos de madeira especial embebida em cerca derretida.

Em primeiro logar entoam a canção do gavião que agarrou uma preza; os baixos collocam a mão deante da bocca afim de tornar mais surda a voz; os tenores, alguns dos quaes são muito bons, levantam a voz em toda a sua extensão; de repente um assobio estridente se ouve que é quando o gavião arrebatou a sua preza. O acompanhamento é sempre feito pelas mulheres.

Elles passam depois á canção dos amores do veado, que é o que se poderia chamar uma cançoneta e das mais livres se a naturalidade póde algumas vezes ser indecente pois que nada falta, desde os balidos tremulos do galan até outros tons de voz; passarei pelo alto muitos outros cantos para falar de uma canção guerreira que foi a que me fez mais impressão.

Quanto lamento não ter o genio de um Carlos Gomes ou de um Wagner, para comprehender e reproduzir a musica selvagem que eu ouvi e que é alguma cousa mais poderosa do que a do Guarany.

A cerimonia é á noite, na praça illuminada por archotes conduzidos pelos velhos dos dois sexos.

De cada casa sae um homem armado de arco e flecha, trazendo na cabeça uma folha de *mirioba* atada na nuca com a face branca voltada para fóra e formando uma ponta alta na frente, o que lhes dá a apparencia de quem traz um casco elevado.

Avançam estes homens com aspecto sereno conservando o corpo direito e a cabeça alta, formando

compõe de vogaes pronunciadas em todos os tons e em todos os diapasões.

Ha aqui a singularidade de serem os homens que têm mulheres os que cantam, e tambem as cantoras só podem ser as mulheres que estão na posse de seus maridos.

As que não estão com seus maridos, as solteiras, os meninos e os celibatarios, são excluidos e ficam retirados nas casas durante as sessões. Os cantores se reúnem em torno dos mastros com archotes feitos de madeira especial embebida em cerca derretida.

Em primeiro lugar entoam a canção do gavião que agarrou uma preza; os baixos collocam a mão deante da bocca afim de tornar mais surda a voz; os tenores, alguns dos quaes são muito bons, levantam a voz em toda a sua extensão; de repente um assobio estridente se ouve que é quando o gavião arrebatou a sua preza. O acompanhamento é sempre feito pelas mulheres.

Elles passam depois á canção dos amores do veado, que é o que se poderia chamar uma cançoneta e das mais livres se a naturalidade pôde algumas vezes ser indecente pois que nada falta, desde os balidos tremulos do galan até outros tons de voz; passarei pelo alto muitos outros cantos para falar de uma canção guerreira que foi a que me fez mais impressão.

Quanto lamento não ter o genio de um Carlos Gomes ou de um Wagner, para comprehender e reproduzir a musica selvagem que eu ouvi e que é alguma cousa mais poderosa do que a do Guarany.

A cerimonia é á noite, na praça illuminada por archotes conduzidos pelos velhos dos dois sexos.

De cada casa sae um homem armado de arco e flecha, trazendo na cabeça uma folha de *mirioba* atada na nuca com a face branca voltada para fóra e formando uma ponta alta na frente, o que lhes dá a apparencia de quem traz um casco elevado.

Avançam estes homens com aspecto sereno conservando o corpo direito e a cabeça alta, formando

um circulo em torno das mulheres que formam por seu turno um circulo em volta dos mastros.

Nas canções precedentes ellas ficam exteriormente; todas têm os braços passados sobre as espaduas das outras e sustentam em uma das mãos uma folha de patioba que abriga suas cabeças; os homens, collocados exteriormente, um pouco affastados uns dos outros, formam vasto circulo, porque elles são numerosos, e todos levam a perna direita para deante do lado do centro.

O chefe da tribu está ao pé do mastro e é quem dá o tom, começando a cantar lettras ou antes emitindo sons; mas em seu espirito cada um destes sons exprime um pensamento como a vingança, a morte, etc.

O homem selvagem torna-se feroz; seus olhos fazem-se maiores; o corpo levantando-se parece fazel-o crescer, assim como a cadencia que elle fórma batendo com o pé direito e dando um balanço ao corpo.

Os primeiros tenores elevam a gamma até os ultimos diapasões; os baixos parecem cantar debaixo dos pés; ouve-se um assobio e um grito retumbante que é o signal da batalha.

Então é de fazer medo como se transformam as suas physionomias, até as das mulheres que ficam parecendo verdadeiras harpias quando têm de ordinario o aspecto de boas matronas inoffensivas. Emfim as vozes se acalmam, os baixos parecem se extinguir, um tenor somente dá uma nota alegre; cada um dos guerreiros finca uma flecha deante de si e parece repousar.

Eis como eu passo algumas vezes tres ou quatro dias no meio d'estes bravos indigenas sem me aborrecer; elles me convidaram a assistir a cerimonia, não da circumcisão, mas da suspensão ou antes prisão do penis por um cordão, o que fazem aos meninos quando chegam á idade de 7 annos ou 8 annos. Isto dá motivo todos os annos a uma festa, servindo

os mestres de canto de sacerdotes da cerimonia a qual é assistida pelos paes dos meninos.

Não ha duvida que se conhece muito mal estas raças indias e sobretudo que as julgam injustamente quando as comparam aos numerosos individuos que a civilisação embrutece e degrada.

E' preciso vê-los em seu quadro natural para comprehendêr que raças poderosas se extinguem e desaparecem.

No meio d'estas immensas florestas, onde antigamente elles tinham estradas que communicavam de Norte a Sul, de Leste para Oeste e de tribu para tribu, hoje os raros povos que existem não têm mais estas grandes communicações, perdem todos os dias as tradições que ligavam os povos a outros, perdem pela mesma razão os começos de civilisação adquirida por seus antepassados, civilisação que não era grande mas que existia, como podemos reconhecer a cada passo, pelos destroços de sua industria. (14)

Com um pouco de paciencia e algumas observações eu cheguei a reconhecer a maior parte de suas grandes vias de communicação n'esta região.

Havia uma grande estrada que vem do Mucury, sobe por um affluente d'este rio até encontrar uma outra que de S. Miguel e Agua Branca continúa pelo norte até o Salto com um ramal para Cachoeirinha.

(14) Estas observações de explorador Frot concordam admiravelmente em muitas partes com as descobertas e estudos feitos nas estradas construidas na cordilheira dos Andes.

Si bem que o estado de civilisação dos nossos aborigenes fosse inferior ao do povo que habitava nas margens do Pacifico, não ha duvida que muitos pontos de contacto ha, e a verdade não se poderá saber sem estudar os nossos seritões e os nossos indios como Frot está fazendo.

O que infelizmente se confirma cada vez mais, é que o fanatismo catholico e o interesse de escravizar, dos hespanhoes e portuguezes, destruiu bestialmente na brutalidade das matanças todos os germens de civilisação dos aborigenes da America e até as provas d'ella que talvez só agora comecem a ser entre nós descobertas.

os mestres de canto de sacerdotes da cerimonia a qual é assistida pelos paes dos meninos.

Não ha duvida que se conhece muito mal estas raças indias e sobretudo que as julgam injustamente quando as comparam aos numerosos individuos que a civilisação embrutece e degrada.

E' preciso vê-los em seu quadro natural para comprehender que raças poderosas se extinguem e desaparecem.

No meio d'estas immensas florestas, onde antigamente elles tinham estradas que communicavam de Norte a Sul, de Leste para Oeste e de tribu para tribu, hoje os raros povos que existem não têm mais estas grandes communicações, perdem todos os dias as tradições que ligavam os povos a outros, perdem pela mesma razão os começos de civilisação adquirida por seus antepassados, civilisação que não era grande mas que existia, como podemos reconhecer a cada passo, pelos destroços de sua industria. (14)

Com um pouco de paciencia e algumas observações eu cheguei a reconhecer a maior parte de suas grandes vias de communicação n'esta região.

Havia uma grande estrada que vem do Mucury, sobe por um affluente d'este rio até encontrar uma outra que de S. Miguel e Agua Branca continúa pelo norte até o Salto com um ramal para Cachoeirinha.

(14) Estas observações de explorador Frot concordam admiravelmente em muitas partes com as descobertas e estudos feitos nas estradas construídas na cordilheira dos Andes.

Si bem que o estado de civilisação dos nossos aborígenes fosse inferior ao do povo que habitava nas margens do Pacifico, não ha duvida que muitos pontos de contacto ha, e a verdade não se poderá saber sem estudar os nossos sertões e os nossos indios como Frot está fazendo.

O que infelizmente se confirma cada vez mais, é que o fanatismo catholico e o interesse de escravisar, dos hespanhoes e portuguezes, destruiu bestialmente na brutalidade das matanças todos os germens de civilisação dos aborígenes da America e até as provas d'ella que talvez só agora comecem a ser entre nós descobertas.

N. do T.

Uma outra vinha do Rubin, cortava as duas primeiras em um grande circulo de pedras no meio do qual ha um pico de mais de 900 metros de altura e de facil ascensão que lhes servia de observatorio.

Encontra-se ao pé d'este pico uma immensa gruta formada por um enorme blóco de pedra que repousa sobre outras duas pedras menores a 20 metros de altura, e que era uma das estações ou logares de descanso e refugio contra inimigos e animaes ferozes, e onde, durante seculos provavelmente, muitas gerações se abrigaram, como o demonstram os restos ou detritos de toda a especie que alli descobri. (15) D'ahi a estrada continúa para Leste e vae descendo o rio Buranhem com uma ramificação que passa pelas nascentes do Jucurucú até a Jararaca e supponho mesmo que até o Jundiá.

Emfim havia ainda uma estrada que ia até o rio do Sul, da qual segui o traçado durante alguns kilometros na minha primeira exploração.

Todos estes caminhos ou estradas convergem para o mesmo ponto, o mesmo centro, o que parece indicar que os povos que ahi habitavam e viajavam, tinham entre si relações estreitas e seguidas, pois é facil comprehender que todos estes caminhos não se terminaram no Mucury ao Sul ou no Jequitinhonha ao norte e ao Oeste.

Julgo que estas estradas que pela maior parte acompanham os cursos dos rios baixos ou riachos de leitos arenosos lhes offereciam um caminho sempre limpo e aberto porque nos logares onde elles não podiam passar pelos leitos dos rios marchavam pelas longas

(15) Pelo que, deprehendo que Frot descobriu um sambaqui. Oxalá que esta descoberta não fique n'isto porque o estudo d'este deposito pode trazer importantes esclarecimentos aos estudos começados por Lund sobre o homem prehistorico do Brasil.

arestas das divisões das aguas onde a natureza da vegetação durante as secas lhes permitia deitar fogo; estes incendios repetidos e as chuvas que se seguiam arrastando as terras deixaram nús os rochedos; era d'este modo que elles tinham estradas sempre limpas e pelas quaes caminhavam com segurança e rapidez.

São estes destroços de raças fortes, estes restos de povos que foram poderosos, que depois de terem perdido as suas terras e de terem sido encerrados em pontos de onde não podem sair, estão constantemente ameaçados de ser reduzidos a condição de ilótas, porque a chamada civilisação sem a educação não será outra cousa.

Quão superiores eram os meios de que se serviam os jesuitas para pacificar e civilisar estes indigenas? (16)

Em primeiro lugar conservando a sua lingua e, em vez de tirar-lhes as suas moradas, estabelecendo-se no meio d'elles; creando os meninos em seus collegios com cuidado, nos casos em que chegaram a poder separal-os das tribus, ensinando-lhes sobretudo os exercicios corporaes e a se servirem de nossos instrumentos de trabalho para os enviarem depois para o meio de seus paes.

Hoje, desde que estes pariás se mostram em um ponto qualquer, são immediatamente alvos da suspeita geral, perseguidos, presos ou mortos muitas vezes por ordem das proprias autoridades.

Perguntaram-me elles porque eu não fallo aos homens da minha raça que são meus irmãos, em favor delles, em que tambem fui adoptado pelo chefe da primeira taba e sua mulher mais antiga?

(16) E o explorador não sabe provavelmente todas as tristes verdades que as expressões trato e catechese dos indios exprimem, e como a nossa preguiçosa civilisação tem sido mais intolerante e fera do que a barbaaria d'elles.

Uma outra vinha do Rubin, cortava as duas primeiras em um grande circulo de pedras no meio do qual ha um pico de mais de 900 metros de altura e de facil ascensão que lhes servia de observatorio.

Encontra-se ao pé d'este pico uma immensa gruta formada por um enorme bloco de pedra que repousa sobre outras duas pedras menores a 20 metros de altura, e que era uma das estações ou logares de descanso e refugio contra inimigos e animaes ferözes, e onde, durante seculos provavelmente, muitas gerações se abrigaram, como o demonstram os restos ou ou detritos de toda a especie que alli descobri. (15) D'ahi a estrada continúa para Leste e vae descendo o rio Buranhem com uma ramificação que passa pelas nascentes do Jucurucú até a Jararaca e supponho mesmo que até o Jundiá.

Emfim havia ainda uma estrada que ia até o rio do Sul, da qual segui o traçado durante alguns kilometros na minha primeira exploração.

Todos estes caminhos ou estradas convergem para o mesmo ponto, o mesmo centro, o que parece indicar que os povos que ahi habitavam e viajavam, tinham entre si relações estreitas e seguidas, pois é facil comprehender que todos estes caminhos não se terminaram no Mucury ao Sul ou no Jequitinhonha ao norte e ao Oeste.

Julgo que estas estradas que pela maior parte acompanham os cursos dos rios baixos ou riachos de leitos arenosos lhes offerciam um caminho sempre timpo e aberto porque nos logares onde elles não podiam passar pelos leitos dos rios marchavam pelas longas

(15) Pelo que, deprehendo que Frot descobriu um sambaqui. Oxalá que esta descoberta não fique n'isto porque o estudo d'este deposito pode trazer importantes esclarecimentos aos estudos começados por Lund sobre o homem prehistorico do Brasil.

arestas das divisões das aguas onde a natureza da vegetação durante as seccas lhes permittia deitar fogo; estes incendios repetidos e as chuvas que se seguiam arrastando as terras deixaram nús os rochedos; era d'este modo que elles tinham estradas sempre limpas e pelas quaes caminhavam com segurança e rapidez.

São estes destroços de raças fortes, estes restos de povos que foram poderosos, que depois de terem perdido as suas terras e de terem sido encerrados em pontos de onde não podem sair, estão constantemente ameaçados de ser reduzidos a condição de ilótas, porque a chamada civilisação sem a educação não será outra cousa.

Quão superiores eram os meios de que se serviam os jesuitas para pacificar e civilisar estes indigenas? (16)

Em primeiro lugar conservando a sua lingua e, em vez de tirar-lhes as suas moradas, estabelecendo-se no meio d'elles; creando os meninos em seus collegios com cuidado, nos casos em que chegaram a poder separal-os das tribus, ensinando-lhes sobretudo os exercicios corporaes e a se servirem de nossos instrumentos de trabalho para os enviarem depois para o meio de seus paes.

Hoje, desde que estes pariás se mostram em um ponto qualquer, são immediatamente alvos da suspeita geral, perseguidos, presos ou mortos muitas vezes por ordem das proprias autoridades.

Perguntaram-me elles porque eu não fallo aos homens da minha raça que são meus irmãos, em favor delles, em que tambem fui adoptado pelo chefe da primeira taba e sua mulher mais antiga?

(16) E o explorador não sabe provavelmente todas as tristes verdades que as expressões trato e catechese dos indios exprimem, e como a nossa preguiçosa civilisação tem sido mais intolerante e fera do que a barbaaria d'elles.

Respondi-lhes que meu irmão (17) Dr. Amaral que estava do outro lado do grande lago (18) e perto do pae (19) dos paes (20), tinha-lhe fallado pelos livros (21) e tinha pedido que retirasse todas as ordens, para lhes fazer mal e que elle, o pae dos paes, tinha vontade de lhes mandar enxadas, machados, facões para que fiquem contentes.

E é tal o terror desta gente, tão desconfiados e prevenidos vivem pelas series de attentados contra elles commettidos, que um dos filhos do chefe da segunda aldeia onde se passou este facto, depois de reflectir, approximou-se de mim e batendo-me na espadua disse: Titão (22) se acontecer que um marvão desapareça ou algum dos nossos seja perseguido ou maltratado. Vês este arco e estas flechas? Pois cada uma dellas não voltará ao seu palmão senão depois de tingir-se tres vezes no sangue dos tupis (23).

As vinganças, as represalias que os indios tomaram contra os conquistadores, seus oppressores, explicam-se estudando de perto o character deste povo tão mal comprehendido e tão mal conduzido.

Entretanto, elles não cessam de pedir para aprender a trabalhar, a fazer o que nós fazemos. Como é penoso ver tudo isto assim, tão inutil, tão perdido, num paiz que, como este, tanto precisa de braços robustos e de homens de trabalho!

Perdoae-me, bom amigo, estender-me assim em uma carta, mas ha tanto tempo não tenho o prazer de ver-vos que me parece que estaremos a conversar quando esta vos chegar ás mãos.

Como deveis ter visto em meu jornal depois da nossa passagem no Piabanha, fomos justamente acima

(17) Unica expressão que comprehendem para designar um amigo.

(18) O mar.

(19) Titulo de respeito entre os indios.

(20) Governador.

(21) Jornaes.

(22) Irmão.

(23) Estrangeiros.

do Italiano, dahi subimos para o rancho onde tinha deixado as equipagens e estamos hoje nas nascentes do Maneco que eu tenho a intenção de tornar a descer para a Jararaca.

Foi em consequencia da viagem demorada para o Italiano que eu não sahi da matta em Dezembro e estou já resolvido a não sahir destas florestas sem terminar meus trabalhos, ainda que eu tenha grande necessidade de descançar e refazer-me.

Quero porém acabar de uma vez, porque temo que me torne tambem selvagem pelo contacto e no meio selvagem em que vivo ha tres annos.

Esperava para vos enviar estas noticias, que me chegassem alguns indios dos quaes mandaria dous ou tres com um dos meus homens, porém elles ainda não appareceram e como eu temo que commettaes a imprudencia de vos pordes a caminho em minha procura, mando-vos dous dos meus companheiros com esta correspondencia.

Adeus, amigo, etc.

A. Frot.

Nas nascentes do Maneco, affluente norte do Jucuruçu.

Em 30 de Janeiro de 1898.

Ultima hora.

Envio-vos Francisco que está muito doente, creio que atacado de uma febre de máo character; elle é de temperamento fraco e julgo que soffre do peito.

Não sei em que estado elle ahi chegará, recomendei-lhe ficar na Jararaca, Bom Viver ou Perigoso, porque receio que não possa chegar até ahi.

Como elle não poderá voltar, peço-lhe que lhe dê trabalho e que me mande Araujo e Hilariano ou um delles pelo menos.

Em consequencia d'esta molestia de Francisco mudei meu primeiro plano; esperando a volta de meus

homens vou mandar Luduvico abrir o caminho para baixo; deixaremos os animaes acima das quedas, e de tempos a tempos far-lhe-hemos uma visita.

Infelizmente a chuva me atrapalha sempre; si o tempo abrir-se, tenho a intensão de fazer a ascensão dos Dous Irmãos Grandes para calcular a posição.

Quanto aos viveres não me dá cuidado o futuro, porque só tenho necessidade absoluta de algumas pequenas cousas como polvora, chumbo, capsulas, um pouco de sal, de tabaco e alguns remedios de que envio uma lista.

Quanto á farinha, basta para a viagem dos homens até aqui.

Desculparme-heis os embaraços que vos causei, mas espero depois de acabados os meus trabalhos poder agradecer a todos as bondades que tem sido muitas, e ao Sr. Belchior a somma que lhe é devida para fornecimento desta ultima exploração.

Adeus, amigo, não vos inquieteis muito, a coragem não me faltará e ficae certo de que vencerei todas as difficuldades.

A. Frot.

P. S. Si tiverdes algumas cartas para mim abri-as e respondi no sentido que entenderdes mais conveniente.

Abaixo da quedas do rio Santa Theresa em 4 de Fevereiro.—*A. Frot.*

O convento de S. Francisco do Paraguassú, que parece ter sido concluído em 1660 (data que se encontra escripta em sua porta principal), e a bella igreja que é-lhe contigua, dominam o rio, exactamente no trecho em que este é mais largo e magestoso.

Uma enfermaria que, em tempo, o leigo fr. Bernardo da Conceição abriu no convento prestou, por muitos annos, importantes serviços aos pobres do lugar.

—Em 1891, falleceu na ilha do Bom Jesus, freguezia da Madre de Deus, o professor aposentado Torquato de Andrade Santos que, por largo tempo, leccionara primeiras letras no Outeiro Redondo, nesta cidade, e por ultimo na capital.

—Em 1894, finou-se em Itaparica, onde gozava de notavel influencia eleitoral, o Dr. Bento José Fernandes de Almeida, que nascera nesta cidade, e ali fôra operoso industrial.

Era maior de 70 annos.

2 de Fevereiro

—Em 1844, o juiz de direito interino da comarca desta cidade recebeu noticia official de haver sido travado, em Sento Sé, combate sangrento entre a força publica e os partidarios do agitador F. Militão da França Antunes. Militão foi repellido, com perda de 5 homens e ferimentos de muitos outros.

Era em Sento Sé que se havia refugiado a familia Guerreiro, com a qual a familia de Militão sustentou, durante alguns annos, uma lucta apaixonada e tenaz.

Para pôr termo a esta o governo teve de tomar medidas especiaes.

Ainda a 24 de Janeiro, de 1844 tambem, tinham passado por esta cidade 120 praças de linha, sob o commando do major Kelly, as quaes foram reforçadas logo depois com outras 160, mandadas do Rio de Janeiro, e todas com destino áquella zona conflagrada.

Com as primeiras praças, havia seguido o Dr. Al-

varo Tiberio de Moncorvo e Lima, nomeado juiz municipal e delegado de policia do termo de Pilão Arcado.

—Em 1865, o rio Paraguassú, tendo engrossado extraordinariamente o volume de suas aguas, por effeito de chuvas abundantes cahidas no sertão, subiu 0^m,11 acima do nivel do caes; e, se espraiando pelas ruas desta cidade e de S. Felix, causou prejuizos avultados, e fez estragos enormes.

--Em 1868, falleceu o advogado provisionado Henrique Ribeiro, contando menos de 49 annos de idade. Tinha nascido nesta cidade.

—Em 1893, foi empossado o primeiro Conselho Municipal, eleito depois da Republica.

O tenente-coronel Manuel Martins Gomes tomou, tambem, posse do logar de *intendente*, creado pela nova lei.

Os actos foram sollemnes, e delles lavrou-se uma acta especial, tendo havido musica, discursos e flores.

A contar de 1829, quando foi posta em execução a lei de 1.º de Outubro de 1828, que creara as camaras municipaes do imperio, a municipalidade da Cachoeira tem sido presidida pelos seguintes cidadãos: 1.º Luiz Ferreira da Rocha, de 1829 a 1836; 2.º José Leonardo Moniz Barretto, de 1837 a 1838; 3.º Joaquim Pedreira do Couto Ferraz, de 1839 a 1842; 4.º Antonio Pedreira Jequitibá Rebouças, de 1843 a 1844; 5.º Manuel Galdino de Assis, de 1845 a 1848; 6.º João Ferreira Lima, de 1849 a 1852; 7.º Manuel Galdino de Assis, de 1853 a 1856; 8.º Francisco Vieira Tosta (depois barão de Nagé) de 1857 a 1864; 9.º Egas Moniz Barretto de Aragão, de 1865 a 1868; 10.º Barão de Nagé, de 1869 a 1872; 11.º Carolino da Silva Tosta, de 1873 a 1876; 12.º João da Matta Pinto, de 1877 a 1880; 13.º Themistocles da Rocha Passos, de 1880 a 1882; 14.º Dr. Francisco Maria de Almeida, de 1883 a 1886; 15.º Barão de Belém (José Maria de Almeida) de 1887 a 1889; 16.º Engenheiro Affonso Glycerio da Cunha Maciel (nomeado pela dictadura) de 1890 a 1891; 17.º Engenheiro Christovão Pereira Masc-

renhas (idem) de 1891 a 1893; 18.º Dr. Julio Soares de Pinho (o primeiro eleito no regimen republicano) de 1893 a 1896; 19.º Dr. Aristides Augusto Milton, de 1896 a 1899.

3 de Fevereiro

—Em 1823, o general P. Labatut, por officio dirigido ao conselho interino do governo, estabelecido nesta cidade, então villa, expoz a necessidade de applicar ás despezas da guerra da independencia o dinheiro, encontrado pela tropa nos engenhos da familia *Teixeira Barbosa*.

E assim se resolveu, sendo certo, entretanto, que sobre o reembolso de similhante quantia tiveram de sustentar os interessados uma questão com o governo, tão demorada, que só veio a ser definitivamente resolvida pelo governo provisorio da Republica.

Dizia o general naquelle officio:

«Melhor, portanto, seria—que Vs. Exs como têm rigorosa obrigação de arrecadar as rendas da Nação, façam reverter para o Thesouro Nacional as grandes sommas, que ricos proprietarios deste reconcavo devem ao mesmo Thesouro, e *ainda mesmo alguns membros desse Conselho.*»

Ora, das palavras ahi transcriptas evidencia-se que—o systema de calote ao governo vem de longe...

—Em 1832, foi aberto o testamento de Manuel Ferreira Luiz, cidadão de nota entre os seus contemporaneos, apesar de ser analphabeto.

Como provedor, que foi, da Santa Casa de Misericordia desta cidade, elle assignava com um carimbo as actas respectivas.

4 de Fevereiro

—Em 1823, o Conselho interino do governo da Bahia, cuja séde era nesta cidade, então villa, mandou proceder á eleição de *capitão-mór*, para substituir

José Antonio Fiuza da Silveira, cujo procedimento politico se lhe tornara suspeito.

Foi eleito José Paes Cardoso.

—Em 1837, estalou sobre esta cidade uma trovoadá medonha.

Cahiram varias faiscas electricas, entre as quaes uma sobre a egreja da Conceição do Monte, que deu com o sino da torre em baixo, e tirou parte de um portal em escarpa.

Na mesma occasião, um raio cahiu na casa do capitão-mór José Paes Cardoso, que então morava em S. Felix.

—Em 1853, pavoroso incendio alarmou toda esta cidade, e consumiu para cima de 70 casas de palha, existentes na rua da Recuada, que ficava proxima á casa de oração, hoje capella de Nossa Senhora dos Remedios.

Não foi pequeno o numero de pessoas que, por força da catastrophe, ficaram sem tecto e sem pão.

Pelo governo imperial foi mandada distribuir a quantia de 1:500\$000 em esmolás ás victimas do sensacional sinistro.

—Em 1881, foi recebido nesta cidade o testamento, com que fallecera em Portugal donde erá filho o negociante Bernardo Mendes da Costa, que entre nós residiu e commerciou duranle quasi toda sua vida.

5 de Fevereiro

—Em 1823, o Conselho interino do governo da Bahia, cuja séde era nesta cidade, então villa, nomeou para commandar, na ilha de Itaparica es pontos de *Margarida* e *Dourados*, o capitão José Ignacio de Moraes.

—Em 1853, a Camara Municipal desta cidade solicitou do presidente da provincia uma bomba para apagar incendios; provavelmente porque durava ainda a pungitiva impressão, causada pelo triste acontecimento do dia anterior, e aggravada por se ter queimado tambem, pouco antes, o cartorio do tabellião

Manuel do Nascimento e Silva, á ladeira da Cadeia.
A bomba, depois de vehementes instancias, aqui chegou no mez de Outubro, a bordo do barco *S. João Feliz*.

Consta, porém, que nunca poudo funcionar; provavelmente á falta de pessoal habilitado: de modo que, dentro em pouco, ficou totalmente estragada.

A verdade é que até hoje não se cuidou mais de tão relevante assumpto, e o serviço da extincção de incendios é feito ainda—entre nós—á primitiva; com agua carregada em potes, e quando Deus quer com muitos punhados de areia. . .

—Em 1868, começou-se o assentamento dos trilhos do ramal da estrada de ferro desta cidade á Feira de Sant'Anna, pela companhia *Paraguassú* que, fallindo ao depois, foi substituida pela *Central da Bahia*.

6 de Fevereiro

—Em 1719, o gentio barbaro invadiu inopinadamente os campos desta cidade, então villa, e commetteu toda sorte de extorsões.

A muito custo, e só depois de ser derramado algum sangue, se conseguiu que o gentio se recolhesse de novo ás suas malocas.

—Em 1839, falleceu Florentino Rodrigues da Silva, musico distincto e regente da antiga orchestra de Nossa Senhora d'Ajuda, desta cidade.

Foi um dos que bem contribuíram para desenvolver entre os nossos conterraneos o gosto, que ainda hoje revelam elles pela amovel arte de Carlos Gomes.

7 de Fevereiro

—Em 1701, por força de uma carta régia, ficou vedado o commercio entre as capitánias do norte e as do sul do Brasil.

Parece, assim, que a preocupação dos politicos portuguezes era impedir o desenvolvimento do nosso

paiz, afrouxando os laços de fraternidade e a cohesão, que deveria vincular o seu povo.

—Em 1852, foi benzido, com toda pompa, o altarmór da nova capella, consagrada á Nossa Senhora do Rosario do Santissimo Coração de Maria, e sita no Monte Formoso, desta cidade.

Nelle foi collocada a imagem do respectivo orago, que até então se venerava na egreja Matriz.

A posição que a graciosa ermida occupa, a cavalleiro da cidade, é uma das mais lindas, que aqui se descortina. E quando por ventura derem á poetica egrejinha pelo menos uma torre ficará sendo ella um dos edificios mais pitorescos de nossa terra.

8 de Fevereiro

—Em 1647, a esquadra hollandeza, que partira do Recife, ao mando do general Segismundo Sekkorpe, chegou ao porto da Bahia.

E penetrando pouco depois no reconca vo, por meio de repetidas excursões pelos rios, destruiu muitos engenhos de assucar, e outros estabelecimentos ruraes, ao mesmo tempo que aprisionou todas as embarcações, procedentes desta cidade, então simples povoado, e de outros pontos do interior.

9 de Fevereiro

—Em 1874, no arraial do Bomfim, termo da Feira de Sant'Anna, falleceu João Manuel Dantas, contando 59 annos de idade.

O insigne musico tinha nascido nesta cidade, e deixou composições de sua lavra em bom numero, destacando-se dentre ellas algumas de incontestavel valor.

Teria sido innegavelmente uma gloria nacional, si lhe não houvesse faltado escola, onde aperfeiçoasse o talento, e aprendesse tambem a dirigir com proveito e opportunamente a sua possante inspiração.

—Finou-se, em 1879, no arraial de Belém, a 6 kilometros approximadamente desta cidade, o major Francisco José Damazio de Mattos que foi, por espaço maior de 40 annos, escrivão das rendas geraes, e occupou varios cargos de eleição popular nesta cidade.

Na guarda nacional de seu tempo, representou papel saliente, revelando por ella um affecto especial.

Costumava zurzir impiedosamente tudo quanto lhe não dava no gôto; e com a sua critica, muito embora injusta ás vezes, conseguiu todavia não raro impedir a consummação de erros e de abusos imminentes.

10 de Fevereiro

—Em 1713, o corregedor Dr. Maciel escreveu num provimento, lançado no livro da camara desta cidade, então villa, as palavras que se vão seguir:

«Faço esta advertencia por me constar—que, fazendo-se a correição um destes dias, e condemnando-se nella duas pessoas em cinco patacas, dissera um vereador: que fôra mal feito, e que elle havia de emendar aquillo, e que para emendar erros tinha entrado na camara; porém emende-se a si primeiro, e execute os *accordãos da camara, não se metta a bacharel sem ter grau.*»s

Bem se vê—que os corregedores daquella época desempenhavam bem o seu logar...

—Em 1841, o secretario da camara municipal desta cidade communicou terem sido furtados da sua repartição todos os livros de actas, referentes ás ultimas eleições de vereadores e juizes de paz, que nesse dia tinham de ser apuradas.

O precedente, que dest'arte o passado nos legou, não deixa de ser consolador para os tempos actuaes, que carrega com as culpas de todos os escandalos e attentados, que a politicagem commette.

—Em 1865, o rio Paraguassú, sahindo mais uma vez do seu leito, innundou grande parte desta cidade e de S. Felix; morrendo afogadas nessa occasião duas pessoas.

—Em 1873, sepultou-se na cidade da Bahia o conego Rodrigo Ignacio de Souza Menezes, que tinha sido aqui lente de humanidades, e tomara parte activa nas lutas partidarias da localidade.

O conego Rodrigo era homem de talento provado, quer na imprensa, quer no pulpito.

Fôra vigario capitular do arcebispado e contava cerca de 70 annos de idade.

11 de Fevereiro

—Em 1838, a meza da Veneravel Ordem Terceira do Carmo, desta cidade, resolveu pagar a 16\$000 cada sermão das sextas-feiras de quaresma.

Até então todos os sete, que era de estylo prégar, custavam 72\$000 á referida irmandade.

12 de Fevereiro

—Em 1710, reuniu-se o senado da camara d'esta cidade, então villa, e fez expedir os *regimentos* necesarios, baixando o preço do trabalho dos *capitães de matto* (encarregados de capturar os escravos fugidos), bem como dos barqueiros, ferreiros, espadeiros e selleiros.

—Em 1877, falleceu o major Tito Augusto Milton, que nascera na cidade da Bahia a 30 de Abril de 1815.

Na *Sabinada*, marchara elle daqui como alferes da guarda nacional, e pelos serviços prestados por occasião do *cholera-morbus* fôra condecorado pelo governo imperial.

Servira de supplente do juiz de ophãos e do delegado de policia do termo d'esta cidade, e desempenhara outros logares publicos tambem, dentre os quaes é justo especialisar o de secretario da camara municipal, em que foi aposentado, recebendo então honrosissimo voto de louvor, como consta da acta da sessão de 8 de Novembro de 1876.

—Em 1888, foi assassinado—á luz esplendente do meio-dia—numa das ruas mais transitadas d'esta

cidade, o joven José Ramiro das Chagas Filho, que contava 18 annos de idade.

Cezario Avelino da Silveira foi quem desfechou sobre essa creança o golpe homicida, por motivo inteiramente frivolo, qual foi o de suppor que ella queria *entrudal-o*.

Assim, José Ramiro veio a ser, entre nós, a derradeira victima de um barbaro *divertimento*.

—Em 1890, foi inaugurada solemnemente a nova comarca e villa de S. Felix do Paraguassú, que portanto separou-se desta cidade.

—Em 1893, o *carnaval* foi aqui commemorado com raro esplendor pelos dous clubs *Democratás*, e *Filhos do Sol*, que fizeram passeiatas assás vistosas, e deram bailes bastante animados.

Da Feira de Sant'Anna e de Maragogipe vieram philarmonicas, acompanhadas de muito povo, em passeio; e tanto das circumvisinhanças como de logares distantes, foi notavel o numero de pessoas que chegaram com muita antecedencia para tomar parte nas festas.

Alugaram-se, então, casas por preços excessivos.

O melhor foi que a ordem publica se manteve sempre inalterada.

13 de Fevereiro

—Em 1753, a camara desta cidade, então villa, mandou abrir uma *devassa*, afim de conhecer e punir o *atrevido*, que tinha *arredado do logar proprio, na ponte da rua do Pasto* (hoje rua Formosa) *uma pedra, na qual achava-se gravado o nome do constructor da obra*.

De tal ponte não nos ficou indicio algum, na verdade; mas, nos resta a memoria da importancia, que a illustre corporação ligou a um facto, que em qualquer parte do Brazil agora passaria despercebido...

—Em 1863, a camara municipal desta cidade deliberou mandar construir o trecho do caes, com-

prehendido entre a escada de pedra, existente ao largo dos Arcos, e o porto do Alambique.

14 de Fevereiro

—Em 1841, desabou sobre esta cidade e S. Felix medonha trovoadas, que durou desde 4 até 7 horas da tarde.

Por essa ocasião, cahiram duas faiscas electricas; uma sobre o chafariz publico, damnificando-o ligeiramente, e outra no sobrado n. 1 á rua Entre-Pontes (hoje Ruy Barbosa), onde residia o negociante portuguez João José Espinola.

Em S. Felix, tambem uma faisca penetrou na igreja do Senhor Deus Menino, em que prégava certo fraude missionário; e este se tendo instinctivamente ajoelhado, com o deslumbramento que a luz do raio lhe causara, succedeu partir a barba na borda do pulpito.

Estabeleceu-se grande confusão entre as pessoas, que estavam no templo; dellas morreram duas fulminadas, e foi grande o numero de senhoras que desmaiaram.

Houve quem, assaltado por um terror insuperavel, se lançasse do côro da igreja abaixo.

Na povoação da Muritiba, quasi á mesma hora, morreram dous homens, fulminados tambem.

—Em 1861, Luiz Osana Madeira requereu á camara municipal desta cidade—que mandasse restabelecer e conservar a *Memoria*, que na época de nossa independencia tinha sido erguida na praça da Regeneração.

Foi tempo perdido. A *Memoria* desappareceu, sem que até hoje tenha sido substituida, como era aliás do nosso dever patriotico.

—Em 1847, succumbiu na povoação de S. Felix, hoje cidade, o capitão Bernardo Miguel Guanaes Mi-

neiro, chefe da revolução que em 1832 tentou plantar o regimen federativo no Brazil. (*)

Era natural de Minas do Rio das Contas.

15 de Fevereiro

—Em 1823, marchou desta cidade, então villa, o capitão Germano José da Silva Pinto, levando em sua companhia o Dr. José Emygdio dos Santos Tourinho, para a villa do Rio das Contas (comarca de Jacobina, a esse tempo), afim de abrir uma *devassa*, ácerca de de individuos que *ali tinham se opposto á causa da regeneração e independencia nacional*.

No entanto, logo a 23 de Abril, foi ordem para voltarem ambos, com a circumstancia particularissima de se lhes impôr—que não trouxessem, nem remetterssem, preso a qualquer dos pronunciados na referida *devassa*.

Original e typico!

16 de Fevereiro

—Em 1868, foram inauguradas—com a solemnidade do estylo—as obras do cemiterio da Santa Casa de Misericordia desta cidade, o qual sómente 22 annos depois começou a funcionar, e ainda assim sem que estivesse concluido de todo.

Muito concorreu para essa deploravel demora, além da repugnancia manifestada pela população contra os enterramentos fóra das egrejas, a circumstancia de não quererem as irmandades perder a verba de receita, que arrecadavam pelo serviço funebre.

Pouco valia, pois, a hygiene para quem tanto explorava preconceitos, e afagava o interesse proprio.

Manda, em todo o caso, a justiça que registremos

(*) Ler a *Memoria* que sobre o assumpto escrevi no anno passado, e foi impressa no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, de 28 de Junho, bem como n'esta, e na *Revista do Instituto Historico do Brazil*.

a excepção, aberta a respeito pela igreja Matriz, onde desde muito um parochio illustrado—o Dr. Candido de Souza Requião tinha prohibido que se fizesse qualquer inhumação.

No entanto, a carta de lei de 14 de Janeiro do 1801 já providenciava sobre a edificação dos cemiterios.

—Em 1893, na rua do Chafariz, a moça de nome Clementina de Cerqueira, aconselhada pelo agua-deiro Jacintho R. A. de Sousa, com o qual seu pae não queria que ella se casasse, poz veneno na panela em que se preparava um *carurú* para a familia. E assim matou duas irmansinhas suas, tendo corrido outras duas, e o proprio pae, perigo imminente de vida.

Preso e condemnado pelo jury, foi cumprir a sentença na cadeia da Correcção, na Bahia, onde—segundo constou—concebeu e deu á luz.

17 de Fevereiro

—Em 1832, o capitão B. Miguel Guanaes Mineiro dirigiu a carta a seguir:

«Illm. Sr. João Pedreira do Couto Ferraz.—Tendo de se proceder brevemente á proclamação do systema federativo neste logar, e na villa da Cachoeira, para o que contamos com a coadjuvação de todos os nossos irmãos e patricios, tanto da capital da provincia como de todas as partes do reconcavo, e havendo egualmente de installar-se um governo provisorio para presidir a marcha da revolução; julgo do meu dever communicar-o a V. S., esperando que, como benemerito e honrado brasileiro, se prestará não só com os seus serviços, mas até com as forças que lhe estão confiadas, visto que a presente causa é commum e propriamente nacional.

Eu communico tambem a V. S. que neste logar se acha já uma força consideravel de povo, e tropa em armas debaixo da subordinação de seus respectivos officiaes e commandantes.

A emigração continúa para este porto; a villa da

Cachoeira, e diversas outras do sertão se acham perfeitamente conformes com os nossos principios: a tranquillidade publica e o socego são garantidos, e continuarão a ser neste districto.

Eu offereço a V. S. uma cópia dos artigos sobre que se funda o plano da presente revolução, e espero a sua resposta com a brevidade, que as circumstancias exigem.

Aproveito esta occasião para significar a V. S. os votos de minha amizade e estima.

Deus guarde a V. S. por muitos annos.

S. Felix, 17 de Fevereiro de 1832.

De V. S. patricio e amigo obrigadissimo—*Bernardo Miguel Guanaes Mineiro.*»

O secretario do capitão Guanaes, como se sabia geralmente, era o Dr. Aprigio José de Sousa, que foi deputado geral, e advogado de nota.

—Em 1839, o rio Paraguassú, cujas aguas haviam crescido desmedidamente, mais uma vez espraçou-se pelas ruas desta cidade e de S. Felix.

Pela *Ponte Velha* ninguem mais pode passar, e o rio, subindo sempre, chegou até ao sobrado n. á rua das Flores, onde foi a primeira estação da estrada de ferro *Central da Bahia*.

Circumstancia memoravel: nesse anno houve duas grandes enchentes, pois em Dezembro testemunhou-se outra, aliás a maior dentre todas até hoje verificadas, e cuja descripção minuciosa vae feita no dia competente.

18 de Fevereiro

—Em 1823, o general P. Labatut deu á população desta cidade, então villa, o prazer de recebê-lo em seu seio.

Tendo previamente passado o commando de exercito pacificador ao brigadeiro José Egydio Gordilho de Barbuda, o general veio do acampamento do engenho *Novo* para se entender com o governo interino, que aqui tinha sido instalado, e achava-se com elle

em séria divergencia. Havia começado esta pela nomeação do coronel Manuel da Silva Daltro, feita pelo dito governo, para seu ajudante de ordens.

Realisada, como foi, demoradissima entrevista dos dous poderes rivaes, parecera a toda a população que tinham elles afinal chegado ao necessario accordo; principalmente porque neste sentido se lavrara extensa e cuidadosa acta.

Completo engano! A ciumada continuou mais forte ainda, e curioso foi que se accendesse ella, exactamente por causa dos termos da celebre acta... de reconciliação e de paz.

—Em 1827, a meza da Santa Casa de Misericordia desta cidade, então villa, deliberou não abrir um officio do seu mordomo da capella Francisco Antonio Fernandes Pereira, e cortar com este toda e qualquer correspondencia, porque aquelle officio... tinha vindo fechado em desafio. Queria isto dizer—que o fecho da carta ficava-he no alto, na mesma linha em que estava escripto o nome do destinatario.

Toda essa rusga com o *Chéchéu*, que assim era conhecido o mordomo desattencioso, proviera da differença de 5\$000, encontrada em suas contas!...

—Em 1869, publicou-se um mappa do qual consta que, no anno anterior, a collectoria das rendas provinciaes desta cidade arrecadara 16:213\$816.

Em 1896, rendeu ella 43:450\$000.

—Em 1894, falleceu na freguezia de S. Gonçalo dos Campos, hoje cidade, e termo desta comarca, o Dr. Mathias da Veiga Ornellas, proprietario e fazendeiro.

Contava 52 annos de idade, e tinha nascido no termo de Santo Amaro.

19 de Fevereiro

—Em 1832, entre as 5 e 6 horas da tarde, foi esta cidade, então villa, invadida por um troço de gente armada, ao mando do capitão Bernardo Miguel Guanaes Mineiro, que foi aquartellar no convento do Carmo.

Na vespera desse dia, os tenentes de primeira linha F. Rocha e F. Coelho, reunidos a um certo Montabrexa, natural de Pernambuco, e á frente de 100 homens, quasi todos ex-praças do exercito, tinham surgido em S. Felix, debaixo do commando principal do citado capitão Guanaes.

A população da villa emigrou.

O juiz de paz Francisco Antonio Fernandes Pereira, por antonomazia *Chéchéu*, fugiu para S. Gonçalo dos Campos, onde combinou com o juiz de paz respectivo, João Pedreira do Couto Ferraz, sobre os meios de repellir os revolucionarios.

Entre as differentes medidas tomadas então, convém lembrar a que teve por fim defender de qualquer assalto a Feira de Sant'Anna, para onde, logo no dia seguinte, partiu o coronel Joaquim José Bacellar e Castro, á frente de uma força respeitavel, composta dos mais ricos proprietarios do logar, que aquelle juiz de paz havia convocado.

Ao mesmo tempo, João Pedreira, que aliás tinha sido convidado para declarar-se rebelde tambem, mas conservara-se fiel á legalidade, reuniu mais de 150 homens do povo, e os enviou prestesmente á villa de Santo Amaro, hoje cidade, onde se dizia que a revolução dentro em breve deveria rebentar.

—Em 1876, falleceu com 54 annos de idade, no hospital da Santa Casa de Misericordia desta cidade, Pedro Celestino Pinheiro de Lemos, conhecido geralmente por *Pedro Perú*.

Tocava frauta divinamente, esse artista a quem faltaram no entanto grandes mestres, pois a natureza foi-lhe prodiga, dotando-o de grande talento musical e preciosa inspiração.

Chamavam-no de *Perú*, porque elle imitava a este gallinaceo perfeitamente bem, desde que para isto lhe pagassem á vista. No organismo desse homem, a boça da avareza predominava com uma tyrannia atroz.

Tanto que, por dinheiro, soffria elle todas as troças

imaginaveis, e mesmo supportava calado e pacientemente puxavões e pancadas.

Compuzera um folheto a que denominara *Mónótrópo*. Quando, numa reunião qualquer, o *Pedro Perú* dava para ler algum trecho desse curiosissimo trabalho, podia a casa vir a baixo... Não era capaz de mexer-se, apezar das maiores judiarias, que lhe fizessem. Soffria tudo com um estoicismo, digno de outras épocas, e de causas melhores...

Havendo enlouquecido a consorte, *Pedro Perú* foi consultar ao vigario da Muritiba—si lhe não era permittido casar-se logo outra vez; pois que, na sua opinião, *mulher douda é mulher morta*.

Já que me refiro a esse facto, accrescentarei—que *Pedro Perú* casara-se fardado de official da guarda nacional, quando entretanto nem soldado era da popular milicia. E, assim, uniformisado se fizera retratar.

Era um typo original!

20 de Fevereiro

—Em 1823, logo pela manhã, chegou a esta cidade, então villa, o general P. Labatut, e fez reunir-se o Conselho interino do governo da provincia.

Aberta a sessão, o general entregou ao presidente do Conselho certo papel, pedindo que o mandasse ler. O Conselho, porém, não accedeu, sob pretexto de só dever fazel-o quando estivesse *a coberto de tanta publicidade*; uma vez que achavam-se presentes então, além da municipalidade, o clero e numerosos cidadãos.

Replicando, o general declarou—que se tratava de uma representação, e passou depois o papel ao brigadeiro, então tenente-coronel, Rodrigo Antonio Falcão Brandão, que effectivamente começou a lel-o.

Mas, a leitura foi em meio interrompida pelas pessoas presentes, que não permittiram continuasse ella, por se tratar de *arguições falsas e revoltantes contra o secretario do governo*.

çalves da Rocha Queiroz Marinho.—João Xavier de Miranda.»

Entretanto, tendo as forças leaes cercado a villa e bem assim varios pontos em redor, sustentou-se durante horas um fogo assás nutrido, quer em S. Felix, quer no Capoeirussú.

Milagrosamente, de lado a lado ninguem morreu, mas ficaram feridos muitos soldados.

O juiz de paz competente mandou sem demora *summariar sobre o facto*, porquanto *os federalistas*, como elle exprimiu-se em portaria do 1.º de Março, desde o dia 19 de Fevereiro até à noite de 23, tinham praticado attentados de uma formal rebeldia, ou sedição, para mudar-se o systema de governo, que felizmente nos regia.

Ao mesmo tempo, os cidadãos de mais prestigio na comarca preparavam todos os meios de resistencia ao movimento revolucionario; e dentro em pouco estavam em armas para cima de 2,500 pessoas, graças principalmente aos esforços dos juizes de paz de S. Gonçalo dos Campos, Belém, Cruz das Almas e Feira de Sant'Anna.

Eis a primeira das actas, relativas ao assumpto, que foi lavrada:

«Sessão extraordinaria de 20 de Fevereiro de 1832.

Aos vinte dias do mez de Fevereiro do anno de mil oitocentos e trinta e dois, nesta villa de nossa Senhora do Rosario do Porto da Cachoeira, e Paço da Camara Municipal onde foram presentes os Vereadores, o capitão Bernardo Miguel Guanaes Mineiro e José Bernardino de Magalhães, e o alferes João Xavier de Miranda, e sendo tambem presentes os supplentes o advogado Antonio Gonçalves da Rocha de Queiroz Marinho, o capitão José Caetano Alvim e João Vicente Sapucaia, que foram avisados pelo Senhor Vereador Guanaes, como Presidente desta Camara, em razão do actual o Tenente Luiz Ferreira da Rocha se achar fóra desta mesma Villa, deferio a aquelles o dito Presidente o juramento dos Santos Evangelhos, em um livro delles em que pozeram suas mãos direitas,

encarregando-lhes jurassem em suas almas de bem servirem de vereadores na forma da lei. E recebido, por cada um delles, o mencionado juramento, debaixo deste, assim o prometteram cumprir como lhes era encarregado, com o que houve o dito Presidente por satisfeito e abaixo assignou com os mesmos vereadores e supplentes, e jurantes.—Guanaes, P.—Antonio Gonçalves da Rocha de Queiroz Marinho.—José Caetano Alvim.—João Vicente Sapucaia.

E tomando os competentes assentos, aquelles vereadores supplentes, leu-se a acta da antecedente, que foi approvada.

Disse o Senhor Presidente que convocou esta Camara extraordinaria, em razão de se achar muito povo e tropa armados na praça desta Villa, em reunião, afim de poder esta dita Camara conhecer delles o que pretendiam. Depois do que sendo reunidos na sala das sessões varios cidadãos armados, por Domingos Guedes Cabral foram lidos os seguintes artigos.

Em nome de Deus Todo Poderoso que nos creou Livres, e nos poz Independentes para sermos Felizes. O Povo da Heroica Villa da Cachoeira, seu termo e outras Villas e lugares, e partes dos Sertões, contando mais de duzentos mil habitantes, reconhecendo a Patria em perigo, e querendo salvá-la, tem proclamado como de facto proclamação o Governo Federal e a Federação desta Valorosa Provincia da Bahia, visto que os habitantes da nossa Capital e outros lugares se acham opprimidos pelo presente Governo da Provincia, pelos Portugueses, seus sequazes e pelo partido ruinoso do Rio de Janeiro, proclamando desde já a dita Federação Imperial com absoluta união de todo o Brazil Federal, com aquelle mesmo direito que tiveram os Fluminenses de expellir ao ex-tirano D. Pedro I; o povo uza de seu direito natural, como verdadeiro soberano na crise em que se acha, e á vista do abysmo que o ameaça não quer esperar por delongas, e formularios, que devem ser perniciosas na presença das intrigas, e tramoias dos

Aristocratas, e egoistas; e para a salvação Geral determina o seguinte:

Art. 1.º — Que esta revolução seja justa e Santa, e seus autores e executores respeitados como Beneméritos Salvadores da Patria: Seus actos ficam todos legalizados.

2.º — Que o Presidente actual tem cessado de o ser, e está privado de toda a auctoridade, e egualmente o Commandante das Armas e do mesmo modo será privada do emprego outra qualquer auctoridade, ou pessoas, que se oppuserem á Federação, e ao que aqui determinamos.

3.º — Que serão desde já soltos todos os presos pela tentativa da Acclamação Federal de 28 de Outubro do anno proximo passado e quaesquer outros antigos, e modernos por motivos politicos, sem attenção aos processos, que ficam nullos desde já.

4.º — Que fique de todo morta a lei da liberdade da Imprensa, até que a Assembléa Provincial faça outra só contra offensas particulares; e nunca haverá censura prévia.

5.º — Que fiquem extinctas para sempre as prisões em navios ou Presigangas, e a que existe será queimada em lugar aonde o povo possa ver para satisfação ao publico.

6.º — O Presidente que fôr eleito usará de todos os meios para bem fortificarem esta Provincia da Bahia com presteza, e tomará medidas para que continue a abundancia dos viveres, e do commercio, e se extingua a moeda de cobre falsa.

7.º — Que fiquem extinctas as leis de Excepções, e que os juizes de Paz só se regulem por agora pela sua primeira lei fundamental, e não ataquem os Direitos e Garantias dos cidadãos, nem de dia nem de noite, nem em casa, nem na rua pela idéa de leis preventivas. Tudo o mais fica a cargo da Assembléa Provincial, que reformará o codigo penal, como nos convém, abrandando as penas.

8.º — Que esta Provincia da Bahia não admittirá nada do Rio de Janeiro, senão como Federal, (salvo

os pagamentos da sua quota da Divida Publica). Todavia esta Provincia fica em perfeita paz, e amizade com seus Irmãos Fluminenses, que se portarem como amigos; assim como com os de todas as Provincias, ás quaes chama para a Federação, e pede se reunam para a solidez do Governo geral, e força da Nação Brasileira, para o que haverá Assembléa Geral do Imperio, como depois se dirá.

9.º—Fica proclamado na Provincia da Bahia o Governo Federativo, para que esta Provincia nos seus negocios internos e peculiares se governe independente de outro qualquer; fazendo porém alliança com todas as outras, bem como obedecendo ao chefe principal da Federação nos negocios geraes da Nação, e marcados pela Assembléa Provincial.

10.—Fica proclamado um Governo Provisorio que presida a Provincia, até que pelos Collegios Eleitoraes seja eleito um Presidente, que deva governar por tempo determinado, e na forma marcada por lei da Assembléa Provincial.

11.—Fica proclamado um Inspector para governar interinamente as Armas da Provincia, até que o Presidente eleito pelos Collegios nomeie o que deve ser effectivo com lei regulamentar da Assembléa Provincial.

12.—Haverá na Provincia uma Assembléa Constituinte Legislativa Provincial, que será composta de vinte e um membros ou Deputados para marcar todos os limites da Independencia da Provincia, suas relações com o chefe principal da Federação. Reformar todas as leis que se oppuzerem ao Governo Federativo, interesses peculiares da Provincia, e fazer outras que forem convenientes, não só aos limites das differentes auctoridades, mas tambem á segurança e prosperidade da Provincia.

13.—O Governo Provisorio da Provincia expedirá quanto antes ordens para se eleger o Presidente effectivo da Provincia, os Deputados da Assembléa Provincial, Conselho do Governo, Camaras Municipaes,

e os Juizes de Paz, regulando-se para isto interinamente pela legislação existente, ao systema Federativo, e marcará o dia da installação da Assembléa por esta vez sómente.

14.—Fica desde já extincto o Conselho de Provincia, visto ser este substituido pela Assembléa Provincial.

15.—O Governo Provisorio apresentará quanto antes um manifesto ás Provincias do Imperio expondo-lhes os motivos que tem esta para adoptar o Governo Federativo, e convidando-as para que façam causa commum na presente mudança.

16.—O povo da Provincia quer reforma immediatamente na Administração Publica, especialmente no poder judiciario, installando-se um Tribunal de jurados, no crime dentro de trinta dias, e no civil com a possivel brevidade, diminuindo-se o numero dos Dezebargadores e demittindo-se todos os mais empregados que forem desaffectedos ao Governo Federal.

17.—O povo quer que nenhum Portuguez exista armado e nem goze do Fôro de cidadão Brasileiro, activo, e que os solteiros sejam immediatamente deportados para fóra do Brazil, á excepção daquelles que se quizerem empregar na lavoura, ou que tenham estabelecimento por seus bens, ou industria, e todos por conseguinte serão demittidos de todo e qualquer emprego civil e militar, á excepção daquelles que houverem feito serviços relevantes á Nação Brasileira, porque estes devem ser reformados com seus competentes ordenados, ou soldos.

18.—O povo quer que sejam tambem deportados aquelles Portuguezes, que, ainda sendo casados, foram reconhecidos inimigos do Brazil, desde a sua Independencia.

19.—Serão tambem demittidos todos os empregados conhecidamente inimigos do systema Liberal Federal do Brazil, sendo previamente presos e processados.

20.—Será immediatamente creado um corpo de tropa regular na Provincia, sendo o seu numero

accommodado ás possibilidades da Provincia, e esta Tropa, novamente creada, será composta de cidadãos de bôa moral, e paga com soldo conveniente, que será arbitrado pela Assembléa Provincial, assim como a forma do recrutamento.

21.—Todos os estrangeiros de qualquer Nação que sejam, serão admittidos a negociar na Provincia. á excepção dos Portuguezes, que de novo vierem (salvo trazendo estabelecimento de importancia) como tambem se admittirá algum sabio com a condição, que tanto este como aquelles sejam conhecidamente muito Liberaes.

22.—Ficarão vedadas todas as pensões graciosas concedidas por Mercê ordinaria por D. João 6.º e o ex-Imperador Pedro 1.º a Brasileiros passivos com prejuizo da Fazenda Nacional, cujas Mercês só poderão ser concedidas pela Assembléa Provincial a Brasileiros activos, e que tenham feito serviços relevantissimos á Patria, mas nunca a Portuguezes nossos inimigos imperrados e oppostos decididamente á nossa felicidade.

23.—O ex-Imperador tirano do Brazil será fuzilado em qualquer parte desta Provincia se acaso apparecer e a mesma pena terão os que o pretenderem admittir, e o defender.

24.—O povo da Provincia da Bahia e grande parte da Capital aqui reunido na sempre Heroica Villa da Cachoeira, protesta não largar as armas sem que primeiramente veja cumpridos os artigos acima referidos, devendo os mesmos artigos serem lançados na acta que se fizer da Acclamação da Federação, pois como arbitro soberano de suas Liberdades Legaes assim o tem determinado, e quer Reunião Federal no Campo da Honra na Heroica Villa da Cachoeira, vinte de Fevereiro de mil oito centos e trinta e dous.

E mettendo em discussão o senhor Presidente os artigos referidos, e pedindo a palavra o senhor Vereador Alvim, disse que era muito preciso que esta Camara fizesse convocar um concelho dos cidadãos

do municipio, afim de acertarem se eram ou não conformes os artigos offerecidos pelo cidadão Domingos Guedes Cabral, e não podendo logo o fazer por não terem comparecido, pediu que se demorasse o concelho até que se reunisse maior numero de cidadãos, e convocar por cartas a outros muitos distantes desta Villa e mesmo porque esta camara não está inteirada da vontade dos mais municipios, como indica um dos artigos. O que foi unanimemente approved pelos demais Vereadores, e mesmo por não haver lei que tal o mandasse e acharem coactos. Ao que declarou a Tropa e Povo reunido na Praça, que á vista das circumstancias melindrosas desta Villa, e para salvação da mesma, convinha nomeasse immediatamente um Governo Provisorio de cinco membros, o qual foi logo acclamado pelo mesmo povo e tropa, nomeando para o referido Governo os Senhores Capitão Bernardo Miguel Guanaes Mineiro, o Dezembargador Joaquim José Ribeiro de Magalhães, o Capitão Manuel da Paixão Bacellar e Castro, o Capitão Manuel Ferraz da Motta Pedreira, Augusto Ricardo Ferreira da Camara, e para Inspector Commandante da Força o Coronel Rodrigo Antonio Falcão Brandão; e logo pediram á Camara officiasse aos ditos senhores para virem tomar posse, e se expediram os competentes officios, a excepção do Senhor Presidente, por se achar presente e aceitar. E pedindo a palavra o Senhor Presidente disse que tendo-se retirado para fóra desta Villa o actual Juiz de Paz o Capitão Francisco Antonio Fernandes Pereira, deixando-a ao desamparo, era necessario que esta Camara officiasse ao supplente José Ribeiro Pereira Guimarães para tomar conta do mesmo juizo, afim de dar as providencias necessarias a bem da publica tranquillidade.

O que sendo approved pela Camara, e officinando-se ao dito juiz supplente, participara molestia, e por isso privado de exercer tal emprego; e porque competisse ao Alferes João Xavier de Miranda, em razão de os anteriores a este se acharem alguns doen-

tes e outros fóra desta dita Villa, como foi informada a Camara, o presidente desta deferio áquelle Miranda o juramento dos Santos Evangelhos em um livro delles, em que poz sua mão direita, encarregando-lhe jurasse de bem servir o emprego de Vereador, aliás de juiz supplente, no impedimento dos do actual na fórmula da lei. E recebido por elle o mencionado juramento assim o prometteu cumprir como lhe era encarregado, com o que houve o dito presidente por satisfeito, e abaixo assignou com o dito Juiz de Paz supplente e jurante. Guanaes P.—João Xavier de Miranda. E por esta forma houve o Senhor Presidente a sessão por fexada. E para constar mandou lavrar esta acta em que abaixo assignou com a Camara, e eu, Joaquim da Silva e Almeida, Secretario, a escrevi.—*Bernardo Miguel Guanaes Mineiro, P.—José Caetano Alvim.—José Bernardino de Magalhães.—João Vicente Sapucaia.—Antonio Gonçalves da Rocha de Queiroz Marinho.—João Xavier de Miranda.»*

Em poucas horas a Cachoeira tinha ficado *deserta*, conforme li numa carta autographa do coronel Rodrigo Brandão, na qual este tambem se queixava de terem-no intrigado com o desembargador Paim, presidente da Provincia, dizendo-se-lhe que elle o queria... *depôr.*

Como se está vendo, *as deposições* não são filhas da Republica...

Vencidos, comtudo, os federalistas, as tropas leaes penetraram na villa, hoje cidade, e depararam ahi com muitas munições de guerra abandonadas no convento do Carmo, onde o já citado juiz de paz procedeu a um *termo das lettras escriptas num dos cubiculos do mesmo.* Com certeza, tratava-se de palavras sediciosas.

Guanaes fóra auxiliado efficazmente por cabeças da revolta de 28 de Outubro do anno anterior, feita na capital *pelo atrevimento de uns poucos de homens perdidos, que cuiaavam com a canalha preencher seus horriveis fins;* para me servir dos termos, com que o

presidente Paim concluiu seu officio de 16 de Novembro dirigido ao ministro do imperio de então.

Cumpre reconhecer—que o governo encontrou, da parte dos cidadãos mais abastados, auxilio poderoso e efficaz.

Assim foi que os moradores mais influentes do concavo, tendo se reunido no dia 24 de Fevereiro, resolveram crear uma caixa militar da lavoura para socorrer aos defensores da legalidade, e, com uma prestesa inaudita, guarneceram todos os pontos mais importantes do rio Paraguassú, desde Varginha até Coqueiro.

Si bem que o governo tivesse nomeado o Visconde de Pirajá para commandante das forças legaes, este comtudo não chegou a tempo de agir.

O senador Manuel Ferreira da Camara Bittencourt fôra, pouco depois de installado o governo provisório, nomeado tambem para compol-o; mas parece não ter accettato a escolha. Mineiro embora, o illustre cidadão residia no seu engenho, sito na freguezia do Iguape, desta cidade, e falleceu na cidade da Bahia, a 13 de Dezembro de 1835, contando 73 annos de idade. Era formado em philosophia e leis pela Universidade de Coimbra, e publicara varias *memorias* scientificas.

Afinal, suffocada a revolução, seus autores foram submettidos a processo.

Além do que instaurou-se em Nagé, do termo de Maragogipe, e deu em resultado a pronuncia de diferentes cidadãos, considerados *como inimigos da boa ordem e socios dos anarchistas*; um outro foi promovido nesta cidade, então villa. E, por força d'elle, foram pronunciados a prisão, livramento e remessa: o capitão Bernardo Miguel Guanaes Mineiro, Vicente Ferreira Monte-Brexa (pernambucano), F. Rocha (conhecido pelo *Rochinha*), alferes Lucio (sem mais nada), Francisco de Assis Freire, Alexandre Ferreira Lima, alferes ou tenente (*sic*) Coelho, Francisco Periquito, Luiz Onofre C. de Carvalho, o capitão Bernardino da Silva L. de Albuquerque (pernambucano),

Pedro Alexandrino Marinheiro, Antonio José do Patrocínio (pernambucano), Ignacio Malagueta, e mais alguns outros.

A pronuncia foi sustentada pelo ouvidor do crime da Bahia, Miguel Joaquim de Castro Mascarenhas, em despacho de 7 de Maio de 1832; isto é, no mesmo dia em que tinham-lhe sido conclusos os autos!

O governo da regencia expediu pressurosos avisos em 3, 8 e 9 de Março seguinte relativamente ao movimento constatado. E no segundo delles louvou não somente ao desembargador Paim, mas ainda aos juizes de paz do termo, e a todas as autoridades civis e militares, que tinham coadjuvado esse presidente *em suffocar o partido anarchico*.

Hoje, esse partido entretanto dá leis e se impõe; contribuindo similhante facto, que a Historia cuidadosa registrou, para descrer-se da sabedoria dos homens...

Bem verdade que, nos crimes politicos, é sempre assim; ou surge-se heroe consagrado pela fama, ou se cae como réo vilipendiado pela deshonra; si não se ganha a estatua senhoril e perenne da gloria se encontra infallivelmente o carcere sombrio onde a liberdade é jugulada, e muitas vezes até o cadafalso ignominioso onde se perde a vida.

Como quer que seja, a Cachoeira, que conta nos fastos nacionaes tantas referencias nobilitantes, antecipou-se 60 annos ao grande evento, que plantou definitivamente em nossa patria o regimen federal.

E' certo que, a 25 de Fevereiro mesmo, a camara municipal se reuniu de proposito para annullar tudo quanto havia feito cinco dias antes. A' falta de elementos, a revolução fracassou. Mas, em todo o caso, a semente estava lançada na terra fecunda do nosso paiz, como esse e outros acontecimentos de egual natureza o demonstravam. Mais ainda: o abandono, em que ficaram lutando os promotores da idéa, acclamada em 1832 aqui, não lhe pode empannar o brilho; pois ella, atravessando o tempo, veio projectar sobre nossa actualidade o seu deslumbrante clarão.

—Em 1843, o carmelitano fr. Tito de Santo Elias (depois clérigo secular, e vigário da Moritiba, com uma modificação no nome) participou á camara municipal ter aberto uma aula publica de latim, no convento de sua Ordem nesta cidade, por força da lei n. 176 de 20 de Janeiro de 1842, que impunha á dita Ordem essa obrigação, em troca do consentimento dado para admittir ella certo numero de noviços.

Da mencionada aula de latim, continuada depois sob a regencia de outros professores, muitos estudantes distinctos sahiram para occupar posição saliente em varias classes sociaes.

Hoje, apenas contamos nesta cidade escolas publicas primarias (8); quem quer saber mais do que primeiras lettras tem de pagar a um collegio particular: e, assim, si é bem verdade—que o nosso progresso material é sensivel, não é menos certo que, quanto ao progresso intellectual, temos andado para traz.

21 de Fevereiro

—Em 1808, D. Fernando José de Portugal expediu da Bahia aviso ao Conde da Ponte, remettendo-lhe para que informasse o requerimento de Luiz Ferreira da Rocha, administrador do hospital de S. João, hoje Santa Casa de Misericordia desta cidade, então villa, pedindo em beneficio do mesmo hospital o rendimento que por ventura produzisse a passagem do rio Paraguassú primitivamente (*sic*).

Esse pedido, ao que me consta, nunca teve solução.

—Em 1823, o Conselho interino do governo da Bahia, cuja séde era nesta cidade, então villa, recommendou instantemente aos ouvidores de comarca promovessem a plantação e o cultivo da fructa *jan-dioba*, para cujo aproveitamento montou-se, em 1892, uma fabrica no Rio de Janeiro.

Tanto da recommendação do governo, como da fabrica do Rio, ninguem mais falou.

—Em 1832, o presidente d'esta provincia, hoje Es-

tado, endereçou—sob n. 9—o seguinte officio ao governo imperial:

«*Illm. e exm. sr.*—Apresso-me a participar a v. ex. que, refugiando-se no arraial de S. Felix, da villa da Cachoeira, alguns cabeças da revolta do dia 28 de Outubro do anno passado, que não chegaram a ser presos, conseguiram chamar para ali a concurrencia de individuos que por sua má conducta tiveram baixa dos corpos de 1^a. linha, e, tendo à testa o juiz de paz d'aquelle arraial—Bernardo Miguel Guanaes Mineiro, passaram a proclamar nova forma de governo, convidando para isso os habitantes d'aquelles logares.

Assim que me constou, por officios dos juizes de paz visinhos, um tal ajuntamento, em consequencia do qual havia não pequena emigração para esta cidade e para o centro, tratei de fazer marchar uma força de perto de 50 homens, que foi apenas possivel dispôr, com a qual, e em virtude de outras providencias que dei, espero suffocar aquelle partido a que se tem opposto fortemente os povos das duas grandes freguezias de S. Gonçalo de Campos e Cruz das Almas, cujos juizes de paz se acham á frente de seus guardas municipaes, que estão empenhados em sustentar a boa causa.

Parece que nada se tem esquecido de medidas de prevenção, e quando eu vejo a cidade tranquilla, sem que até agora, segundo me consta, mais logar algum tenha adherido á sedição, não posso temer que ella ganhe forças, e perigosa se torne.

O documento, por cópia incluso, que me foi transmittido pelo juiz de paz da freguezia de S. Gonçalo, dará ao governo de s. m. imperial uma idéa da gente, que figura na insurreição, e o que ella pretende.

E' quanto tenho a levar ao conhecimento da regencia, por intermedio de v. ex. —Deus guarde a v. ex. —Palacio do governo da Bahia, 21 de Fevereiro de 1832—*Illm. e exm. sr. José Lino Coutinho—Honorato José de Barros Paim.*»

—Em 1874, alguns conterraneos nossos, em boa

hora inspirados, fundaram com grande solemnidade o *Monte Pio dos Artistas Cachoeiranos*; associação que ainda felizmente existe, e vae cumprindo sem vacilações o seu dever.

—Em 1875, foi inaugurado o trafego provisorio do ramal da Feira de Sant'Anna, pertencente á estrada de ferro *Central da Bahia*, que tem seu ponto de partida d'esta cidade.

—Em 1888, falleceu—com 59 annos de idade—o capitão João Casemiro Barbosa.

Era escrivão da collectoria provincial, e antes havia sido vereador da camara, subdelegado de policia, e supplente do juiz dos orphãos.

De secretario da mesma camara, logar que servira tambem, fôra elle exonerado por questão meramente partidaria; não tendo esta contrariedade contribuido em pouco para abreviar-lhe a existencia.

De uma sua distincta filha, fallecida a 16 de Fevereiro de 1890, disse *A Ordem*:

«Cedendo por fim á molestia, que desde dous annos a torturava inclemente, falleceu ás 6 1/2 horas da tarde de 16 do corrente, n'um sitio proximo a esta cidade, d. Maria Candida Barbosa, com 31 annos de idade apenas.

A estimabilissima senhora, que era filha do capitão João Casemiro Barbosa, cuja morte tambem hoje commemoramos nas *Ephemeredinas*, lega a todas as pessoas de suas relações uma saudade immorredôra; pois sabia recommendar-se, tanto pelo brilhantismo de seu espirito, quanto pela bondade do seu coração.

A toda a consternada familia da failecida enviamos as nossas condolencias, e juntamos as nossas orações ás suas para que Deus apiede-se d'aquella generosa e grande alma.

A finada deixou de seu consorcio uma filhinha de 10 annos de idade.

Que descance em paz!»

22 de Fevereiro

—Em 1710, a camara mandou construir uma ponte

sobre o riacho, que corria entre a rua da Matriz, e a praça da cadeia d'esta cidade, então villa; e que já hoje não existe, ignorando quasi toda a população que em tal ponto algum dia houvesse... agua e ponte.

—Em 1849, foi enforcado no largo do antigo cemiterio d'esta cidade o africano Caetano, escravo do fazendeiro Carlos Pereira da Motta, e condemnado á pena de morte pelo jury em 11 de Dezembro de 1845, por ter assassinado ao seu feitor.

Foi esta a derradeira sentença de morte, executada na Cachoeira.

Serviu de juiz da execução o Dr. João Lustosa da Cunha Paranaguá, hoje marquez de Paranaguá; de escrivão d'ella—o serventuario José Egydio Liranno Barretto: de porteiro—Ignacio José de Freitas; e foi algoz o réo Felix, que estava condemnado á pena igual.

O sacerdote que confessou Caetano foi fr. Francisco da Encarnação Freire, prior do convento do Carmo.

—Em 1867, desabou sobre esta cidade uma tempestade tremenda, que arruinou muitos predios, alagou varias ruas, e causou muitos prejuisos.

23 de Fevereiro

—Em 1661, o conde de Obidos, vice-rei, expediu ordem ao capitão-mór Gaspar Rodrigues Adorno para partir com 100 indios e 90 soldados brancos, postos á sua disposição, afim de fazer as pazes com o gentio brando das aldêas de Jacobina e outras do sertão; devendo depois descer com todos para as cabeceiras da Cachoeira, Maragogipe, Iguaçu e Jaguaripe.

Este Gaspar Adorno era pae de João Rodrigues Adorno, a quem me refiro na *Ephemeride* de 4 de Janeiro.

—Em 1832, foi de Santo Amaro expedido este officio:

«Illm. e Exm. Senhor.—Hontem á tarde houve hum tiroteio da força do Galvão com os rebeldes de S. Felix, em Capueiroçú, com a gente de S. Gonçalo aonde foi ferido um soldado nosso. Esta manhã foi preso o Luis Onofre vestido com os uniformes de tenente de artilheria pela avançada do Capueiroçú, e me deo por noticia que tinham chegado da Cidade alguns officiaes de Patente para se unirem na Cachoeira assim como 44 ex-soldados vindos em trez partidas a saber; uma de 14, outra de 18, e outra de 12: não sei por onde entrão, pois para a Sobara se recommendou todo cuidado em examinar as pessoas que ali aportarem, a barra tem barca, só se há descuido. Por effeito do tiroteio que houve tocarão a reunirem, e o meo espião teve occasião de contar a força no Convento do Carmo que excedeo a seis centos homens bem armados com falta de corriame, contendo esse n. parte do Batalhão 113, o 4.º Corpo de Artilheria, ex-soldados da 1.ª Linha em n. de 200, e canalha, além da força que estava em S. Felix.

A minha força consta de 400 homens, 200 em Belém com 144 armas reunas e 200 no Capueiroçú armados com escopetas, bacamartes, e outras armas que não são de vantagem: e deste modo conhecerá V. Ex., que tenho percizão de armamento com cartuxame. O João Pedreira por estes trez dias promette mandar-me mil e duzentos homens dezarmados. O Juiz de Paz da Oliveira tão bem marcha a se reunir com migo levando 50 homens armados com reunas que pedio ao Juiz de Paz desta Villa, e este mesmo Juiz me dá outras 50 e 4 mil cartuxos que são de má polvora. Pela falta de armas torna-se muito percizo que venha cartuxame com ballas pequenas que sirvão em armas finas e clavinas: tão bem deve vir cartuxame do adarme *em conta* 18, e 17 por que serve tão bem para 13: preciso pedras de fogo, de agulhas e escovinhas para armas. Os da Villa officiarão ao Juiz de Paz de Belém dizendo que deixasse decer mantimentos, quando não que subiam a amarralo. A minha força amanheceo hoje em Belém, de onde parti para esta

Villa as 10 horas do dia. Chegando aqui as 5 horas da tarde, em consequencia das minhas requizições, espero que do Batalhão 118 marchem sabado 150 praças armadas, e das Companhias do Sobara me prometem marchar 30: isto mesmo não he força sufficiente, e bom será que se reuna os milicianos que puder, por terem a maior parte feito a Campanha, e não me achar só com Municipaes estupidos que só fazem dar tiros no acampamento, andando com as armas sem as largarem no quartel e por isso exposta qualquer pessoa ser ferida pelos discuidos delles.

Torna-se preciso dinheiro e quem sirva de pagador assim como quem se encarregue dos viveres, para evitar o desperdiço e extravio, e fazer-se tudo com methodo.

O Juiz de fóra tem 545\$ rs. em papel e continúa com uma subscrição, e me quiz dar essa quantia eu não a quiz receber e lhe pedi que nomeasse provisoriamente huma pessoa que se encarregasse de fazer o pagamento athe vir alguém mandado por V. Ex. Precizo saber se os Municipaes que são todos muito pobres, e Milicianos tem vencimentos. Saiba V. Ex. que os da Caxoeira esperão o Alferes Barauna com força, e mais outro figurão da Jacobina. (Valha a Verdade.)

Este negocio apresenta attitudo muito séria, por isso torna-se muito digno da attenção de V. Ex., e he preciso que V. Ex. dê ordens mui terminantes para que se acabe o jogo que ha em dizerem eu não tenho Milicianos por que são Municipaes, eu não posso marchar por que sou Municipal & &. de maneira que não se pode adiantar nada; e então quem não for pronto será conhecido. Pedi o Quartel Mestre do Batalhão 117 para servir de pagador, nada houve capaz de o reduzir por ser Municipal, apezar do Juiz de Paz lhe dizer que podia aceitar a nomeação. He indispensavel que venhão alguns Officiaes de reconhecida probidade para empregados. Nesta Villa encontrei o Alferes Francisco Borges de Barros que estando doente veio a negocio seo sem licença e como esteja

com saude lhe ordenei que marchasse commigo, tenho mandado procurar o Alferes Tourinho que está com licença para se empregar.

O Alferes José Caisara Camizão está em Belém porém não tenho empregado por não estar enteirado da sua conduta prezente. Podem vir as Pessoas e para cada uma hum Official. Eu sigo já para Belém com as 50 armas, o cartuxame, e algumas pedras que me deo o Juiz de Paz. Não tenho tempo de escrever ao Exm. Snr. Commandante das Armas, rogo a V. Ex. queira mandar-lhe intelligenciar o que fica exposto, e se aprova que reuna os Officiaes acima dito.

Consta-me que há alguns destacamentos de 1.^a Linha no reconcavo, hera bom que elles se reunisem á minha força: e que o Batalhão do Coronel Mattos, e outros dessem o Contigente que podessem. A minha vinda a esta Villa foi para melhor espôr as minhas perçizes ao Juis de Fora da parte de quem tudo se faria pela vontade com que se presta. Deus guarde a V. Ex. Villa de Santo Amaro ás 11 da noite de 23 de Fevereiro 1832.—Ilm. e Exm. Snr. Honorato Jozé de Barros Paim, Presidente desta Provincia.

P. S.—Perdoi V. Ex. hirem alguns nomes riscados, pois não tenho tempo de fazer auto, e nem quem saiba escrever.—*Joaquim Jozé Vellozo*, Tenente Coronel Graduado.

Precizo de um cirurgião e botica.»

—Em 1879, algumas pessoas de criterio e gosto reuniram-se para festejar—pela primeira vez—o *carnaval* nesta cidade; concorrendo dest'arte para acabar com o pernicioso *jogo do entrudo*, que tantas victimas, quer em consequencia de conflictos, quer por effeito de molestias, annualmente immolava.

Custou a terminar de vez o barbaro... divertimento, mas desde 1890 não se quebrou mais uma *laranjinha de cheiro*; e nos annos de 1892 e 1893, os clubs *Democratas*, e *Filhos do Sol* deram brilho extraordinario ao carnaval, que trouxe a esta cidade centenas de visitantes, vindos de varios pontos do Estado.

Em 1898 também, os festejos estiveram pomposos. Apresentaram-se dous clubs, organisados em S. Felix, que com os *Filhos de Venus*, desta cidade, tiveram as honras da folia.

O carnaval foi introduzido no Brazil em 1854. Nesse anno, a 28 de Fevereiro, teve elle a sua primeira festa no Rio de Janeiro.

Em 1894, foram usados aqui os *confetti*, que tinham apparecido em Paris no inverno de 1891 a 1892.

Mr. Luè, director do theatro *Casino* na grande capital franceza, foi quem teve a idéa de substituir por *confetti* de papel os que eram preparados na Italia, e por signal muito grosseiros. Escreveu para isto a seu irmão, engenheiro em Modena, pedindo-lhe que enviasse uma certa quantidade dos pequeninos pedaços, tirados das folhas de papel, que eram furadas para cultura do bicho de seda.

O successo foi completo.

Quanto ás *serpentinhas*, a idéa partiu de um empregado dos telegraphos de Paris, que pôl-a em pratica, atirando um rolo de fita do papel destinado ao telegrapho Morse. Paris inteiro o imitou e, logo após, todo o mundo civilisado também.

24 de Fevereiro

—Em 1649, no Capitulo, effectuado pelo primeiro custodio independente— fr. João Baptista, foi resolvida a fundação do convento de S. Francisco do Paraguassú, do termo desta cidade, então simples povoado, e na conformidade do pedido feito pelos moradores do lugar.

O padre Pedro Gouvêa offereceu para aquella fundação dous sitios, que possuia na margem oriental do Rio Paraguassú, e num delles foi levantado o convento.

Primeiramente, porém, tinha sido edificado um simples hospicio de cujas obras encarregaram-se fr. Pacifico de Jesus, fr. Antonio de Sancta Clara, e o

leigo fr. Jorge. Foi seu primeiro guardião—fr. Mauro das Chagas.

Em 6 de Abril de 1654, entraram os dous primeiros noviços, que permaneceram aliás no hospício, pois o convento—conforme eu já referi—só ficou concluído em 1660.

—Em 1832, pelas 7 horas da manhã, penetraram nesta cidade, então villa, as tropas leaes que acabavam de estrangular a *federação do Guanaes*. Houve demonstrações officiaes de regosijo.

Os rebeldes, quando se viram cercados em a noite de 23 para 24, trataram de fugir; sobretudo porque o fogo havia rompido incessante de diversas posições. Toda resistencia que fizeram reduziu-se a combater um troço de tropas, commandado pelo tenente Felizardo Silva.

Guanaes e muitos dos seus partidarios foram presos, tendo fugido os outros. As armas e munições dos rebeldes cahiram em poder das forças leaes. Os officios abaixo dão noticia do acontecimento.

«Illm. e Exm. Sr.—Esta Villa apenas rompida a noticia que V. Ex. mandava auxilio de Tropa e mais petrexos belicos, foi assaltada pela facioza Tropa, e seos sectarios ás cinco para seis horas da tarde do dia 19, e apresentando-me á testa contra tal partido fazendo os meos protestos por me ver de todo detrahido para não annuir, e salvar a vida, então o menos evadi-me a São Gonçalo, e de unidade com aquelle Juiz João Pedreira do Couto convocados todos os mais já dispostos apparecerão tão rapidos soccorros que nem a rigorosa envernada, e nem os cheios rios embaraçarão os Camponezes que aporfia disputavão qual havia ser o primeiro da Lei offendida. Logo no dia 20 fui entregue do officio de V. Ex. de 18 acompanhado de outro do Tenente Coronel Joaquim Jozé Vellozo, nesse mesmo dia foi huã expedição á Feira de S. Anna, onde tinha de apparecer no seguinte dia a Acclamação da Federação bayonetada, composta dos mais ricos Proprietarios daquela Freguezia, commandados pelo Coronel Joaquim Jozé Bacellar e

Castro, a qual não só teve bom resultado como foram pilhados os Cabeças e desarmada a terra, derão-se providencias a segurar os pontos de sahida que rapidamente foram reforçados, devendo-se muito á actividade do mesmo, e tambem do Juiz de Belém, muito antes officiado por mim, e pelo de S. Gonçalo. Entendi-me com o Tenente Coronel Vellozo a quem procurei, e estando ajustados e bem fortificados todos os pontos subio a Tropa de Iguape ao lugar de Belém, commandada pelo Coronel Brandão, por ter o Tenente Coronel Vellozo passado a S. Amaro, dizem a procurar reforço mui desnecessario. O Ponto da parte de S. Felix se achava a dous dias tomado com huma linha desde, dizem, a Varginha até o Cocal pelos briozos e valentes Galvões, os quaes provocados não poparão fogo do que ao certo sahio mortalmente ferido hum soldado Patriota, dos que se lhes unirão; consta morador naquelle Arraial. Considerando-se o inimigo assim cercado, falto de opinião, sem dinheiro, e falto de todos os recurços quer moraes quer phisicos, na noite de hontem para amanhecer hoje fugio pelo Rio abaixo e outros pelo matto, lançando as armas talvez de sobra, que tinham arrancado das Guardas e Batalhão de Artilheria á agoa, e matto.

Hoje, porém, ás sete horas da manhã entrou toda Tropa nesta Villa com aplausos de *vivas*, repiques de sinos, e foguetes, e não sei expressar a V. Ex. o prazer que tem causado, e nem tão pouco os encomios que devem ter os Juizes de Paz, e em particular os de S. Gonçalo, da Cruz das Almas, seguindo os de Belém, Afflictos que apezar de longe não deixou de apresentar gente ainda que tarde, Santo Estevão, Feira de Sant'Anna, e apezar de decidido o negocio não cessa de descer gente, podendo francamente dizer que os povos até ao fazer deste chegados não andarão menos de duas a tres mil pessoas, havendo por isso alguma despeza á Fazenda Publica, e por isso V. Ex. me haja de determinar a quem recorrerei a pagar-lhes, visto que se faz mister dar que comer. V. Ex. determinará o que devo fazer com os facciosos

que já se vão prendendo alguns e há boatos estarem outros, entre os quaes o cabeça Bernardo Miguel Guanaes Mineiro.

Quanto ao acontecido nesta Villa, deliberações tomadas em Camara, em tempo opportuno será V. Ex. sabedor. E' o que por hora cheio do maior prazer tenho a levar á presença de V. Ex. que Deus Guarde, como se nos faz mister. Cachoeira 24 de Fevereiro de 1832. Illm. Exm. Senhor Honorato José de Barros Paim, Presidente da Provincia.—*Francisco Antonio Fernandes Pereira*, Juiz de Paz.»

Illm. e Exm. Snr. —Apresso-me a levar ao conhecimento de V. Ex. que já se acha completamente restabelecida a tranquillidade desta Villa, mediante as providencias infra mencionadas.

A' proporção que me foi constando a insurgencia, passei a enviar della participações á todas as Authoridades Militares, Criminaes, e Policiaes de todo o termo das Villas de Cachoeira e Santo Amaro, para a seu turno providenciarem conducentemente a soffocar a anarchia, sem todavia espalhar o alarme entre os povos, visto não haver ainda noticias officiaes: logo depois recebi dos chefes dos dissidentes hum convite, que a V. Ex. remetti juntamente com o plano Federativo, e desde então comecei a pôr a maior solicitude, e a recommendar a mesma a todas as Authoridades, ponderando-lhes o que nos convinha praticar-se immediatamente, porém que as cinco horas da tarde de dezanove do corrente os dissidentes se transportarão do Arraial de S. Felix á esta Villa, e acclamaram a sua Federação; passei a requisitar á minha disposição as possiveis forças para hir guardando toda a extensão da Capella de Belém, até á principal embocadura desta Villa, e em consequencia de noticias veridicas de que os habitantes da Feira de Sant'Anna coniventes com os malvados tambem se preparavão á insurreição, enviei a soffocal-a hum força de cento e cincoenta homens, que poz aquelle logar em perfeito e cabal socego, fazendo apprehensão de seis individuos indigitados pela opinião publica,

propagadores da revolta, dos quaes dois que forão competentemente summariados, se achão presos na Freguezia de S. Gonçalo: e tendo finalmente conseguido huma força de tres para quatro mil homens, vim occupar as immedições desta Villa, cujas embocaduras ficarão bem guarnecidas, mantendo sempre guardas avançadas nos intervallos a occupar todas as avenidas, e de intelligencia com os dois Commandantes da força expedicionaria convidados por V. Ex. mandei estreitar o circulo até á raiz da Villa, para que os rebeldes se não evadissem; mas sempre o conseguirão fazer esta proxima noite, de maneira que pelas nove horas da manhã de hoje, sem effuzão de sangue, entrando nesta Villa, onde como acima disse, está tudo tranquillo, e se passa a expedir ordem para a captura dos rebeldes.

Seria hum extensissimo relatorio fazer a V. Ex. circumstanciadamente huma enumeração de tudo, que occorreo a tal respeito, e encherião listas os nomes das pessôas, que em tal crise se distinguirão em serviços fizicos, ou intellectuaes, e de algumas quer em huns, e outros.

Deos Guarde á V. Ex. Cachoeira 24 de Fevereiro de 1832. Illustrissimo e Excellentissimo Snr. Presidente desta Provincia, Honorato José de Barros Paim.—*João Pedreira do Couto*, Juiz de Paz.»

Lembra-me dizer a V. Ex. que o Coronel Bacellar e seo Irmão Juiz de Paz na Feira reunirão-se a mim, e colaboraram com egualdade.

25 de Fevereiro

—Em 1832, reuniu-se o Conselho municipal d'esta cidade, então villa, e de sua sessão fez lavrar a acta que se segue:

«Aos vinte e cinco dias do mez de Fevereiro do anno de mil oito centos trinta e dous, nesta Villa da Nossa Senhora do Rosario do Porto da Cachoeira e Paços do Concelho na sala das sessões, onde foram vindos o Presidente o Tenente Luiz Ferreira da

Rocha, os vereadores, o Capitão João Borges Ferraz, Francisco Caetano da Silveira e Souza, o Capitão José Antonio de Souza Lopes, o Alferes João Xavier de Miranda e sendo também presentes os supplentes o Tenente José de Oliveira Lopes e o Coronel Rodrigo Antonio Falcão Brandão, que foram convocados pelo dito Presidente, afim de tomarem assento para completar a Camara, a elles deferio o mesmo Presidente o juramento dos Santos Evangelhos, em um livro delles em que puzerão suas mãos direitas, encarregando-lhes jurassem de bem servirem de vereadores na forma da lei. E recebido por cada um delles o mencionado juramento, debaixo deste assim o prometterão cumprir como lhes era encarregado, com o que houve o referido Presidente por satisfeito, e abaixo assignou com os ditos jurantes vereadores supplentes.—*Rocha, P.—José de Oliveira Lopes.—Rodrigo Antonio Falcão Brandão.*

E tomando os competentes assentos aquelles vereadores, disse o Senhor Presidente que convocara esta sessão extraordinaria com assistencia de alguns Juizes de Paz, que ora se acham nesta Villa, e muitos Proprietarios Lavradores do termo della e os Commandantes da Força Armada, os quaes presentes estavam, e vierão soccorrer e repellir a facção revoltante que a havia occupado para se tomarem medidas salutaes sobre o procedimento desta, e a manutenção da publica tranquillidade, bem como declarar-se improcedente, invigoroso, e de nenhum effeito esse attentado praticado por ella em os dias vinte e seguintes do corrente mez e egualmente nullas as actas que o intruso Presidente Bernardo Miguel Guanaes Mineiro mandara lavrar com manifesta violação da lei, sem que eu lhe tivesse commettido as minhas vezes para exercer esse emprego, devendo por isso ficar nullo quanto por elle obrado fôra, e consta das mesmas actas.

E pondo em votação o mesmo senhor Presidente esta indicação, foi approvada pelos demais vereadores, juizes de Paz, e cidadãos que se reunirão, que

taes actas nenhuma validade tivesse, nem podessem prejudicar á pessoa alguma nellas assignadas em razão de a fazerem coactas á força de armas como das mesmas consta, e que tiradas as competentes certidões, que devem fazer culpa aos Auctores de semelhante revolta, sejam cerradas e lacradas para ficarem em eterno esquecimento, de sorte que jámaes se possam abrir nem ler; e que eu Secretario assim o executasse.

Propoz mais o dito Senhor Presidente que não estando ainda de um todo restabelecido o socego publico por se terem evadido muitos dos faciosos que existião ainda neste termo, parecia justo que a Tropa de 1.^a linha, que aqui se acha aquartellada se conserve por mais trinta dias nesta mesma Villa, ou pelo tempo que mais conveniente parecer ao Exm. Sr. Presidente da Provincia, não só ao fim exposto mas para auxiliar a prisão dos ditos revoltosos. O que fora unanimemente approvedo por toda a reunião. Neste mesmo acto propoz mais o Sr. Presidente, que achando-se a cadeia sobrecarregada de prezos, e com trez arrombamentos successivos feitos depois da revolta do dia 20, parecia justo que sendo interrogados os incluídos na mencionada revolta sejam remettidos ao Exm. Sr. Presidente da Provincia para os mandar pôr em segurança té que se ultime a devaça, afim de evitar-se com a fuga delles não fiquem impunes os seus crimes. O que fora geralmente approvedo, e outrosim determinou o mesmo Sr. Presidente que visto se ter ausentado fugitivamente o Juiz de Paz de São Felix, o já mencionado Guanaes Mineiro, eu secretario officiasse ao supplente José Joaquim de Figueredo para exercer o seu emprego, e dar as providencias que a lei lhe incumbe no seu respectivo Districto com especialidade a respeito da tranquillidade delle.

Declaro que as indicações relativas á conservação da Tropa, e á remessa dos prezos, foi accordado com melhor ponderação serem medidas que se devião tomar na junta de paz com o Juiz de Direito, ficando

portanto invigorosas, não fazendo parte da presente acta.

E para constar mandou a Camara lavrar a presente acta em que abaixo assignou com as autoridades e cidadãos que presentes se achavão e eu Joaquim da Silva e Almeida, Secretario, a escrevi.—*Luiz Ferreira da Rocha.*—*P. Francisco Caetano da Silveira e Souza.*—*João Borges Ferraz.*—*João Xavier de Miranda.*—*José Antonio de Souza Lopes.*—*Rodrigo Antonio Falcão Brandão.*—*José de Oliveira Lopes*—*Joaquim José Velloso*, Tenente coronel Graduado e commandante da Força.—*Francisco Antonio Fernandes Pereira*, juiz de Paz da freguezia da Cachoeira—*Joaquim Pedreira do Couto Ferraz*, juiz de paz da freguezia da Muritiba—*Francisco Fernandes da Costa*, juiz de paz supplente da Capella da Conceição da Feira—*Antonio Cerqueira Pinto*, Juiz de paz supplente da freguezia de São Gonçalo dos Campos—*Francisco da Silva Pinto.*—O Padre, *Manoel Gomes de São Leão.*—O Padre, *Mariano José de Freitas.*—*Dionisio Cerqueira Pinto.*—O Padre, *Manoel Cerqueira do Couto.*—*Joaquim José de Almeida.*—*Vicente Ferreira Gomes.*—O Padre, *Francisco de Assis e Freitas.*—*Agostinho José da Silva Godinho.*—*Christovão Pereira Mascarenhas.*—*Vicente Ferreira Mascarenhas Junior.*—*Francisco Gonçalves Pedreira França.*—*Manoel Anselmo de Almeida.*—*Luiz Maciado da Silva.*—*José Fernandes Mascarenhas.*—*Joaquim Ferreira Mascarenhas.*—*Felippe Nery da Silva.*—*José Felippe Pedreira.*—*Florentino Rodrigues da Silva.*—*Manoel Filoz Moreira Palma.*—*João Borges Falcão.*—*Manoel José da Conceição*, Capitão commandante interino.—*Miguel José Marques Guimarães.*—*Pedro de Oliveira Lopes.*—*Antonio José Moreira Daltro.*—*Manoel Borges Falcão.*—*Joaquim de Oliveira Lopes.*—*Antonio José de Oliveira.*—*Felippe Pedreira Lapa.*—*Bernardino José da Silva Junior.*—*José Borges de Oliveira.*—*Luiz Martins Souto*, commandante geral interino da freguezia de S. Gonçalo.—*Antonio Fidelis Moreira Daltro.*—*Joaquim José Pe-*

dreira, commandante geral interino da Feira de Sant'Anna.—Manoel Teixeira de Sant'Anna.—José de Oliveira Ferreira—João Dias d'Affonseca.—Pedro Fernandes Senna.—Bernardino Joaquim da Silveira e Souza.—Joaquim Moreira Daltro.—Joaquim Caribé Morotova.—João Pedreira do Couto Ferraz, juiz de paz de S. Gonçalo.»

—Em 1850, falleceu Candido Joaquim Guedes, escrivão do fôro, d'esta cidade, onde era assás estimado.

—Em 1851, sepultou-se o capitão Joaquim José de Meirelles, que era Juiz de Paz nesta cidade, e pertencia a uma familia numerosa.

26 de Fevereiro

—Em 1832, para festejar o restabelecimento da ordem, que por alguns dias estivera alterada, diversos patriotas realizaram a solemnidade de que dá noticia a seguinte acta:

«Aos 26 dias do mez de Fevereiro do anno de 1832, nesta Villa de Nossa Senhora do Rosario do Porto da Cachoeira, e paços da camara municipal, onde foram vindos o presidente—o tenente-coronel Luiz Ferreira da Rocha, os vereadores coronel Joaquim José Baccellar e Castro, o conego Anselmo Dias Rocha, o coronel Rodrigo Antonio Falcão Brandão, e Miguel José Marques Guimarães, e, sendo reunidos, disse o presidente—que convocou esta reunião da camara extraordinaria, afim de ir assistir ao *Te-Deum*, que os bons brasileiros, e cachoeiranos, amantes da causa publica, solemnizam na igreja Matriz desta dita Villa, em acção de graças ao Todo Poderoso pelos beneficios que a Providencia faz de livral-os da guerra civil a que estavam expostos pela facção revoltante, que occupou esta mesma Villa nos dias 19 até 23 do corrente, visto terem requisitado a elle presidente a referida reunião da camara para o fim acima exposto.

O que sendo approvado pela camara, dirigiu-se esta, precedida do estandarte imperial, pelo Sr. vereador Miguel José Marques Guimarães para a igreja Matriz, afim de assistir ao *Te-Deum*, onde, depois de so-

lemnizada, e voltando a camara para os paços do Conselho, na porta da igreja, a tropa que se achava postada, por esta foram dadas as descargas de fogo de alegria, depois das quaes muitos *vivas* á religião, Constituição, nosso imperador D. Pedro II, á assembléa legislativa, e outros muitos *vivas* de alegria, que foram com grande enthusiasmo correspondidos pela dita tropa e povo.

E, para constar, mandou a camara lavrar a presente, que assignou. Eu Joaquim da Silva e Almeida, secretario, a escrevi.—*Luiz Ferreira da Rocha, P.—Joaquim José Bacellar e Castro.—Anselmo Dias Roxa.—Rodrigo Antonio Falcão Brandão.—Miguel José Marques Guimarães.*

—Em 1891, o Conselho municipal desta cidade celebrou uma sessão extraordinaria para commemorar a promulgação da Constituição federal, que no Rio de Janeiro tivera logar no dia 24, estando presentes 226 membros do Congresso Nacional.

O acto foi revestido de toda solemnidade, comparecendo ao paço municipal, que fôra caprichosamente ornamentado, grande numero de cidadãos de todas as classes sociaes.

27 de Fevereiro

—Em 1705, o povo desta cidade, então villa, entregou-se a um verdadeiro alvoroço, pois ia pela primeira vez escolher o seu juiz, e penetrar assim nos mysterios da cabala eleitoral.

Falou-se muito, e trabalhou-se muito mais; e á hora opportuna sahio victorioso das urnas populares o nome de Matheus da Silva Portella.

Deus conserve em santa paz o primeiro *juiz do povo* da Cachoeira.

—Em 1823, partiu desta cidade, então villa, o alferes de cavallaria Ignacio de Mello Telles de Menezes, afim de encontrar o *Batalhão do Imperador*, que vinha do Rio de Janeiro em navios da esquadra imperial.

28 de Fevereiro

—Em 1668, o governador mandou—que o capitão Rodrigues Adorno *ajuntasse* 70 escravos, e lh'os enviasse para serem empregados nas obras das fortificações da Bahia, em lugar de outros tantos soldados da companhia commandada pelo mesmo Adorno, que lá estavam nesse serviço, mas deviam voltar aos seus lares.

O governador declarou—que *si algum morador se negasse o dar negro, mandassem leval-o á sua presença, naturalmente para ser castigado como merecesse.*

—Em 1823, o capitão Germano José da Silva Pinto chegou a Minas do Rio das Contas, e communicou immediatamente ao Conselho interino do governo, que funcionava nesta cidade, então villa, o facto de haverem os membros do governo illegal, constituido naquella localidade, se dispersado á simples noticia de sua approximação. E que, ainda assim, conseguira prender a um delles—Antonio de Souza Oliveira Guimarães.

—Em 1832, o presidente da provincia officiou, nestes termos, ao ministro do imperio:

«Illm. Exm. Sr.—Quando escrevi a V. Ex. o meu officio de 21 do corrente, não pensei que a rebellião de S. Felix tomasse huma perspectiva tão ameaçadora como ao depois se me apresentou, e por isso me vi obrigado a não poupar esforço algum para supplantar aquelle partido, que em seis dias cahiu, em consequencia do cerco que se poz por mar e por terra, e do fogo que se principiou a fazer, do qual sahiu gravemente ferido um soldado nosso.

Os revoltosos, tendo-se feito ultimamente fortes na villa da Cachoeira, não tiveram remedio senão abandonal-a, e na sua fuga foram presos alguns, sendo um delles o principal cabeça Bernardo Miguel Guanaes Mineiro, que era juiz de paz de S. Felix; e dos officios inclusos por cópias do juiz de paz da Ca-

choeira, e S. Gonçalo dos Campos verá V. Ex. em pequeno detalhe o que mais occorreu.

A administração da justiça tomará agora conta do negocio para serem castigados os criminosos, os quaes, confiados na impunidade que tem havido, não duvidaram pôr em scena huma revolução sem fundamento algum, mas que causou não pequeno susto, até pelas tenebrosas ameaças de pretenderem lançar em ultimo caso mão de insurgir a escravatura dos engenhos, o que era possivel esperar de homens inteiramente perdidos.

Entretanto, cuido de dar as providencias precisas para serem capturados todos os rebeldes, e estabelecer a paz e a tranquillidade que tão necessaria se faz.

Resta dizer a V. Ex. que um tal movimento mereceu em geral a animadversão publica, e que este Governo achou apoio em muitos bons patriotas, entre os quaes se distinguiram os juizes de paz—da Cruz das Almas, Francisco da Rocha Galvão, e de —S. Gonçalo dos Campos, João Pedreira do Couto Ferraz. O que tudo V. Ex. fará chegar ao conhecimento da Regencia. Deus guarde a V. Ex. Palacio do Governo da Bahia, 28 de Fevereiro de 1832. Illm. Exm. Sr. José Lino Coitinho.—*Honorato José de Barros Paim.*»

(*Continúa.*)



Actas das Sessões

50.^a SESSÃO DE 17 DE ABRIL DE 1898

Presidencia do Cons. Salvador Pires

Aos 17 dias do mez de Abril de 1898, nesta cidade da Bahia e salão do Instituto, á 1 hora da tarde, presentes os socios Cons. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque e João Nepomuceno Torres, Dez. Thomaz Garcez Paranhos Montenegro, Drs. Braz Hermenegildo do Amaral e Octaviano Muniz Barretto, padre Luiz da França dos Santos, pharmaceuticos Luiz Filgueiras e commendador Joaquim Manuel de Sant'Anna, coronel Gonçalo de Athayde Pereira, commendador Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, Eloy de Oliveira Guimarães e Isaias Santos, foi aberta a sessão, sendo lida e approvada sem debate a acta da sessão anterior.

O expediente constou de um officio do secretario da Escola Normal da cidade da Barra, enviando cópia da acta de sua installação no dia 3 de Março ultimo. Mandou-se archivar.

Foram lidas quatro propostas para socios effectivos e correspondentes do Instituto, a saber: Comm. João Antonio Rodrigues Martins, consul brasileiro em

Genova, Dr. Rodrigo Antonio Falcão Brandão, professor João Joaquim dos Santos Sá, Drs. Tiburcio de Oliveira, Joaquim Macedo de Castro Rebello, Frederico de Castro Rebello e João Baptista de Castro Rebello.

O conselheiro presidente declarou que havia recebido da Exma. Sra. D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, viuva do pranteado socio Dr. Augusto Guimarães, uma carta acompanhando valiosa offerta de livros, jornaes, retratos e documentos historicos que pertenceram áquelle consocio, e que em nome do Instituto agradecera.

O scocio benemerito, dezembargador Montenegro, communicou que a commissão incumbida de escrever a historia da campanha de Canudos reunio-se e dividio os respectivos trabalhos; e propoz que, tendo os Drs. Braz do Amaral e Innocencio Góes iniciado estudos no subterraneo do Seminario de Santa Theza, se continuasse na exploração daquelle subterraneo, facilitando-se os meios necessarios para isso, e aproveitando-se assim a boa vontade de tão esforçados socios. Esta proposta foi approvada.

O socio Dr. Braz do Amaral apresentou uma certidão da carta régia que creou a villa de S. José de Porto Alegre, ao sul do Estado, para ficar archivada; e leu uma carta que foi enviada dos sertões do Prado contendo cópia de uma outra do engenheiro Frot, que actualmente faz explorações na serra dos Aymorés, por julgar que esse documento é interessante e merece ser publicado na *Revista*.

O conselheiro presidente declarou que não podendo o Instituto deixar de adherir ás festas commemorativas do centenario da descoberta do caminho da India, havia encarregado ao nosso consocio João Vieira da Silva, consul brasileiro em Lisboa, da incumbencia de representar o Instituto nas alludidas festas; e que approximando-se o dia 3 de Maio, anniversario da installação deste Instituto, convinha desde já providenciar sobre os preparativos da festa a realisar, a exemplo do que se tem feito nos annos

precedentes, sendo encarregado o Sr. Thesoureiro de providenciar a respeito.

Nada mais havendo a tratar, encerrou-se a sessão ás duas e meia horas da tarde, lavrando eu, 2.º Secretario, a presente acta, que vae assignada.—Isaias de Carvalho Santos.

Approvada em sessão de 8 de Maio de 1898.—*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.*—*João Nepomuceno Torres.*—*Isaias de Carvalho Santos.*

OFFERTAS

ABRIL DE 1898

—Pelo socio *Ismael Gracias*: Principios de Direito Administrativo (Nova Goa), 1898.

—Pela *Secretaria do Interior*: Mensagem apresentada pelo Exm. Governador do Estado á Assembléa Geral Legislativa, em 1898.

—Pela *Secretaria do Senado Estadual*: Annaes das sessões do Senado do anno de 1897 e Synopses dos trabalhos do mesmo Senado em 1893 e 1894.

—Pelo socio *Dr. Guilherme Studart*: Revista do Instituto do Ceará, vol. 12, 1.º trimestre de 1898; A Variola (vaccinação e revaccinação) pelo Dr. José Lino da Justa, Fortaleza, 1897; Almanak administrativo do Estado do Ceará, para 1898, por João Camara; Navios inglezes no Ceará, pelo offertante.

—Pelo cidadão *Alfredo de Carvalho*: Olinda conquistada, narrativa do padre João Baers, traducção do hollandez, Recife, 1898.

—Pelo Dr. *Virgilio Reis*: Lucas da Feira, O saltador,—historia de sua vida até o seu julgamento e execução—Cachoeira, 1896.

—Pelo socio Dr. *Miguel de Teive e Argollo*: Relatorios do Prolongamento da Estrada de Ferro da Bahia, correspondentes aos annos de 1877 e 1891.

—Pelo socio Cons *Lopes Vasconcellos*: Instruc-

ções e Decisões Catalogadas sobre o alistamento eleitoral de 1881; Estudos Academicos pelo Dr. Pesanha Pova, S. Paulo, 1860-1864; La Retraite de Laguna, por Alfredo Taunay, Rio, 1871; Apontamentos Biographicos, 1866; Catalogo geral das obras de sciencia e litteratura da Bibliotheca Publica da Bahia, 1 vol., 1878; O casamento civil e o casamento religioso, pelo Dr. Braz Florentino, Recife, 1859; Almanak da Bahia, em 1873; Idem do Ceará e S. Paulo em 1873; Idem do Paraná em 1877; Considerações sobre a Constituição Brasileira, por Polycarpo de Leão, 1872; Excursão ao Salto do Guayra, Paraná; Conflictio religioso no Pará, pelo conselheiro Tito Franco; Cathecismo Politico Moral Bahiano, por José Ferrari; Catalogo dos objectos do Museu Paraense, 1882; Necrologia do senador Diogo Antonio Feijó; Moysés, o Talmud e o Evangelho, por Alexandre Weille (3 vol.); Parecer do Conselho de Estado sobre a abertura commercial do Amazonas; e varios jornaes antigos contendo escriptos historicos.

--Pelas respectivas *Redacções*: *Revista Popular*, n. 17, Março de 1898; *Revista Mensal* do Tribunal de Justiça de S. Paulo, n. 1, anno 4.º, 1898; Buletin of the American Geographical Society, n. 1, vol. 3, 1898; *Revista Catholica*, fascs. 43 e 44 de 1898; Comptes Rendus des Sèances, ns. 1 e 2, Janeiro a Fevereiro, 1898; Bulletin de la Socièté de Geographie Commerciale de Bordeaux, n. 5, Março, 1898; Revue Geographique Internationale, n. 267, Fevereiro, 1898; Bolletinos della Societá Geografica Italiana, vol. 11, serie 3.ª n. 3; *Revista Portuguesa Colonial e Maritima*, anno 1, n. 6.

51ª. SESSÃO EM 3 DE MAIO DE 1898

Sessão magna commemorativa do 4 anniversario da installação do Instituto

Presidencia do Cons. Salvador Pires

Aos tres dias do mez de Maio de 1898, à 1 hora da tarde, nesta Cidade do Salvador, Bahia de Todos

os Santos, no salão do Instituto, presentes os socios Cons. Dr. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Presidente, Cons. Dr. João Nepomuceno Torres, 1.º Secretario, Dr. Isaias Santos, 2.º Secretario, Cons. Dr. Filinto Justiniano Ferreira Bastos, substituto do orador, e Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, Thesoureiro, membros da meza administrativa; Cons. Drs. Braulio Xavier, Pacheco de Mello, Botelho Benjamin, Drs. Satyro Dias, Silva Lima, Ernesto Carneiro, Antonio Coitinho, Felix Gaspar, Octaviano Barretto, Guilherme Rebello, Sá e Oliveira, Matheus dos Santos, João de Cerqueira, Deocleciano Ramos, Manoel Britto, Innocencio Goes e Bonifacio Faria Rocha, Desembargadores Licinio Alfredo da Silva e Jeronymo Gonçalves, Professores Elias Nazareth, Austricliano Coelho e Torquato Bahia, Pharmaceuticos Luiz Filgueiras e Comm. Joaquim Manoel de Sant'Anna, Coroneis Affonso Pedreira, Martiniano de Almeida e Gonçalo de Athayde Pereira, Drs. Atilio de Carvalho e Vital Soares, Comm. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Aloysio de Carvalho, Moreira de Góes e Henrique Prager, Conego Ludgero Pacheco e Padres Elpidio Tapiranga e Luiz da França, com as assistencia de algumas Exmas. Senhoras, do Exm. Sr. Dr. Salgado, consul de Portugal, e de diversas commissões representando o Gymnasio, o Instituto Normal, as Escolas de Medicina, de Direito, Polytechnica e de Bellas Artes, o Centro Operario, a Camara dos Deputados e o Senado, dos Exms. Srs. Drs. Secretario do Interior, da Segurança Publica, do Dr. Inspector Geral do Ensino, do Commandante do Regimento Policial e de representantes da imprensa, o Sr. Cons. Presidente declarou aberta a sessão, lendo em seguida bem elaborado discurso em que salientou os serviços que o Instituto tem prestado e vae prestando á historia patria, sempre empenhado em desobrigar-se da ardua tarefa de que se encarregou.

Pelo Sr. Cons. Dr. João Torres, 1.º Secretario, foi lido um relatorio minucioso das occurrencias mais no-

taveis de anno findo, enriquecido de importantes informações sobre o movimento e augmento de specimens em todas as secções e notadamente do augmento de volumes para a bibliotheca, dando detalhada noticia de todos os trabalhos a seu cargo.

O Sr. Cons. Dr. Filinto Bastos, substituto do orador, e na ausencia deste, produziu substanciosa oração, traçando o elogio e a noticia biographica dos socios fallecidos, Drs. Antonio Joaquim dos Passos e Francisco de Oliveira Ramos e do capitão Olavo de Freitas Martins, salientando, em particular, o grande merecimento deste como um dos mais esforçados sustentadores do Instituto.

Por ultimo o Sr. Dr. Salgado, consul de Portugal, em eloquente improviso felicitou o Instituto pela festa commemorativa que realisava e pelos serviços que tem prestado, assegurando ao mesmo a sua sympathia; e, aproveitando a oportunidade, convidou, por si e em nome da commissão incumbida das festas que se vão realisar no dia 20 do corrente para commemorar o centenario da descoberta do caminho das Indias, o Instituto a tomar parte nessas festas.

O Sr. Cons. Presidente agradeceu o honroso convite, declarando que o Instituto tomal-o-ia na devida consideração.

Nada mais havendo, foi encerrada a sessão ás duas e meias horas da tarde. E eu, 2º Secretario, lavrei a presente acta e assigno—*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.*—*João Nepomuceno Torres.*—*Isaias de Carvalho Santos.*

DISCURSO DO CONS. PRESIDENTE

Exmas. Senhoras.

Exms. Senhores convidados e socios:

Encorajado pela confiança que a vossa benevolencia continúa a depositar na sinceridade dos meus desvelos em prol do *Instituto Geographico da Bahia*, eu,

vencendo ainda uma vez a timidez que me é congenita, ousou erguer a minha voz tremula, e rebelde aos torneios da palavra, para, antes de tudo, como em identicas solemnidades hei já feito, dar-vos meus cordiaes prolfanças, não já entre confiante e apprehensivo na prosperidade futura do *Instituto*, mas intimamente convencido de que sua existencia, além de consolidada, acha-se radicalmente firmada não só no seio offegante dos que directamente pugnam pelo seu progresso, como no generoso coração dos habitantes desta capital, que fremente pulsa deante de todas quantas idéas grandiosas podem rememorar as glorias que doiram o passado dessa preciosa gemma do Brazil:

«enlevo de tanta lyra,
«berço de tanto ideal».

(R. M. Barretto.)

Timorato, nas primeiras sessões commemorativas do anniversario do *Instituto*, eu implorava o poderoso auxilio de Deus e a vossa vigorosa collaboração para superarmos quantos obices se antepuzessem ao seu progredir, que se me afigurava certo, embora lento; não porque sentisse depauperada a sua força vital, mas porque é da indole das associações scientificas trilhar a passo lento a fragosa estrada do progresso si fortuitas, mas poderosas, circumstancias não vêm accelerar sua avançada para o termo de sua róta, para o alvo de suas glorias.

*
* *

Assim, vigorosa, mas modesta, deslisava-se a existencia do *Instituto*, quando, na sessão ordinaria de 14 de Fevereiro do anno passado, recebi, e foi lida, uma carta do nosso distinctissimo consocio o Dr. J. F. Silva Lima lembrando a conveniencia de promover-se uma solemnidade para commemorar o proximo bi-

centenario do fallecimento do padre Antonio Vieira: e, tendo na merecida consideração não só a proposta, como seu illustre auctor, indiquei a nomeação de uma commissão executiva, o que sendo apoiado, nomeei os socios conselheiro Filinto Bastos, Drs. Braz do Amaral, Julio de Calasans e Reis Magalhães, conego Manfredo Lima e professor T. Bahia, para compol-a, sob a presidencia do Dr. J. F. da Silva Lima.

Puzeram mãos á obra, tão extrenuos cavalheiros, em tão propicia hora, e com tanto afan e dedicação trabalharam, que, em observancia do programma, no dia 11 de Julho iniciaram-se os actos commemorativos do glorioso bi-centenario, consistentes na sessão inaugural e quatro conferencias, qual mais opulenta de factos, mais encantadora pelo estylo, mais deslumbrante pelo effeito, terminando no dia 18 pelo prestito civico, o mais numeroso e imponente que já presenciou esta capital, que simultaneamente contribuiu com a mais decidida espontaneidade, com o melhor de seus talentos, com o mais primoroso entre as joias de seu precioso gazophylacio, com a mocidade que ornamenta todos os institutos scientificos, com a população compacta que, em respeitoso silencio, descoberta e reverente, o viu desfilar até o magestoso claustro dos jesuitas, que foi o ninho onde emplumou as azas o Condor altivo. acompanhando o marmore que perpetuará a sempiterna memoria do padre Antonio Vieira, sellando assim tambem o *Instituto* o seu mais nobre e honroso fóral, o seu titulo indelevel á reverencia da posteridade.

A realidade, meus Senhores, nunca dá tanto quanto a imaginação promette, mas o testemunho da população inteira desta capital, de sua illustrada imprensa, da imprensa de todo o Brazil e Portugal asseguram que naquelle commettimento o conceito supra-enunciado foi excepcionalmente modificado pelo prodigioso labor da commissão executiva, que tudo merece do *Instituto*.

E de facto, Senhores, como outr'ora,
 «de gente em gente resoou preclara
 «a voz, que prenunciava Breno em Roma,»

(F. M. do Nascimento—Os martyres).

o *Instituto*, 9 mezes depois, ainda escuta extasiado os echos que de 11 a 18 de Julho reboaram de seu recinto em sublime evocação das acções illustres do preclaro monge, que, em vida, nos soliloquios do claustro, enumerava seus dias pelos triumphos, embora ephemeros, como são as glorias terrenas, empanadas sempre pelo travo dos dissabores e injustiças, mas nunca arrefeceu na lucta pelo Bem, que sempre obedeceu á voz da consciencia que lhe intimava «caminha»: elle, que soube alcandorar a altivez de seu genio em culminancia tal que dois seculos depois a manifestação de sua sombra no espaço foi saudada como uma deslumbrante aurora boreal, com mais alacridade talvez do que manifestam os astronomos quando, no cimo de seus observatorios, com o auxilio do maravilhoso invento de Jacobo Mencie, divisam no campo visual de suas lentes um astro novo, ou a reaparição dos que, no percurso de sua extensa ecliptica, parecem perdidos na amplidão da esphera sideral; elle que pleno de orgulhosa indignação, no dia em que aos 58 annos de agitada existencia, recebendo do tribunal da inquisição de Coimbra a condemnação, equivalente á morte, como falso propheta, podia repetir com estoico desdem as palavras do poeta :

«Quid mihi mors nocuit? virtus post
 «fata virescit.

«Nec sœvi gladio perit illa tyranni!»

«A morte em que me offende? Além da campa
 «Reverdesce a virtude, e não se extingue
 «Sob o cutello de feroz tyranno.»

E d'est'arte, meus Srs., ficou mais uma vez de-
 R. 15

monstrada a verdade enunciada por um dos nossos mais proectos estadistas, Euzebio de Queiroz, «o meio mais seguro de firmar uma instituição é tornal-a util»; e fosse o *Instituto* uma simples associação litteraria, promissora apenas de muito fructo, limitasse suas reuniões a mero expediente ou a festejos banaes, sem jamais desvendar o flanco de sua utilidade, e teria desaparecido, ou contados os seus dias estariam.

Mas assim não se tem escoado a vida d'esta associação; o trabalho tem sido o seu lemma, o esforço e constante desejo de fructificar a sua continua preocupação, e, como V. Hugo, podemos dizer tambem: *c'est ici le combat du jour et de la nuit.*»

E tem sido por este processo que, sem descurar os detalhes *du menage*, cogitando das pequenas cousas como das grandes idéas o *Instituto*, que muito temeu do exito de seu grandioso feito do anno passado, o qual desdobrou-se por entre as tristezas que nos confrangiam o coração deante da nefasta lucta que devastou a zona septentrional do nosso Estado, quando aguardava-se a cada instante a noticia da victoria, ou da derrota, da 4.^a expedição militar internada pelos invios sertões do norte, e que mais temia as agruras do meio inhospito do que a ferocidade do inimigo, o *Instituto*, repito, tomou a si o encargo de escrever a historia fiel dessa infeliz peleja, que tantos dissabores causou, material como moralmente, que tanto deturpara a correcção do governo como os brios do exercito brasileiro: pois então era impossivel no turbilhão de boatos antagonicos apurar por completo a extensão das responsabilidades, diversamente distribuidas, tanto é certo que

*«Prospera omnes sibi vindicant,
Adversa uni imputentur.»*

Sim, o *Instituto* desviaria o seu programma, si quedo, deixasse correr mundo, prenhe de inexactidões uma convulsão que extremeceu seu proprio seio, que tornou-se geralmente conhecida, porém mal apreciada no paiz como fóra d'elle, si não aproveitasse a oportunidade de prestar mais um relevante serviço prescrutando com olhar penetrante factos obscuros para d'elles haurir a verdade historica, despertando, como lição aos posteros, proficuas e «nobres memorias, que incitam os nobres sentimentos, como os nobres sentimentos persuadem as nobres acções», na conceituosa phrase de Mendes Leal Junior.

∴

Eis o que foi em synthese a vida d'esta instituição durante o seu quarto anno, e foi este o melhor assumpto que deparou-se-me para, congratulando-me comvosco, entreter-vos por instantes, e não vae n'isso o só jubilo, aliás justificavel, de registrar factos que recommendam o *Instituto*, vae tambem o desvanecimento de proclamar bem alto o merito real dos nossos dignos associados, em cujo numero encontram-se homens de verdadeiro merito scientifico e litterario, capazes dos mais elevados empreendimentos, ousados até o sacrificio da saude e vida, como (seja-me licito abrir um parenthesis) os dois assignalados exploradores dos mais notaveis subterraneos d'esta capital, de cujos trabalhos dão noticia a nossa *Revista* e cujos nomes orgulho-me de declinar, os Drs. Braz do Amaral e Innocencio Muñoz de Araujo Góes; homens que, não muitos, embora, mas são de verdadeira tempera de aço, d'aquelles de que carece o *Instituto* para attingir seu escopo: *homines non numerandi sed ponderandi*.

∴

Eis, Srs., em traços ligeiros, quanto vos posso relatar ao abrir a sessão magna com que o *Instituto*

solemnisa o seu 4.º anniversario, e por cuja vitalidade eu faço votos como pela propria existencia; e cordialmente agradecendo vossas presenças neste recinto modesto, onde symbolisam o melhor estimulo e conforto que podeis trazer-nos para a penosa, mas grata peregrinação que encetamos com os alevantados intuitos a que já tive occasião de alludir em identicas solemnidades, beijando-vos ainda as mãos por essa gentil fineza eu peço venia do enfado que terei produzido em vossos animos, avidos de ouvir primores oratorios e confio de vossa benevolencia obtel-a, pois sabeis quanto esforço é mister para, sobre um assumpto vulgar, prender a attenção de um auditorio illustrado:

Difficile est proprie communia dicere.

Relatorio do 1.º Secretario Conselheiro João Torres

Sr. Presidente:

Senhores:

No desempenho da incumbencia imposta pelo honroso cargo para o qual a vossa generosidade me designou venho hoje congratular-me com vosco pelo quarto anniversario que o Instituto commemora e relatar-vos as principaes occurrencias havidas durante o anno social de 1897.

Obedecendo ao objectivo para o qual foi creado, o Instituto Historico continúa em brilhante e crescente desenvolvimento, contribuindo poderosamente para a formação da nossa historia escripta.

E taes tem sido os seus trabalhos, as suas investigações que, orgulho-me sobre modo poder-vos affirmar, se tem constituido um forte e vivo elemento de estudo e de observação historica, representando saliente papel nas lettras do paiz e principalmente do Estado.

O esforço dedicado dessa pequena porção de desinteressadas actividades que se congregam e fazem a vida desta instituição, tem sido da mais proveitosa utilidade.

E assim é que, com poucos annos de vida, lutando com a pequenez de sua renda, e com a apathia, muitas vezes transformada em má vontade, inherente ao nosso meio, o Instituto nobremente preenche os fins para que foi creado, attestando o valor intellectual dos nossos homens.

Mantém com invejavel regularidade, o que não é dado a nenhuma outra corporação identica em nosso paiz, a sua *Revista*, cuja collecção é hoje valioso e importante repositório de factos da nossa historia, muitos delles desconhecidos, de estudos, de criticas, de biographias sobre epochas e personagens que já passaram ou já não vivem.

Mas não se limitou o Instituto no anno que findou-se a celebrar suas sessões e a publicar a *Revista*, não, foi tão grandiosa a sua missão durante o anno de 1897, que hoje a sua vida está assegurada pela gratidão nacional.

Esquecido para a Bahia ia ficando o nome do grande evangelizador Padre Antonio Vieira: o bi-centenario da sua morte passaria desapercibido no Brazil, sem que se procurasse prestar uma homenagem á memoria desse grande missionario, que civilisára a nossa terra e ensinára aos nossos avós o amor pela liberdade.

Com a lamentavel indifferença com que são encaradas todas estas homenagens, todas as preoccupações serias e trabalhosas, só ingente esforço poderia aqui na Bahia conseguir a realisação de uma commemoração.

O povo não conhece a historia e faltam-lhe os exemplos nobilitadores, quando é certo que da divulgação delles o estímulo imitativo faria muitas vezes resultar a formação de um grande vulto.

No entretanto, a despeito disso, não se procura dar á massa social os precisos conhecimentos do

valor dos antepassados, nem relembrar os fastos de sua historia, o que não succederia se houvessem festas publicas onde se celebrasse o merito dos grandes homens e se salientasse o valor da vida de cada um delles, ensinando com estes exemplos que só o estudo alliado ao trabalho ennobrece e engrandece.

Esta parte da educação civica vai muito descuidada entre nós, o Instituto tomou a seus hombros esse dever e dá-lhe execução.

Faziam dous seculos que morrera o Padre Antonio Vieira; a Bahia, sua tenda de acção, onde se formara a sua intelligencia, e á qual elle dedicara a melhor e maior parte do seu esforço, não podia esquecer esta data memoravel, e ao Instituto coube a gloria de celebral-a, graças a iniciativa do nosso distincto e illustrado consocio Dr. José Francisco da Silva Lima.

O que para isso fez esta Instituição dirá toda a população desta capital, que se associou ás homenagens prestadas.

Jámais fôra vista nesta cidade tão grandiosa commemoração civica, nunca festa litteraria celebrara-se com maior magnificencia.

Braz do Amaral, Padre Tapyranga, Dr. Ernesto Carneiro e Conego Basilio Pereira em notaveis conferencias publicas salientaram e estudaram o Padre Vieira encarando-o sob todas as faces da sua vida e pelas quaes se revelara a sua poderosa mentalidade.

A imprensa, fraternisada no mesmo pensamento, disputava a primasia no enaltecer o merito de cada uma destas admiraveis provas do vigor intellectual e scientifico de nossa terra, vendo nesta homenagem o renascimento das lettras bahianas, um ensinamento civico.

Depois de estudado Vieira, o Instituto em procissão civica foi em visita ao antigo collegio dos jesuitas, sua habitação, em cuja fachada collocou a lapida commemorativa, acompanhando-nos nesta peregrina-

nação cinco milhares de pessoas, que representavam a Bahia reconhecida ao eminente missionario.

Imponentissima foi a celebração deste bi-centenario, que perpetuou a vida da nossa Instituição, deixando imperecível na lembrança popular o quanto fizemos para consecução desta festa.

A conclusão da commemoração fez-se com a publicação de um numero especial da *Revista* contendo as quatro conferencias e a descripção de tudo que passou-se durante ella.

Bastaria isso para que o Instituto tivesse brilhantemente desempenhado a sua missã durante 1897, mas não ficaram ali os seus serviços á historia patria.

Findou-se a campanha de Canudos e immediatamente foi eleita uma commissão para estudal-a e escrever a sua historia.

Esta commissão, sob a presidencia do socio benemerito Desembargador Montenegro, trabalha com affinco e pensa em ir ao campo da lucta para ahi melhor estudar as condições phisicas e mesologicas.

O trabalho da commissão foi dividido da seguinte forma: encarregar-se-ha da parte historica o Dr. Braz do Amaral, da parte politica o Desembargador Montenegro, da parte juridica o Conselheiro Joaquim Spinola, da parte militar o capitão de mar e guerra Alves Camara e Coronel Affonso Pedreira, e da parte religiosa o Dr. Innocencio Goes.

O Instituto, calma e desapaixonadamente, cumprirá esse dever, dizendo a verdade ao paiz, por mais dolorosa que ella seja.

Os ossos de Sabino Vieira que dormiam esquecidos em Matto Grosso foram, por iniciativa do Instituto e ás suas expensas, trazidos para esta capital, onde esperamos levantar um singelo mausoléu que os encerre e perpetue a sua memoria.

Esses são os factos geraes, passemos agora a especialisar nossa vida intima, os nossos trabalhos.

. . .

Durante o anno celebrou o Instituto, além da

sessão anniversaria, 9 sessões ordinarias e de assemblea geral nas quaes foram tratados importantes assumptos de geographia e historia patria.

Na sessão de 19 de Maio teve logar, na fórma dos Estatutos e com a presença de 58 socios a eleição da meza, que foi reeleita, e das differentes commissões.

Na sessão de 13 de Junho o Dr. Silva Lima leu o programma das festas commemorativas do bicentenario de Vieira, que foi approvado; e declarando que a lapida commemorativa era offerta sua, resolveu o Instituto que se consignasse na acta um voto de gratidão ao mesmo consocio por tão valiosa dadiva. Resolveu-se ainda que fosse aberta entre os socios effectivos uma subscrição para auxilio das despezas a fazer-se com a commemoração.

Na sessão de 1.º de Agosto o Dr. Silva Lima apresentou e leu o relatorio da Commissão executiva do Centenario dando conta do modo por que havia cumprido o seu mandato, congratulando-se com Instituto por ter levado a effeito esse commettimento. Em seguida, sob proposta do professor Austricliano Coelho, votou-se que fosse inserido na acta um voto de louvor e de agradecimento á commissão executiva pelo modo brilhantissimo por que se desempenhou da incumbencia que lhe foi feita.

O nosso solcito e zeloso thesoureiro capitão Ferreira Braga, dando conta das quantias arrecadadas e das despezas feitas com a commemoração, apresentou diversas listas de subscriptores, elevando-se a importancia arrecadada a 2:731\$000, e as despezas, até aquelle momento, na importancia de 1:669\$120 réis.

Na sessão de 8 de Agosto, depois de votado o parecer da commissão de Fundos e Orçamento approvando as contas da receita e despeza do anno de 1896, bem como o novo orçamento para o anno de 1897 a 1898. votou-se por aclamação a proposta assignada pela meza conferindo o titulo de socio honorario ao Dr. José Francisco da Silva Lima pelos relevantes serviços prestados ao Instituto na pre-

sidencia da commissão executiva do centenario, já offerecendo a lapida commemorativa, já angariando quantiosas assignaturas na subscrição de que encarregou-se.

Na sessão de 25 de Setembro o Instituto occupou-se ainda do projecto do ex-senador João Barbalho sobre a desannexação da antiga comarca do Rio S. Francisco, manifestando-se solidario com o protesto levantado pelo illustrado consocio senador Severino Vieira na defesa dos direitos da Bahia; resolvendo-se mais que fosse reproduzido no *Diario da Bahia* o artigo do Dr. Miguel de Teive Argollo e distribuido pelos nossos representantes no Congresso Federal.

Na sessão de 31 de Outubro era votada a proposta do socio Dr. Innocencio Góes, congratulando-se com os governos da União e do Estado pela terminação da campanha de Canudos, e que fosse nomeada uma commissão para felicitar o conselheiro Governador pela pacificação do Estado; sendo lançada na acta um voto de profundo pesar pela morte do nosso esforçado consocio Olavo Martins, a quem o Instituto deve serviços reaes pela sua infatigavel collaboração.

Na sessão de 20 de Março, depois de lido o relatório do thesoureiro com o balancete da receita e despeza do anno proximo findo, o Dr. Braz do Amaral leu interessante communicação relativa a exploração subterranea que em companhia do socio Dr. Innocencio Góes fizera nas galerias do antigo collegio dos Therezios (actual seminario de Santa Thereza), deliberando o Instituto que se proseguisse nessa exploração, aproveitando-se a boa vontade de tão illustres consocios.

Na sessão de 17 de Abril ultimo o Dr. Braz do Amaral leu importantissima communicação que lhe foi enviada dos sertões do Prado, sobre as explorações que faz o engenheiro Apolinario Frot em uma zona inexplorada e desconhecida da Serra dos Aymorés.

Finalmente, o Instituto não podendo deixar correr

sem a sua adhesão as festas commemorativas da descoberta do caminho maritimo da India, que o povo portuguez pretende realizar em Lisboa no corrente mez de Maio, resolveu, na impossibilidade de celebrar uma sessão especial, encarregar ao nosso illustre consocio João Vieira da Silva, consul brasileiro naquella capital, de represental-o nas alludidas festas.

Do livro das offertas constam os importantes donativos, que no anno findo recebeu a nossa modesta bibliotheca, e as diversas secções do museu e mineralogia.

Além dos jornaes e revistas nacionaes e estrangeiras, mencionados no relatorio ultimo, o Instituto recebeu mais os seguintes: *O Debate*, *O Operario*, *O Album*, *A Revista Popular*, *A Revista Typographica*, *A Revista do Pará*, *A Revista Portuguesa*, *Archivo de Jurisprudencia medica*, *Revista da Escola Agricola* e a *Revista Maritima*; 120 volumes, e muitas outras brochuras e jornaes antigos; 33 moedas e 4 medalhas; 4 fosseis, 3 machados de pedra, 1 bloco de turfa, 2 specimens de cabos electricos, um delles para illuminação publica, e varios manuscriptos e autographos.

Entre as doações, detalhadamente publicadas na *Revista*, pedem particular menção as seguintes: O relatorio de Halfeld sobre a exploração do Rio São Francisco, offerta do Visconde de Barbacena; um mappa do Estado da Bahia e a arvore genealogica da descendencia de Catharina Alvares, trabalhos do nosso consocio Dr. Miguel Argollo; uma planta do arraial de Canudos levantada pela commissão de engenheiros, nomeada pelo governo federal; a acta em pergaminho por occasião de ser collocada a pedra commemorativa do centenario de Vieira a 18 de Julho de 1897: a chave da igreja velha do arraial de Canudos, trazida pelo academico Martins Horcades; um

rico album contendo photographias dos principaes monumentos e praças de Paris, offerta do desembargador Montenegro; 19 frechas com pontas, desde o arpão de madeira endurecida até o osso e o ferro, arcos, taquaras, zurubatanas, um ralador de madeira com pontas de pedras encrustadas, adereços e outros artefactos indigenas, valiosa offerta do socio conego Emilio Lobo; a Gran Guia Estadistica Sul Americana, 1897, offerta da secretaria do Interior deste Estado.

A bibliotheca, que está diariamente aberta à visita publica, e já possui cerca de 6.000 volumes, funciona neste mesmo salão das sessões: a aquisição de um predio com as necessarias accomodações é de imprescindivel necessidade, e para isso a meza administrativa tem envidado esforços, infelizmente sem resultado.

• •

Durante o anno social soffreu o Instituto tres golpes com a perda lamentavel dos esforçados consocios Dr. Antonio Joaquim de Passos a 16 de Junho, Dr. Francisco de Oliveira Ramos a 7 de Setembro, e o capitão Olavo Martins a 11 de Outubro. Os serviços por elles prestados ás lettras patrias e em particular á esta instituição serão rememorados pela palavra sempre inspirada do nosso orador.

Foram approvados e recebidos no gremio do Instituto 43 dos cidadãos propostos e que se recomendaram á nossa escolha pelo seu reconhecido merito litterario, os quaes já satisfizeram as exigencias regimentaes.

Effectivos: Exma. Sra. D. Amelia Rodrigues, coronel Gonçalo de Athayde Pereira, Drs. Paulo Martins Fontes, Pedro dos Reis Gordilho, João Pedro dos Santos, João Tillemont Fontes, Pedro Vergne de Abreu, Octaviano Muniz Barretto, Joaquim Pires Muniz de Carvalho, Sebastião Cardoso, (Remido), Francisco Alexandre de Souza, José Antonio da Costa, Ernesto Carneiro Ribeiro, Alfredo Antonio

de Andrade, Wenceslau Guimarães, José Alvaro Cova, Pedro Muniz Leão Velloso, pharmaceutico Joaquim Manuel de Sant'Anna, padre Elpidio Tapyranga, Barão de S. Francisco e desembargador Manuel Maria do Amaral.

Correspondentes: — Engenheiro Apolinario Frot, desembargador Napoleão Simões de Oliveira, Exma. Viscondessa de Cavalcanti, Visconde de Cavalcanti, coronel Antonio Pessoa da Costa e Silva, Candido Costa, Manuel Velloso da Silva, conego Dr. Emilio Lopes Freire Lobo, Drs. Francisco Augusto Pereira da Costa, Pedro Nolasco de Gusmão Buarque, José Isidoro Martins Junior, José Joaquim Seabra, José Joaquim Pessanha Pova, José Raymundo Telles de Menezes, Cezar Augusto Marques, Antonio de Toledo Piza, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, Visconde de Barbacena, general D. Bartholomeu Mitre, coronel Dr. José Clementino Soto, Dr. Mariano Peliza e general Dr. Landaeta y Rosales.

Os juizes de direito Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque Junior, Alvaro Henrique Silvestre de Faria, José Maria Tourinho, Reginaldo Alves de Mello e José Heraclides Ferreira officiaram, pedindo que lhes fosse conferida a qualidade de socios correspondentes, de accordo com o disposto no art. 9 § 3º dos Estatutos.

Conta o Instituto presentemente 270 socios, a saber: 1 benemerito, 8 honorarios, 156 effectivos, 105 correspondentes. Dos effectivos são remidos 13 socios apenas.

*
* * *

O estado financeiro do Instituto vae-se tornando lisongeiro e animador.

Pelo balancete da receita e despesa do anno findo, apresentado pelo nosso honrado consocio capitão Ferreira Braga, verifica-se que a receita foi de 13:423\$055, e a despesa importou em 11:047\$996,

passando para o mez de Janeiro um saldo da quantia de 2:375\$059.

Além deste saldo, acha-se em deposito, com applicação especial, na Caixa Económica do Estado a 6% (caderneta n. 856), a quantia de 5:549\$000 da subvenção federal e loterias já extrahidas, que constituirão fundo de reserva para a compra do predio.

Mediante a quantia de 1:154\$000 conseguiu a Meza realisar a encadernação de 278 volumes e a compra de 419, inclusive uma collecção completa do *Direito* e varias obras que pertenceram ao fallecido consocio Olavo Martins, por deliberação da assembléa geral.

A Secretaria funciona regularmente das 9 ás 3 da tarde, a sua escripturação se faz em 10 livros, e além do expediente ordinario foram expedidos 115 officios; e nesse serviço tenho sido coadjuvado pelos respectivos funcionarios, que se mostram sollicitos no cumprimento de seus deveres.

Eis ahi, meus Senhores, todo o movimento do Instituto durante o anno passado.

Prosigamos em nossa tarefa, trabalhemos.

Bahia, 3 de Maio de 1898.

O 1.º Secretario,

JOÃO NEPOMUCENO TORRES.

DISCURSO DO CONS. FILINTO BASTOS

Exmas. Senhoras:

Meus Senhores:

Na infinita cadeia do tempo prendem-se fatalmente os élos dos acontecimentos felizes aos dos successos infaustos.

Para exemplo do que ha de vir, faz-se muitas vezes mister que o presente se volte para o preterito e alli vá descobrir sagrados sarcóphagos, mausoléos

onde se escondem esperanças desfeitas, saudades que nunca se hão de desfazer.

Por isso é que nesta solemnidade commemorativa de mais um anno de esforços do *Instituto Geographico e Historico da Bahia*, felizmente coroados de excellente exito, temos de volver os olhos para os bons companheiros que deixaram as lides da existencia, e lançar-lhes sobre os tumulos, não ha muito fechados, os lirios e os goivos de nossa eterna lembrança, de nosso eterno pezar.

Não é que a morte deva entibiar o espirito do crente. Não obstante o fluido mysterioso que a memoria dos grandes extinctos, que nos foram caros, transmite ás energias dos que sobrevivemos, incitando-nos a indefesso trabalho, é infelizmente verdadeiro, e muito verdadeiro, esse deliquio do coração, momentaneo embora, ante a esmagadora frieza do sepulcro.

Já tem o *Instituto Geographico e Historico da Bahia*, meus Senhores, perdido notaveis consocios, que tudo empenharam por que esta sociedade se elevasse muito alto, realisando plenamente os intuitos patrioticos de seus fundadores.

O que tendes diante de vossos olhos, meus Senhores; a commemoração esplendida do segundo centenario do grande Jesuita Antonio Vieira; os planos grandiosos da benemerita Direcção desta sociedade: tudo convence da seriedade e sinceridade com que nos temos todos empenhado, cada qual na medida de suas forças, por que esta instituição mostre *Urbi et Orbi* a exacta comprehensão do papel eminentemente progressista e civilizador que lhe incumbe desempenhar no scenario das grandezas patrias. Os nossos amigos que já desceram á região dos tumulos não cobrirão, por certo, as faces lividas, desalentados ante a inercia e a desidia dos que ficaram.

Se os commettimentos do passado são valiosos documentos para os tempos hodiernos e poderoso estímulo para o futuro, como nol-o diz o distico da nossa Revista—

*Maxima sunt documenta equidem res temporis acti
In præs ens, validusque in veniens stimulus,*
podemos dizer que temos procurado colher das óras
que se foram as preciosidades que se nos têm de-
parado; e que nos anima o fogo sacro das energias in-
domáveis, para proseguirmos nas luctas do porvir.

Temos de ficar por alguns instantes juncto aos des-
pojos mortuarios do Dr. Antonio Joaquim de Passos,
do jovem medico Dr. Francisco de Oliveira Ramos e
do capitão Olavo de Freitas Martins, tres illustres
consocios que se finaram no decurso de 1897.

Escassos são os dados que obtivemos sobre os ex-
tinctos, cujo elogio muito destoará do cabal desem-
penho que exigem os nossos Estatutos; fazendo nós,
porém, o que a nosso alcance estiver, nos relevareis,
Senhores, o incorrecto da forma, o incompleto das
informações.

A phrase da saudade aqui se faz ouvir, como pro-
manando de labios amigos; a homenagem do *Instituto*
será realçada pela sinceridade de sua commemoração.

O Dr. Antonio Joaquim de Passos nasceu no Termo
de S. Francisco, da comarca de Santo Amaro da
Purificação, em 10 de Setembro de 1836.

Pertencente a uma familia em que era tradicional
o amor ás letras, e tendo seu berço na illustre co-
marca de Santo Amaro, onde a cultura intellectual
teve sempre notavel preponderancia, manifestou-se
muito cedo o talento do nosso consocio que, entre os
mais distinctos estudantes, quando não era -- *primus*
inter pares — era sem duvida alguma dos que mais
brilhantemente conquistavam o apreço dos mestres,
impondo-se tambem á affectuosa admiração dos con-
discipulos.

Aos dezesete annos começou a ensinar preparato-

*Maxima sunt documenta equidem res temporis acti
In præs ens, validusque in veniens stimulus,*
podemos dizer que temos procurado colher das horas
que se foram as preciosidades que se nos têm de-
parado; e que nos anima o fogo sacro das energias in-
domáveis, para proseguirmos nas luctas do porvir.

••

Temos de ficar por alguns instantes juncto aos des-
pojos mortuarios do Dr. Antonio Joaquim de Passos,
do jovem medico Dr. Francisco de Oliveira Ramos e
do capitão Olavo de Freitas Martins, tres illustres
consocios que se finaram no decurso de 1897.

Escassos são os dados que obtivemos sobre os ex-
tinctos, cujo elogio muito destoará do cabal desem-
penho que exigem os nossos Estatutos; fazendo nós,
porém, o que a nosso alcance estiver, nos relevareis,
Senhores, o incorrecto da forma, o incompleto das
informações.

A phrase da saudade aqui se faz ouvir, como pro-
manando de labios amigos; a homenagem do *Instituto*
será realçada pela sinceridade de sua commemoração.

—

O Dr. Antonio Joaquim de Passos nasceu no Termo
de S. Francisco, da comarca de Santo Amaro da
Purificação, em 10 de Setembro de 1836.

Pertencente a uma familia em que era tradicional
o amor ás letras, e tendo seu berço na illustre co-
marca de Santo Amaro, onde a cultura intellectual
teve sempre notavel preponderancia, manifestou-se
muito cedo o talento do nosso consocio que, entre os
mais distinctos estudantés, quando não era — *primus
inter pares* — era sem duvida alguma dos que mais
brilantemente conquistavam o apreço dos mestres,
impondo-se tambem á affectuosa admiração dos con-
discipulos.

Aos dezeseite annos começou a ensinar preparato-

rios na cidade de Santo Amaro, sendo nomeado, em 1856, pelo Presidente da então Provincia para reger a cadeira de Latim daquela cidade, vaga pelo fallecimento do distincto professor Bento José da Cunha, prestando gratuitamente os seus serviços, que de tanta utilidade foram aos seus innumerados alumnos.

Procurando scenario mais amplo aos seus talentos, encaminhou-se o modesto professor de linguas, em 1860, para a cidade do Recife, onde lhe falleciam todos os recursos, que não os fornecidos pelo seu constante trabalho. Affeito ao lidar do ensino, auferia lucros das lições que proficientemente dava naquella cidade, onde teve a rara fortuna do contar entre seus discipulos Dr. Fr. Victal, o inclyto Bispo de Olinda.

Matriculado na Faculdade de Olinda, foi obrigado por molestia pertinaz e cruel a interromper seus estudos, concluido já o terceiro anno do curso.

Voltando para Santo Amaro, de sociedade com os professores Pinheiro de Lemos e Caetano Teixeira dos Santos, esteve na direcção do acreditado collegio *Santo Amaro*, do qual fôra fundador seu irmão, o conhecido e distinctissimo educador Joaquim José de Passos. Em 1877, voltou á cidade do Recife, em cuja Faculdade continuou os estudos interrompidos, conquistando brilhantemente em Novembro de 1878 o grão de Bacharel em sciencias juridicas e sociaes.

Regressando á terra natal, foi em Janeiro de 1879 nomeado adjuncto do Promotor Publico da Comarca de Santo Amaro, sendo em Março daquelle mesmo anno nomeado Promotor da mesma Comarca, exercendo este cargo até Abril de 1880, quando foi nomeado Juiz Municipal e de Orphãos do Termo da Purificação dos Campos do Iará, nesta então Provincia e alli completou o quadriennio; e como não tivesse, graças aos caprichos do partido então no poder, obtido recondução, estabeleceu-se com banca de advogado na cidade da Feira de Sant'Anna, onde a imprensa local recebeu o influxo de sua intelligencia e de seu saber. Teve tambem alli cursos de Latim, Francez, Portu-

guez, Italiano e de Geographia, já em sua propria casa, já nos collegios então alli existentes.

Proclamada a nova forma de governo, foi o Dr. Passos nomeado Juiz Municipal e de Orphãos do Termo de Monte-Alegre, mas logo depois abandonou a magistratura, para se entregar de novo ao magisterio, a carreira de sua predilecção, para que tinha irresistivel pendôr. Estabeleceu-se definitivamente nesta capital; e graças á sua reputação de emerito professor, abriram-se-lhe de par em par as portas de muitos dos mais acreditados collegios desta cidade, nos quaes leccionava Latim, fazendo tambem curso de Francez, Portuguez, cuja litteratura classica lhe era muito familiar, e de Geographia.

Nomeado substituto interino e mais tarde substituto effectivo, da cadeira de Latim, no Gymnasio deste Estado, pelo Exm. Sr. Dr. Joaquim Manuel Rodrigues Lima, por acto de 17 de Outubro de 1895, tendo já se preparado em 1891 para concurso, que infelizmente não se effectuou, com sua These—*QUESTÕES GRAMMATICAES—Das raizes, suas relações e suas modificações*—, foi irreprehensivel o nosso consocio no cabal desempenho de suas funcções, como podem dizel-o sem exaggero de favor os seus collegas e os seus discipulos.

Foi no seu lidar quotidiano de mestre, entre os que lhe recebiam dos labios as proveitosas lições, que a morte o colheu em 9 de Junho do anno passado, deixando consternados quantos lhe eram ligados pela familia, pelo coração e pelo espirito.

O apreciado poeta João Gualberto de Passos, thio do nosso consocio, notára com justo desvanecimento o modo como era este inspirado pela Musa da poesia, e o lyrismo teve no jovem Antonio Joaquim de Passos afervorado cultor.

As poesias publicadas nos jornaes de seu tempo da Academia, entre as quaes a que tem o titulo «*Anti-these*», as que sahiram a lume nos periodicos de Santo Amaro; um livro inedito de versos lyricos primorosos; os artigos de doutrina e de polemica estam-

pados nos jornaes d'aquella cidade e da Feira de Sant'Anna, e de outros logares; constituem uma valiosa prova da pujança de sua mentalidade, das riquezas de seu estro aprimorado.

Ensinando e cantando; transmittindo á intelligencia da mocidade a luz do saber e tirando á lyra as notas da inspiração do Bem, do Amor e do Bello: o nosso consocio tinha a indizível fortuna de ver esbaltados nos prismas da phantasia os raios de uma dita realidade—a instrucção. Encaminhando sempre muito para o alto o sentimento, amparando a razão contra desvios traiçoeiros—o mestre e poeta—era um idealista, para quem essa criança eterna—a imaginação—tinha deliciosos sonhos a lhe encher o peito de serenas esperanças, que pairavam no roseo ambiente, onde se aspira apenas o perfume das sciencias, o olor do incenso puro e suavissimo da Religião.

E foi assim que a morte o surprehendeu!

— —

Em 7 de Setembro de 1897, após cruciantes padecimentos, victimado por um aneurisma da aorta abdominal, para o qual foram impotentes os esforços de distinctos e dedicados collegas de profissão, deixou de viver o Dr. Francisco de Oliveira Ramos.

A familia e os amigos sentiram o profundo vacuo deixado pela eterna ausencia daquelle que, pela brandura do character e pelos dotes intellectuaes, se fazia estimar por quantos cultivavam suas relações.

Nascido na villa do Aquiraz, do glorioso Estado do Ceará, em 18 de Agosto de 1866, tendo como progenitores o Coronel Francisco Raymundo da Silveira Ramos e a Exma. Snra. D. Angelica de Oliveira Ramos, o nosso pranteado consocio abraçou por notavel inclinação a carreira das lettras, fazendo com distincção o curso de humanidades.

Depois de um tirocinio, em que o estudo, a applicação, a nobreza dos sentimentos, o impuzeram á estima da Faculdade de Medicina desta cidade, rece-

beu o grau de doutor em Medicina no dia 9 de Dezembro de 1893, realisando, no mesmo dia em que conquistava o anel de medico, o seu consorcio com a nossa talentosa conterranea, tambem diplomada como seu desventurado esposo, pela nossa Faculdade, a Dra. Glafira Ramos. Foi o ponto escolhido para sua dissertação: «Glossopathias terciarias».

Apenas concluido o curso academico e satisfeito o ardente anhelo de seu coração, começaram de manifestar-se os prodromos da enfermidade que tão prematuramente lhe abriu a cova.

Esperanças que se esvaíam e desalentos oppressores foram a pouco e pouco fazendo o lento trabalho da decomposição das forças de seu organismo; e mesmo assim, quanto lhe era permittido, empregava as energias, que lhe iam fugindo, aos misteres de sua profissão e ao cultivo das letras.

Entrando para o *Instituto*, embalava-o a illusão de que poderia prestar-lhe o concurso de uma intelligencia estimulada pela bôa-vontade.

O destino cruel, porem, de tudo zombava: e talvez, quando o lidador se suppunha melhor apercebido para o combate é que teve de tombar na arena.

— — —

O capitão Olavo de Freitas Martins nasceu no dia 18 de Junho de 1847, na villa de S. Francisco, de Sergipe do Conde.

Oriundo de uma familia pobre, mas animado sempre pelo amôr aos livros, desde os tenros annos procurava com interesse tudo o que dizia respeito á nossa historia e á nossa litteratura, chegando a estabelecer-se nesta capital com uma pequena livraria, onde o desejo de buscar no commercio honrada subsistencia era em muito excedido pelo anhelo de nas paginas, que folheava, desalterar-se da sede de saber.

Aos que conhecem o nosso meio e o muito que valem, para auferir lucros mercantis, os negociantes idealistas, não causará surpresa a noticia de que o

nosso consocio teve de abandonar aquelle meio de vida, procurando a contragosto dirigir para outros pontos a sua actividade infatigavel. Assim é que elle foi agente da casa Cameron Smith & Comp., da Companhia de Seguros de vida «Argos Beneficente», e da Companhia Alliança, do Rio de Janeiro, empreendendo pelos Estados do Norte e do Sul da Republica viagens constantes, nas quaes, a par com o cumprimento exacto das commissões de que era encarregado, procurava obter monographias, especimens importantes, retratos de homens celebres e quanto entendia ser util á nossa historia e ao nosso progresso.

O Instituto guarda muitas lembranças do prestimoso consocio.

Em 6 de Outubro de 1894, organizou o quadro dos Bispos e Arcebispos nomeados para esta Archidio-cese; e já estava bem adiantado um outro de todos os Bispos do Brazil, cujas biographias se achavam tambem quasi concluidas, quando a morte, em 11 de Outubro do anno passado, o surpreendeu em meio ao seu glorioso afan.

Nós todos o conhecemos. Era um organismo trabalhado pela febre do progresso; uma intelligencia que não pudera receber a cultura ambicionada, mas que tinha a intuição clarissima da influencia do saber sobre a felicidade dos povos.

Manifestava-se em tudo sua operosa actividade.

Assim é que com o seu esforço enriqueceu a historia ecclesiastica do Brasil, publicando em Fevereiro de 1896, no *Correio de Noticias* desta capital, importantes *Apontamentos sobre Frei Henrique de Coimbra* o virtuoso franciscano que celebrou a primeira missa no Brasil, merecendo o seu trabalho a honra de ser transcripto no volume 59 da «Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil», correspondente ao anno de 1896, sendo tambem publicado em nossa *Revista*, em Dezembro daquelle anno.

Nas palavras que servem de prologo ao bem organizado *Almanak do Estado da Bahia*, do nosso illustrado consocio Professor Borges dos Reis, vem «con-

signada sincera homenagem á memoria de Olavo de Freitas Martins, o espirito operoso e intelligente, que dedicados serviços começara a prestar áquella empreza, serviços infelizmente interrompidos pela morte que tão cedo o arrebatou ao amôr da familia, do trabalho e das lettras, a que se devotara a sua prestante existencia».

Quando, em 5 de Maio de 1894, alguns bahianos bem intencionados resolveram a fundação deste *Instituto*, ninguem excedeu em actividade e zêlo na propaganda ao nosso fallecido consocio, que foi um dos sete signatarios da carta-convite para a installação de nossa sociedade.

Se não fosse já bem conhecida a dedicação do capitão Olavo por tudo quanto encerrava em si elementos de civilisação e gloria para esta terra, bastava o seu papel proeminente, por occasião de se installar o Instituto e nos primeiros tempos de sua organização, para estar completo o seu elogio.

Se a vida é, como diz Oliveira Martins, um desejo permanente, e só se equilibra quando pomos esse desejo num objecto physicamente inatingivel, o nosso estimado consocio capitão Olavo Martins viveu, soube viver, porque sua existencia foi cheia de aspirações que visavam apenas ás fulgurações da patria; foi um sonhar constante com a grandeza e a felicidade do povo, donde viera, e cujas necessidades conhecia; foi um perenne e abnegado desprendimento dos interesses materiaes, que chumbam a vontade á pesada estupidez do egoismo.

AO ANNIVERSARIO DO INSTITUTO

Entrae! Está aberto o portico sagrado! . . .
 De toda a historia patria as glorias do passado
 Aqui encontrareis.
 Das façanhas de heróes o perennal sacrario,
 Das velhas tradições o precioso erario,
 O templo—aqui se fez.

Quando Alvares Cabral descobre-nos—romantico,
 Dos Andes no sopé, pelas margens do Atlantico,
 Um ninho de condor
 Que tem como docel, enorme, de gigante,
 Do Cruzeiro do Sul o brilho fulgurante
 De magico esplendor. . .

Quando um povo que nasce erguendo-se altaneiro
 Em tres seculos só assombra o mundo inteiro
 Nas conquistas que faz,
 Forma-se independente, e alcança esta utopia:
 Matar a escravidão, ruir a monarchia,
 No remanso da paz. . .

A Musa então da Historia, a deusa legendaria
 Que desfaz do viver a duração precaria
 Eternizando heróes,
 Abre-lhe o peito seu, estende-lhe o regaço
 Com um astro a lhe inscrever na tela azul do espaço
 O nome dos avós. . .

Manda a fama cantar na tuba sonora
 De toda essa epopéa a lenda gloriosa
 As novas gerações,
 E cheia de prazer, pagando-lhe um tributo,
 Em cada região levanta um Instituto,
 Guarda-lhe as tradições.

Faz d'um craneo surgir a immortal idéa,
 Qual do craneo de Jove a esplendorosa déa
 Prompta para vencer,
 D'um Torres pertinaz o plano realisa
 Em sua obra gigante o nome immortalisa
 E fal-o renascer.

Entrae! está aberto o portico sagrado! . . .
 De toda a historia patria as glorias do passado
 Aqui encontrareis.
 Das façanhas de heróes o perennal sacrario,
 Das velhas tradições o precioso erario,
 O templo aqui se fez

Bahia, 3 de Maio de 1898.

DR. MANUEL BRITO.

52.^a SESSÃO EM 8 DE MAIO DE 1898

Presidencia do Cons. Salvador Pires

Aos 8 dias do mez de Maio de 1898, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos Santos, a 1 hora da tarde, no salão do Instituto, presentes os socios Conselheiros Salvador Pires, João Torres, Filinto Bastos e Botelho Benjamim, Drs. Innocencio Goes, Garcia Pedreira, Faria Rocha, Manoel Brito, Reis Magalhães, Goes Calmon, Braz do Amaral, Abilio de Carvalho, Eduardo Velloso, Antonio Coitinho, Cabussü e Silva Lima, Conegos Paranhos, Ludgero Pacheco e Manfredino Lima, Padre Luiz da França, Coroneis Martiniano de Almeida e Gonçalo de Athayde, Comendador Salvador Pires, Pharmaceutico Luiz Filgueiras, Henrique Pragner, Professores Torquato Bahia e Austricliano Coelho, Capitães Ferreira Braga e Manoel Querino, Moreira de Goes, Octaviano Soledade, Aloysio de Carvalho, Eloy Guimarães, Gonçalves Neves, Francisco Pires de Carvalho e Isaias Santos, foi aberta a sessão, sendo lidas e approvadas sem discussão as actas das sessões de 17 de Abril e 3 do corrente.

Não houve expediente.

Pelo Sr. Cons. Presidente foi dito que, na forma dos Estatutos, ia-se proceder a eleição da meza e

das commissões, e começando o processo, depois de concluída a chamada, verificou-se haverem sido recebidas 33 cédulas para cada votação e sendo estas apuradas deram o seguinte resultado :

Para presidente: Conselheiro Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque — 29 votos; para 1.º vice-presidente Dr. Satyro de Oliveira Dias, 31 votos; para 2.º vice-presidente, Conselheiro Pedro Mariani, 28 votos; para 1.º secretario, Conselheiro João Nepomuceno Torres, 31 votos; para 2.º secretario, Dr. Isaias de Carvalho Santos, 31 votos; para supplentes de secretarios, Dr. Atilio de Carvalho, 31 votos; Aloysio de Carvalho, 29 votos; para thesoureiro, capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, 29 votos; para orador, Dr. Braz Hermenegildo do Amaral, 31 votos; para substituto do orador, Conselheiro Filinto Justiniano Ferreira Bastos, 23 votos.

Commissões.—*Admissão de socios*: Dr. Alexandre Garcia Pedreira, 30 votos.—Professor Austricliano Coelho, 26; Dr. Alfredo Cesar Cabussú, 22 e outros menos votados.

Fundos e Orçamento: Commendador Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, 31; Horacio Urpia Junior 31; Eloy Guimarães, 30 e outros menos votados.

Redacção da Revista: Dr. Joaquim dos Reis Magalhães 31; Conselheiro João Nepomuceno Torres 30; Dr. Innocencio Munoz de Araujo Goes 29, e outros menos votados.

Manuscriptos e documentos: Conego Manfredo Alves de Lima 30; Conselheiro Filinto Justiniano Ferreira Bastos 28; Dr. Antonio Calmon du Pin e Almeida 17, e outros menos votados.

Geographia, Historia e Ethnographia: Pharmaceutico Luiz Filgueiras 26; Dr. Francisco Marques de Goes Calmon 24; Conselheiro Pedro Mariani Junior 18, e outros menos votados.

Estatistica e Demographia: Engenheiro Affonso Glycerio da Cunha Maciel 30; pharmaceutico Adolpho Diniz Gonçalves 23; Dr. José Alvaro Cova 21, e outros menos votados.

Topographia e Archéologia. Dr. Julio Gama 31; Professor Francisco Torquato Bahia da Silva Araujo 30; Henrique Prager 17, e outros menos votados.

Philatelia, Numismatica e Ceramica: Professor Elias de Figueiredo Nazareth 30; Dr. Bonifacio de Aragão Faria Rocha 28; Dr. Manoel Bonifacio da Costa 28, e outros menos votados.

Mappas, Retratos e Cartas geographicas: Capitão de mar e guerra Antonio Alves Camara 24; Dr. João Baptista de Sá Oliveira 29; Alfredo Octaviano Soledade 26, e outros menos votados.

Biographias: Dr. Guilherme Pereira Rebello 30; Dr. Joaquim dos Reis Magalhães 28; Dr. Manoel Joaquim de Souza Brito 28, e outros menos votados. Em ambas as votações houve uma cedula em branco.

Conhecido o resultado foram proclamados eleitos os socios acima mencionados.

O Dr. Braz Hermenegildo do Amaral solicitou dispensa do logar de orador, sendo o seu pedido recusado por unanimidade de votos.

Em seguida, pela meza do Instituto, foram empossados os novos eleitos.

Nada mais havendo foi encerrada a sessão. E, para constar, eu, 2.º Secretario, lavrei a presente acta em que assigno.—Isaias de Carvalho Santos—Aprovada em sessão de 5 de Junho de 1898.—*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque*.—*João Nepomuceno Torres*.—*Abilio de Carvalho*.

OFFERTAS

MEZ DE MAIO

—Pelo sócio Dr. *Guilherme Studart*: «Aldeyas de Camarão», para a historia do Ceará, por L. Duarte Lamartine Nogueira; Carta Pastoral de D. Joaquim R.

José Vieira, Bispo do Ceará, publicando a decisão dada na causa do Joazeiro, naquelle Estado.

—Pelo cidadão *Henrique Theberge*: Esboço Historico sobre a provincia do Ceará, pelo Dr. P. Theberge.

—Pelo socio Coronel *Gonçalo de Athayde Pereira*: Fasc. n. 1, Viticultura e Relatorio apresentado ao Governo de Minas pelo Dr. Campos da Paz.

—Pelo socio Dr. *Francisco de Goes Calmon*: A These —Degenerados Criminosos —por seu fallecido irmão Dr. Manuel Bernardo Calmon du Pin e Almeida.

—Pelo socio Cons. *Filinto Bastos*: Vida e Obras de Castro Alves, por Mucio Teixeira.

—Pelo socio Dr. *João Evangelista de Castro Cerqueira*: Carta Geographica da fronteira do Imperio do Brazil com a Republica de Venezuela.

—Pelo socio Dr. *Bonifacio Faria Rocha*: Um specimen dos Codices gregos e latinos da Bibliotheca da Universidade de Leiden, 1898.

Pelo socio *João da Silva Freire*: Um manuscripto contendo cartas de consciencia, que faziam os africanos quando partiam desta cidade para a Africa, 1864.

—Pelo cidadão *João Rodrigues de Figueiredo Rebello*: Uma cedula, antiga, de cinco mil réis.

—Pelo socio *José Juan Biedma*: O seu trabalho — « Por qué nos odia Chili? » (Um pouco de historia).

—Pelo Dr. *Augusto Victorino do Sacramento Blake*: O 4.º vol. do seu Diccionario Bibliographico Brasileiro, 1898.

—Pelas respectivas redacções:

Revista do Archivo Publico Mineiro, fasc. 1.º, Janeiro a Março, 1898; Boletin de la Sociedad Geografica de Madrid, ns. 10, 11 e 12 de Outubro a Dezembro, 1897; Revista de Geografia Colonial y Mercantil de Madrid, n. 9, Fevereiro, 1898; The National Geographic Magazine v. 9, n. 4, Abril, 1898; Revista Portuguesa Colonial e Maritima, n. 7, anno 1º, Abril de 1898; Bulletin de la Société de Geographie Commerciale de Paris, ns. 1, 2 e 3, tomo 20, 1898;

Bolletino della Società Geografica Italiana, serie 3.^a, v. 12, n. 4, Abril, 1898; Revista Mensal do Tribunal de Justiça de S. Paulo, n. 2, Fevereiro, 1898; Bulletin de la Société de Géographie Commerciale de Bordeaux, ns. 6, 7, 8, Março, Abril e Maio, 1898; Revista Maritima Brasileira (uma collecção dos mezes de Janeiro de 1897 a Abril de 1898); Revista Catholica, fasc. 45, Maio, 1898; Gazeta Medica da Bahia, ns. 8 e 9, Fevereiro e Março, 1898; «O Pará», anno 1.^o 1898; Bulletin de la Société de Géographie de Marseille, 4.^o trimestre de 1897; «O Album», 1.^a serie, n. 7, 1898; Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, vol. 2.^o, 1896 a 1867; Bolletino della Società Geografica Italiana, vol. 11, n. 5; Bulletin de la Société de Géographie de Paris, 1.^o trimestre de 1898.

—Pelos alumnos da Escola de Engenharia do Recife: O Manifesto que dirigiram ao publico em Maio de 1897.

53.^a SESSÃO EM 5 DE JUNHO DE 1898

Presidencia do Cons. Salvador Pires

Aos cinco dias do mez de Junho de 1898, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, a 1 hora da tarde, no salão do Instituto, presentes os socios conselheiros Drs. Salvador Pires e João Torres, presidente e 1.^o secretario, Drs. Braz do Amaral, Innocencio Góes, Abilio de Carvalho, Faria Rocha, Reis Magalhães, Julio de Calasans, commendador Salvador Pires, capitão Ferreira Braga, Horacio Urpia Junior, professores Elias Nazareth e Austricliano Coelho, pharmaceuticos commendador Joaquim Manuel de Sant'Anna e Luiz Filgueiras e Eloy Guimarães, foi aberta a sessão sob a presidencia do conselheiro Dr. Salvador Pires, servindo de 2.^o secretario, no impedimento do effectivo, o 1.^o suplente Dr. Abilio de Carvalho.

Foi lida a acta da sessão anterior e approvada sem debate.

Foi lido o expediente, que constou do seguinte: *Officios* do Exm. Arcebispo, General Commandante do 3.º Districto Militar, do presidente do Tribunal de Appellação e Revista, dos Drs. Secretario de Policia e Segurança Publica, Intendente Municipal, presidente do Conselho Municipal, Inspector Geral do Ensino, Directores da Faculdade de Medicina, Escola Polytechnica e Gymnasio da Bahia, Administrador dos Correios, Inspector Geral de Hygiene, presidentes da Sociedade Educadora «Treze de Maio» e da Associação Commercial da Bahia, do Inspector do Arsenal de Marinha e do Delegado Fiscal agradecendo a communicacão que lhes foi feita da posse dos novos funcionarios deste Instituto, eleitos para o exercicio de 1898 a 1899, segundo a relação enviada, e fazendo votos pela prosperidade do mesmo Instituto; *Cartas* dos socios: Dr. Aristides Galvão de Queiroz pedindo para ser transferido para a classe dos socios correspondentes, por ter mudado sua residencia, dos Drs. José Alexandre Teixeira de Mello, director da Bibliotheca Nacional, e Guilherme Studart agradecendo os exemplares da homenagem prestada á memoria do grande Antonio Vieira e dando parabens ao Instituto, accrescentando o Dr. Studart que por intermedio do socio J. A. Montenegro enviara ao Instituto varios autographos sobre Alves Branco, do seu archivo particular; do socio honorario Dr. Miguel Argollo enviando os relatorios da Estrada de Ferro ao S. Francisco, correspondentes aos annos de 1877 e 1891 e do socio desembargador Manuel Maria do Amaral agradecendo a sua eleição e fazendo varias offertas, taes como: o retrato do monge benedictino, Dr. Frei José de S. Bento Damasio, abbade titular de S. João Gualberto e que foi abbade geral dos conventos de S. Bento, da Graça e do de Pernambuco, tendo sido um homem notavel por sua illustração, vindo a fallecer nesta capital a 11 de Setembro de 1854; quatorze documentos que foram pertencentes

ao mesmo, inclusive tres bullas papaes; uma Visão na qual se prophetizou o advento da Republica; um mappa burlesco da Europa em 1877; uma medalha commemorativa da coroação de D. Pedro II e uma tabella do valor dos escravos, de conformidade com a lei de 1885.

Terminada a leitura do expediente, declarou o Sr. conselheiro Presidente que não havendo numero legal de socios para funcionar-se em sessão de assembléa geral, convocada para a votação do orçamento e pareceres das commissões, passava o Instituto a funcionar em sessão ordinaria, ficando convocada uma outra para o proximo domingo, na fórma dos Estatutos.

O Sr. professor Nazareth communicou que a commissão nomeada para assistir a sessão funebre realizada na Faculdade de Medicina em homenagem ao Dr. José Pedro de Sousa Braga cumprio o seu dever.

Pelo Dr. Innocencio Góes foi lido o relatorio sobre a exploração do subterraneo existente no Taboão, como membro da commissão de que tambem faz parte o Dr. Braz do Amaral, sendo ao concluir felicitado pelos socios presentes.

Nada mais havendo a tratar, levantou-se a sessão ás 2 horas da tarde. E, para constar, eu, 2.º Secretario, lavrei a presente acta, que vae por mim assignada.—Isaias de Carvalho Santos.

Approvada em sessão de 12 de Junho de 1898.—*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.*—*João Nepomuceno Torres.*—*Isaias de Carvalho Santos.*

54ª. SESSÃO EM 12 DE JUNHO DE 1898

Presidencia do Cons. Salvador Pires

Aos doze dias do mez de Junho de 1898, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, á 1 hora da tarde, no salão do Instituto, presentes os socios Conselheiros Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, João Nepomuceno Torres e Pedro Mariani, Drs.

Reis Magalhães, Bonifacio Faria Rocha, Julio de Calasans, Goes Calmon, Innocencio Goes, Augusto Goes e Glycerio Velloso, commendador Joaquim Manoel de Sant'Anna, professor Austriiliano Coelho, pharmaceutico Luiz Filgueiras, Horacio Urpia, Eduardo Carigé, Francisco Pires, Alfredo Soledade, Henrique Pragner, Moreira de Goes, Coronel Gonçalo de Athayde, Eloy Guimarães, Capitão Ferreira Braga e Isaias Santos, foi aberta a sessão, sendo lida e approvada sem discussão a acta da sessão anterior.

Foi lido o expediente que constou do seguinte :

Officios—do Dr. Secretario do Interior e Instrução Publica deste Estado; do Director Geral do Museu Nacional do Rio de Janeiro; do Presidente do Instituto dos Bachareis em Lettras da Capital Federal; do Director da Bibliotheca Nacional e do 2º. Secretario do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros, agradecendo a relação dos funcionarios deste Instituto, eleitos para o exercicio de 1898 a 1899, do Secretario do mesmo Instituto da Ordem dos Advogados offercendo para a bibliotheca do Instituto todas as publicações referentes á Exposição Internacional de Trabalhos Juridicos e pedindo, em permuta, a remessa de todas as publicações feitas pelo Instituto Historico.

Mandou-se agradecer e attender ao pedido.

Finalmente um officio da Sociedade Educadora «Treze de Maio» communicando a posse da Meza da Assembléa e directoria, eleitas para o biennio de 1898 a 1899.

Em seguida é lido o parecer da Commissão de fundos e orçamento sobre as contas apresentadas pelo snr. Thesoureiro durante o anno proximo findo, o qual é do theor seguinte :

«A Commissão de fundos e orçamento examinando attentamente as contas de receita e despeza prestadas pelo Thesoureiro, Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, durante o anno de 1897, assim como

a escripturação, as julga merecedoras da aprovação da assembléa geral.

No demonstrativo apresentado e extrahido da respectiva escripturação, vê-se que a receita foi de reis 13:423\$055 e a despesa attingiu a 11:047\$996, a saber:

RECEITA

Saldo do anno anterior.		3.057\$055
Subvenção estadual em 1897	6.000\$000	
Idem municipal 1. ^a prestação	250\$000	
Mensalidades de socios	1.450\$000	
Joias de socios	1.830\$000	
Remissão de socios	540\$000	
Assignaturas da Revista	296\$000	10.366\$000
		<hr/>
		Rs. 13.423\$055

DESPEZA

Aluguel da casa	1.170\$000
Compra de moveis.	770\$500
Impressão da Revista sendo n. 10 de 1896 e ns. 11 a 13 de 1897.	2.550\$000
Adiantamento pela impressão da «Homegem» ao Padre Antonio Vieira	980\$000
Encadernação e compra de livros	1.531\$700
Ordenado do Amanuense	664\$980
« do porteiro	450\$000
« do cobrador	400\$000
Commissão ao mesmo.	383\$796
Despesas geraes, inclusive	

a da secretaria e da sessão do anniversario.	2.142\$520	
Compra de moedas	4\$500	11.047\$996
Saldo para o anno de 1898		<u>2.375\$059</u>

Bahia e sala das sessões do Instituto Geographico e Historico da Bahia, 14 de Maio de 1898. (Assignados) Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Horacio Urpia Junior, Eloy de Oliveira Guimarães.»

Entrando em discussão o parecer, usaram da palavra o Cons. Pedro Mariani e o Dr. Reis Magalhães, que apresentaram a seguinte emenda ;

«Deduzam-se do saldo as quantias relativas ás remissões dos socios, que passarão para o capital social.»

Encerrada a discussão são approvados o parecer e a emenda.

E' tambem lido o projecto de orçamento, apresentado pela respectiva commissão, para o corrente exercicio de 1898 a 1899, cujo theor é o seguinte:

Orçamento para o anno de 1898

A commissão de orçamento submette á approvação da assembléa geral o novo orçamento para o corrente anno de 1898, nos seguintes termos:

RECEITA

Art. 1.º—Fica o Thesoureiro auctorizado a supprir o *deficit* de umas verbas com o saldo de outras.

Art. 2.º—Ficam elevados os ordenados do amanuense de 720\$000 para 960\$000 e do porteiro de 480\$000 para 720\$00, a vigorar do proximo mez de Junho em diante.

Art. 3.º—Fica suppresso o ordenado do cobrador e auctorizada a Meza a marcar a commissão deste, de accordo com os Estatutos, sob proposta do Thesoureiro.

Art. 4.º—A receita é fixada em		11:175\$059
A saber:		
§ 1.º Saldo do anno anterior.	2:375\$059	
§ 2.º Mensalidades de socios	1:500\$500	
§ 3.º Joias e donativos	600\$000	
§ 4.º Assignaturas da <i>Revista</i>	200\$000	
§ 5.º Subvenção estadoal	6:000\$000	
§ 6.º Idem municipal	500\$000	
§ 7.º Saldo das subscrições para o bicentenario do padre Antonio Vieira e vendagem da « <i>Revista Centenaria</i> »		\$

DESPEZA

Art. 5.º—A despeza para o mesmo anno é fixada na quantia de		10:260\$000
A saber:		
§ 1.º Aluguel da casa.	1:080\$000	
§ 2.º Ordenado do amanuense.	980\$000	
§ 3.º Idem do porteiro	720\$000	
§ 4.º Commissão ao cobrador		\$
§ 5.º Publicação de 4 numeros da <i>Revista</i> , 600 exemplares por cada numero.	3:000\$000	
§ 6.º Pagamento da Homenagem ao Padre Antonio Vieira	1:500\$000	
§ 7.º Aquisição de livros, encadernação e compra de moveis	1:000\$000	

§ 9.º Eventuaes, inclusive
a despesa da sessão anniver-
saria e da escripta da receita
e despesa

1:000\$000 10:260\$000

Bahia e sala das sessões do Instituto Geographico e Historico da Bahia, 14 de Maio de 1898. (Assignados) Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Horacio Urpia Junior, Eloy de Oliveira Guimarães.»

Aberta a discussão sobre o orçamento, fala em relação ao art. 3.º o socio Luiz Filgueiras, que apresentou a emenda substitutiva, assignada por outros socios presentes: «Ficam restabelecidos o ordenado e a porcentagem de 15 % que percebia o cobrador.» Usam ainda da palavra os socios Soledade, Dr. Faria Rocha, conselheiro Mariani, Carigé, Dr. Calasans, Pires de Carvalho e Urpia. Encerrada a discussão, falam pela ordem os Srs. conselheiros João Torres e Mariani, Dr. Reis Magalhães e coronel Gonçalo de Athayde, que requereu que a emenda fosse votada por partes: quanto ao ordenado e quanto a gratificação.

Em votação, é approvedo o orçamento, salva a emenda Filgueiras, que, posta a votos, é approveda em sua primeira parte, sendo regeitada a segunda; declarando então o Sr. Presidente que, em relação a gratificação do cobrador, ficava prevalecendo a proposta do orçamento no seu art. 3.º, e que essa gratificação seria arbitrada pela Meza de accordo com os Estatutos.

O Dr. Calasans apresentou a seguinte indicação, que é remettida á commissão de Estatutos: «Proponho que seja ouvida a commissão de Estatutos para que se pronuncie sobre o seguinte ponto:

O cobrador é ou não empregado do Instituto, e, no caso affirmativo, tem ou não direito a um ordenado, além das commissões de cobrança, de accordo com os arts. 32 e 36?—(Assignado) *Julio de Calasans*.

O conselheiro Pedro Mariani, pedindo a palavra, diz que a Bahia não pode deixar de associar-se á idéa que se levanta em todo o paiz para commemorar o

4.º centenario da descoberta do Brazil, e apresenta a seguinte proposta, assignada por todos os socios presentes, a qual é approvada: «Propomos que o Instituto resolva sobre o modo pelo qual deve ser commemorado o centenario do descobrimento do Brazil.»

Pelo Sr. conselheiro Presidente foi dito que opportunamente nomearia uma commissão executiva para estudar o assumpto e levar a effeito tão grandiosa idéa.

Nada mais havendo a tratar, levantou-se a sessão ás 4 horas da tarde, do que, para constar, eu, 2.º secretario, lavrei a presente acta e assigno.—Isaias de Carvalho Santos.

OFFERTAS

MEZ DE JUNHO

—Pelo Dr. *Director Geral de Estatica da União*: Recenseamento do Districto Federal em 31 de Janeiro de 1890; Registro Civil, 1894; Recenseamento da Comarca de Palmas em 31 de Dezembro de 1890; Synopse do recenseamento de 31 de Dezembro de 1890.

—Pelo Major *Salvador Pires de Carvalho e Aragão*: Um autographo por Antonio Vicente Mendes Maciel (Antonio Conselheiro).

—Pelo Dr. *Secretario do Tribunal de Conflictos e Administrativo*: Relatorio do Presidente do mesmo Tribunal ao Dr. Governador do Estado.

—Pelo cidadão *Demétrio José Ferreira*: Fallas do throno—1823 a 1872.

—Pela *direcção da Sociedade Beneficencia Coixeiral*: Relatorio apresentado em Maio de 1898.

—Pela *respectiva direcção*: Revista Maritima e Brasileira, n. 12, anno 17.

—Pelo cidadão *Manoel Francisco Ramos*: Uma pequena moeda de cobre, portugueza.

—Pelo Dr. *Secretario do Instituto da Ordem dos Advogados* do Rio de Janeiro: Relatorio e Catalogo da Exposição dos trabalhos juridicos do mesmo Instituto e « Cincoenta Annos de Existencia » (Memorio lida na sessão solemne commemorativa do 50^o/o anniversario da fundação do mesmo Instituto).

—Pelo Dr. *Eduardo Spinola*:: Philosophia do Direito Privado por Pietro Cagliolo vertida para o portuguez pelo offertante.

—Pela *Secretaria da Policia e Segurança Publica*: Relatorio apresentado ao Governador do Estado pelo Dr. Felix Gaspar—Chefe de Segurança Publica—1897.

—Pelo socio Dr. *José Antonio da Costa*, Secretario de Agricultura, Viação e Obras Publicas do Estado: Quatro photographias dos vapores—«Presidente Dantas e Conselheiro Vianna»; dos novos vapores para a navegação do S. Francisco e barcos antigos, e uma vista da cidade do Bomfim (Villa Nova).

—Pelo Dr. *Salustio Pereira de Carvalho*: Cópia de uma carta de D. João 6.^o a seu filho D. Pedro 1.^o, datada de 3 de Agosto de 1822 e resposta do mesmo Principe.

—Pelo socio Professor *Antonio Alexandre Borges dos Reis*: Almanack do Estado da Bahia para 1898, (Administrativo, indicador e noticioso) organizado pelo offertante.

—Pelo Dr. *Director do Museu Nacional* do Rio de Janeiro: Revista do mesmo Museu—v. 1—1896.

—Pelo Professor *Zacharias Nunes da Silva Freire*: A Ultima Fada—por Julio Sandeaux, traducção do offertante; Oraculo dos Delphos (livro de sortes) pelo offertante, e Ramalhete Amoroso, pelo mesmo.

—Pelo socio *Christovão Ayres*: Vol. 1. da sua «Historia do exercito portuguez»; Um Capitulo da guerra da Restauração e Theoria da Historia da Civilisação militar, pelo mesmo.

—Pelo cidadão *Vicente de Paula Alfredo*: A polyanthéa e o retrato do fallecido maestro bahiano Adelmo do Nascimento,—homenagem da Congregação do Gymnasio e Escola Normal de Manáus.

—Pelo guarda-marinha *Nuno Pirajá*: Combates de terra e mar, 8 fasc., pelo capitão-tenente Garcez Palha; Ephemerides Navaes, pelo mesmo; Apontamentos para a historia brasileira, por Theotonio Meirelles da Silva, 3 vols.

—Pelas respectivas redacções: Bulletin de la Société de Géographie Commerciale de Bordeaux, ns. 40 e 41, Maio a Junho de 1898; Comptes Rendus des Seances, n. 4, Abril 1898; Gazeta Medica da Bahia, n. 10, Abril 1898; Revista Catholica, fascs. 46, 47 e 48, de 1898; Revista Mensal do Tribunal de Justiça de S. Paulo, vol. 7, n. 2, anno 3.º; Bulletin de la Société de Géographie Commerciale du Havre, 1.º trimestre de 1898; Revista Popular, anno 1.º, n. 9, Maio 1898; The National Geographic Magazine, vol. 9, n. 5, Maio 1898; Archivos de Jurisprudencia Medica e Antropologia, n. 3, Março de 1898; Bulletin of the American Geographical Society, vol. 30, n. 2, 1898; Revue Géographique e Internationale de Bordeaux, ns. 268 e 269 de 1898; Bulletin de la Société de Géographie Commerciale de Paris, ns. 4, 5 e 6 de 1898; Revista Maritima Brasileira, n. 11, Maio 1898; Bolletino della Società Geografica Italiana, n. 6, vol. 11; Memorie della Società Geografica Italiana, vol. 8, parte 1.ª de 1898; Elenco General dei Social, 1.º Marzo de 1898; «O Progresso», órgão que se publica em Palmares (Pernambuco), ns. 6 a 12 de 1898.

—Pela Companhia de Navegação Bahiana: Horario da mesma navegação para o 2.º semestre de 1898.





EPHEMERIDES CACHOEIRANAS

POR

Aristides A. Milton

FEVEREIRO

1.º de Fevereiro

—Em 1658, foi lançada a primeira pedra para edificação do convento de S. Francisco do Paraguassu, situado á margem esquerda do rio deste ultimo nome, a 12 milhas approximadamente de sua foz.

Era então custodio da ordem franciscana fr. Pantaleão Baptista, e prelado do hospicio fr. Angelo do Nascimento. A obra foi dirigida por Fr. Daniel de S. Francisco, e sua graudeza e magnificencia attestam a piedade dos nossos antepassados.

Pena é que—dentro de poucos annos—tenha de ficar reduzido a ruinas um monumento de tanta valia, si lhe não acudirem com acertadas e promptas providencias.

Falou-se uma vez em aproveitall-o para seminario archiepiscopal, mas esta idéa fracassou.

Depois, uns frades allemães tomaram posse do convento, e fizeram-lhe alguns reparos urgentes. Esses religiosos tinham chegado da Europa á capital do Estado, por ordem de seu superior. Muitos outros se lhes seguiram. Só de uma feita, em 1893, chegaram 30. Em 1896, tendo fallecido alguns de febre amarella, nova turma veio depressa substituil-os.

censador de mil deidades», segundo o testemunho de seus contemporaneos, ao contrario dos poetas citados, sabia melhor o seu officio e não deixava de envergar com certo gosto e geito a sua casaca azul *foncé*, sahida da habil thesoura do mestre Pedro Pardinho.

Em todo caso as descompassadas redondilhas do velho meirinho não deixam de ter o valor de uma velharia do tempo de Lucas, de uma lembrança, em versos, de suas proezas sanguinarias, embora estropiados como quasi todas essas cantilenas populares, quer originaes, quer variantes de outras do tempo de D. Beltrão, em que os cavallos tambem fallavam na linguagem dos deuses, e se rimava *mortal com luar, paço com pescoço*.

E' pena que Lucas não se mettesse tambem a rabisçar versos, embora mais desfibrantes ainda que os do cantor referido, e como tantos outros de sua laia.

Verdade é que o seu personagem, além de toda sua ferocidade, era de uma ignorancia profunda, um verdadeiro monstro sahido dos antros da escravidão, e portanto, um exemplar aperfeiçoado dessa classe de gente que não tem senso moral e para quem não existe o que é bello, sublime e santo. Querer nelles descobrir um vislumbre sequer de piedade, de justiça e de amor, seria, como diz Emilio Laurent, procurar um diamante num esgoto, flores sobre um cadáver putrefacto.

No entanto, meu amigo, no meio de tantos infelizes, lá apparece um que ainda conserva um resto de luz no fundo d'alma, e então, antes de tudo, o amor filial revela-se ás vezes com mais intensidade que uma *simples lembrança respeitosa*.

Lombroso e mesmo Laurent, citam, entre outros, os seguintes versos de um criminoso, que na opinião deste, exhalam o perfume de uma delicada ingenuidade :

«Au milieu de la place de la Vicaria,
«Avec ses petites mains elle me fit des signes,

«J'ai vu qui c'était ma petite mère
 «Et que ses yeux coulaient come deux sources.
 «Mère, qui seule pensez á moi,
 «Je suis entouré de mauvais chrétiens...
 «Nous sommes dans l'enfer, condamnés,
 «Et vous, tendre mère, vous exhalez en vain vós plaintes.

Eis ahi o sentimentalismo saltando da penna de um forçado, como a agua a porejar, crystalina, da abobada de uma caverna!

Não posso furtar-me ao desejo de transcrever ainda tres estrophes do bandido Lacenaire, de valor litterario sem duvida, e onde a facilidade da rima salienta-se de maneira pujante e graciosa. Eil-as:

«Bien fou, ma foi, que sacrifie
 «Le présent au temps á venir,
 «Tout est bien et mal dans la vie,
 «Le chagrin succède au plaisir.
 «Contre le sort en vain on lutte;
 «Amour, richesse, n'ont qu'un jour.
 «Ce qui vient au son de la flûte,
 «S'en retourne au bruit du tambour.

«Un gros financier qui, naguères,
 «Roulait gorgé du bien d'autrui,
 «Rançonné par d'autres confrères
 «Marche dans la crasse aujour d'hui.
 «On voit souvent semblable chute
 «Chez le peuple ainsi qu'à la cour.
 «Ce qui vient au son de la flûte,
 «S'en retourne au bruit du tambour.

«Quand je vois la superbe actrice
 «Qui ruina plus d'un amateur.
 «Aujour d'hui par un beau caprice,
 «Se ruiner pour un mince auteur.
 «Pauvre folle, hélas! Quelle chute!
 «Ainsi dis-je, même en amour,
 «Ce qui vient au son de la flûte,
 «S'en retourne au bruit du tambour.

Com effeito fallava como um philosopho o malvado Lacenaire; e com que naturalidade no fim de cada oitava repetia elle o seu

«Ce qui vient au son de la flûte,
«S'en retourne au bruit du tambour. . .

E como estes, muitos outros que foram tão poetas como assassinos, poetas e ladrões.

E' de admirar, meu amigo, como as feiticeiras Musas penetram nos escondrijos dessas fêras humanas com a mesma sem-ceremonia com que frequentam o Parnaso!

Contam que Victor Hugo dissera uma vez, que a poesia não morreria enquanto houvessem estrellas no céu, flores nos campos e amores nos corações.

Não creio nisto, não.

Apaguem-se as estrellas, murchem as flores, fechem-se os corações, a poesia existirá ainda.

E' tão poeta Luiz Delphino, quando á luz das estrellas e talvez entre o perfume das flores, diz do seu colibri:

«E elle mesmo é um pobre
«Bichinho que causa dó
«Um argueirinho com azas,
«Um bocadinho de pó;

como *Achille de Caire*, do fundo de sua cella estreita e humida, dizendo:

«Petit oiseau qui chante á ma fenêtre
«Tu me rapelles les beaux jours d'autrefois
«Que je passai souvent dans le bien-être.
«Ah! chante encore que j'entend ta voix! . . .

Diante destes e outros exemplos, não posso deixar

de admirar com Cezar Lombroso, como Maudsley nega aos criminosos, em absoluto, o senso estheticol Mas, desculpe-me esta ligeira digressão e vamos ao que importa.

II

A proposito do velho e almiscarado cantor do maldicto filho do *Sacco do Limão*, fui ter insensivelmente á poesia entre os criminosos, quando, antes, o lado financeiro de sua empreza já me havia suggerido esta pergunta, que me ficou até agora suspensa no bico da penna:

Serão elles felizes na publicação do *Lucas da Feira?*... isto é—o resultado pecuniario, que hoje muito se deve ter em vista, compensará os esforços empregados?

Este ponto de interrogação tem todo cabimento aqui, desde quando creio que vocês não quererão ter sómente a vaidade e a gloria de reconstruir a historia desse bandido, levantando um monumento de papel de suas duzentas paginas seguramente, com varias illustrações, intercallando o texto, mas tambem correndo o risco de não provocar a febre da curiosidade, que encontra logo um poderoso reagente nos *mil réis* que tem de custar cada brochura.

Sei que o seu livro trará curiosas noticias e interessantes apreciações sobre Lucas, como trabalhos outros de subido valor scientifico e recheios litterarios indispensaveis á hygiene do espirito:—mas isto não basta, não deixe que o volume se avolume muito, porque hoje é como diz Ramalho Ortigão: não ha tempo para ler grandes obras «O velho rato de bibliotheca, enfronhado por mezes consecutivos nas grandes paginas amarelladas e mofentas de um passificador in-folio, esse antigo leitor persistente e pacato, aconchegadinho á tarefa, sentado á meza com as orelhas abafadas num barretinho de seda, os pés no vão confortavel da janella, onde uma boa mosca azul e gorda zumbe voejando e dando turras nos ouvidos—esse feliz typo invejavel do academico, do gramma-

tico, do theologo, do sabio antigo, está se tornando cada vez mais raro.»

E acho nelle muita razão quando pensa que pressentemente as nossas necessidades de espirito obrigam-nos a saber um pouco de tudo.

«A massa dos conhecimentos de toda especie, exigidos para a lucta cerebral na concurrencia moderna, adquire-se anarchicamente, tumultuariamente, por mergulhos successivos em que o ar falta, mergulhos picados de cabeça para baixo e para dentro de todos os problemas.»

«Lêm-se as revistas, as monographias breves, precisas, sem divagações, atacando directamente o facto. Lêm-se as condemnações de todas as doutrinas, de todos os systemas; os resumos de todas as theorias; os *comptes-rendus* de todas as hypotheses; os manuaes de algibeira de todas as sciencias e artes!...»

Mas, segundo elle mesmo, tudo isto se lê de pé, rapidamente, procurando absorver com frenesi, em grandes boccados, como nos restaurantes dos caminhos de ferro... Os livros volumosos consultam-se apenas em passagens determinadas.

São folheados para tirar uma duvida, esclarecer um ponto obscuro...

Seria uma phantasia de máu gosto a publicação de um trabalho destes, sem calcular nos meios de um resultado vantajoso, tanto mais quando lhe vejo neste afan extenuador, de baixo para cima, de um lado para outro, da Cachoeira á Bahia, da Feira ao Limão, dahi aos Olhos d'Agua, a fazer pesquisas e indagações, a revolver archivos e desenterrar papeis, tudo com muito prejuizo até de sua regular nutrição, e neste excesso de actividade emmagrecendo e mostrando as vezes uma physionomia de somnambulo.

A tanto sacrificio é preciso que corresponda alguma cousa que o compense, além dos applausos que, como sempre, ha de colher a sua bonita intelligencia.

Póde muito concorrer tambem para o bem exito da obra o editor, começando por dar-lhe um frontispicio cheio de anjos e de azas, á semelhança dos livros

de versos de Johannot. Aqui, porém, o assumpto requer mais um grupo de diabretes em boa disposição artistica, e pelo meio delles *Lucas da Feira*—o bandido—em *zig-zag*, estampado em letras multicores.

Realmente, grande e pachorrento deverá ser esse trabalho de colher, colleccionar, anotar e illustrar tudo quanto, para mais de quarenta annos atraz, se disse e se escreveu a respeito de tão importante *cria* do padre Franco.

Lucas !.. Ainda hoje murmuram receiosas as tranças dos arvoredos á cuja sombra foram por elle praticadas tantas e tamanhas atrocidades !

Ainda hoje a fonte que conserva este nome terrivel relembra no *gigi* de suas aguas historias que fazem gemer de dôr e de afflicção a propria natureza !

Ainda hoje não medram flores naquellas tristes paragens, por onde, em noites tormentosas, parece vagarem phantasmas ensanguentados, e de onde se desprendem fogos fatuos, que sobem, esguios, até bem alto !

Alli, ha muitos palmos de terra, cobertos de plantas silvestres, guardando para sempre os restos de infelizes creaturas a quem a morte pelo assassinato consumiu até o proprio nome !

E naquella necropole maldicta ninguem se lembrou ainda de atirar um ramo de violetas !... Lá uma vez o u outra um transeunte curioso estende sobre ella um triste olhar, como que procurando descobrir ou decifrar, gravada no tronco de alguma arvore, uma inscrição qualquer, que a mão do tempo bem depressa apagou...

Para bem calcular-se a escuridão daquella alma, basta notar que nunca puderam calar-lhe no espirito as boas e santas prédicas do velho vigario de Christol

Está livre, meu amigo, que o viveiro de frei Anselmo produzisse em tempo algum uma só ave de tamanho agouro, terrivel como a Bat-jaava medonha e feroz, a cortar constante com seus estridentes guinchos as mais densas e pezadas trevas !

Já li atgures, que os desalmados sem mistura são phenomenos de summa raridade.

Ahi temos uma asserção que, a meu ver, nada encerra em si de verdadeiro.

Não precisamos bater á porta do homem selvagem, do homem semi-barbaro, deleitando-se em martyrizar os vencidos até que um gemido ou os prantos das victimas lhes provoquem a compaixão ou excitem a sua generosidade; basta penetrarmos no meio social mesmo em que vivemos e que tudo pretende aprimorar e polir.

Descendo alguns degráus, veremos no antro da penuria, aonde não ha luz, um cháos em perenne fermentação, a miseria e a fome gerando a prostituição, fabricando a gazua e aguçando o punhal homicida. Muitos desses entes só chegamos a conhecer quando a policia os pega e atira-os ao fundo de uma cadeia e mais tarde a sociedade fal-os sentar no banco dos réus.

São uns infelizes em que vêmos manifestar-se francamente o estado pathologico da criminalidade.

Aureliano de Campos esboçou-nos este quadro com um pincel de mestre:

« Tudo o que ha de mais medonho e sinistro alli se agita.

São fezas essas creaturas. Não sabem onde nasceram, e vivem por ahi anonymamente na noite das desventuras.

Não se pode dizer que ellas viessem á luz. Ao nascerem acharam todo occupado o banquete da vida.

De que se nutrem pois? Do pão negro que acham as vezes, e de vergonha que encontram em toda parte...

Nem sempre tem tectos. Dormem ao relento, nos prostibulos, nas ruas, nos adros ao frio, ás tempestades e por fim, nos cemiterios.

A's vezes tem tectos—são antros. Entrae lá e vereis a felúgem, a deshonestidade, o andrajo, despojos, o desamparo, a nudez, nem uma esperança, trevas, o frio—uma cousa horrivel...

Quando a necessidade flagella a esses espectros, manifestam-se umas forças, cujo resultante abala a massa social.

Odeiam a ordem, porque a ordem é que mantém a indigencia e a escuridão moral.

Conspiram abertamente contra ella e atacam, assassinam e incendiam.

A's vezes os órgãos da ordem publica sepultam-nos nos calabouços. Vão alli espiar o que?

Violações á lei penal.

A sociedade negou-lhes idéas, sentimentos, o amparo, o alento; os oprimidos reagem e ella os aperta nos ergastulos!...

Tudo isto existe. Essas pustulas, esses abortos, todas as formas do crime, todas as desesperanças em acção.»

III

Ja vimos bem de perto aquelle *mundo feio* e o seu cortejo immenso de denegridas sombras!... A miseria em sua *tenda de trabalho* a flagellar espectros de mulheres semi-nuas e a rir porque vão comer o preço da deshonra, emquanto o desespero fórma planos sinistros e prepara as armas de *combate*—os instrumentos do crime!...

Mas, si de lá desviarmos os olhos e olharmos para cima, ainda encontraremos, ás duzias, legitimas feras e muitas dellas guardando sob custosas vestes, corações de Galalão!

Aqui o espectáculo é outro: Ha muita luz, ha muito pão; não ha antros, ha casas architectonicas, leitos fôfos e sonhos paradisiacos, cosinhas pantagroélicas; mas ha tambem o vicio, muitos vicios; o crime, muitos crimes!...

A consciencia de sua superioridade irrita-se sempre que ouve a legitimação do furto, mas furtam tambem não matam, tem sicarios assalariados!...

Para estes não ha policia nem calabouços; para espiar o que?

A lei penal nunca é violada por elles, nem a sociedade se julga offendida, seja qual fôr a natureza de suas faltas. Ella, que nada lhes néga, dá-lhes a impunidade tambem, galardoa-os até!

E para isto tem ella justamente agentes cegos, e justiça de olhos tapados

Nordau assevera, que o crime a sangue frio e com premeditação, é mais privilegio da civilização que da barbaria. E' obra de uma certa classe de homens que existe pela civilização.

Opina elle que todas as leis do mundo são impotentés para impedir os crimes que são consequencia della. Vemol-os no meio de nossa sociedade de modo mais ameaçador que no *smalah* do Beduino.

Rouba-se e rapina-se, quer directamente como um *pick-pocket*, quer indirectamente explorando, conforme as occasiões, os individuos e as massas.

E pensa muito bem o mesmo escriptor quando faz notar que o selvagem tem mais certeza que o homem civilizado, de que a punição do assassinato recahirá sobre o autor, pela razão de que entre elles o criminoso escapa mais difficilmente á vingança e proscricção, do que ás armadilhas da policia.

Com effeito, vemos a cada passo a justiça inactiva diante da influencia dos potentados, quando falha a frequente compaixão do jury.

E o caso de dizer-se realmente que valem mais as boas armas e os bons cães, que tantas leis juntas com o sacrificio de uma parcella de nossa liberdade, e a crescida somma de impostos com que concorremos para boa manutenção dos cuidados e vigilancia sociaes.

Poderia citar-lhe palpitantes exemplos, exemplos de agora mesmo, si não fosse arreceiar-me tanto das expansões patrioticas dos pregoeiros da moda...

E' no meio de tudo isto, creio que já fallei-lhe em alma; pelo menos na de Lucas.

Mas deve ser bem horrivel o fôro iatimo de um malfeitor; de um assassino.

E' verdade que Laurent néga o remorso e com

elle a consciencia á esta ordem de gente. Mas entretanto elle mesmo assevera que o criminoso comprehende perfeitamente que está em lucta com as leis sociaes, mas não com as leis de sua consciencia, sinão elle sahiria vencido nesta lucta. E, finalmente, por causa das duvidas, vae admittindo sempre: que uma voz fraca e mysteriosa, fallando como em um sonho, sahida das profundezas de seu ser, lhe diga: tu fazes mal...

Não me fica a menor duvida de que o criminoso sinta remorsos, com inteira consciencia de suas acções perversas, mas sempre cedendo aos máus instinctos que o dominam.

Sem consciencia, como teria elle conhecimento do mal, e sem este conhecimento do mal praticado, onde a sua responsabilidade?...

Servindo-me das palavras daquelle illustre escriptor—penso que são elles dominados pelas paixões que os governam, arrastando-os até ao crime, e que intimamente lhes bradam: Rouba, fêre, é preciso nos satisfazer; em sou a embriaguez, dae-me de beber; sou a luxuria, quero mulheres nuas; sou a vingança preciso de sangue!...

Com certeza são estas as seducções de que falla S. Jacques.

E' magnifico o autor do *Genio do Christianismo*—Chateaubriand—quando escreve sobre o remorso e sobre a consciencia: O tigre despedaça sua prêza e dorme: o homem assassina e véla! Procura os logares desertos, e entretanto a solidão o espanta: arrasta-se em derredor dos tumulos, e entretanto elle tem mêdo dos tumulos! Seu olhar é movei e inquieto, elle não ousa fitar as paredes da sala do festim, com receio de ler caracteres funestos! Seus sentidos apuram-se para atormental-o mais; elle vê no meio da noite, clarões ameaçadores; está sempre cercado do cheiro da carniça; descobre o gosto do veneno na iguaria que elle mesmo preparou; seu ouvido, de agudeza estranha, sente ruidos onde todos encontram

o silencio ; e sob as vestes do amigo, quando elle o abraça, parece topar num punhal occulto !...

Tanto quanto eu, conhece o collega as interessantes theorias de Platão e Pithagoras, que acreditavam na existencia de muitas almas em um só corpo, tendo cada uma a sua séde propria, assim distribuidas : a racional na cabeça, a concupiscente ou sensitiva no baixo ventre, a irascivel no peito...

A seguirmos o pensar dos velhos philosophos, principalmente do segundo, tambem thaumaturgo e mathematico, querendo com a sua theoria philosophica dos numeros applicada á theologia, á cosmologia, psychologia, e a moral, explicar a origem de todas as cousas, temos forçosamente de acreditar que sobrepujou ás demais a alma irascivel de Lucas, fazendo-o tão detestavel como realmente foi e como justamente a historia o descreve.

Conforme se deprehe de da cranioscopia ou phrenologia de Joseph Gall, que tanto se celebrizou pelo seu systema localizador das funcções cerebraes, e ainda hoje se celebra figurando em osso no museu do Jardim das Plantas de Paris, tendo morrido justamente de grave affecção no orgão que fôra o objecto dos trabalhos constantes de sua vida intêira, o martellar possante das idéas como o fervilhar de bons ou máus pensamentos, muito influem sobre o cerebro que se dilatando neste ou naquelle ponto, pela intensidade dos mesmos, vae deixar na cavidade interna do craneo impressões que externamente se accentuam em ligeiras protuberancias.

As observações de Soltmann sobre o desenvolvimento e a multiplicação gradual dos centros motores da substancia cortical, levaram-no á convicção de que pode ser profundamente alterado o cerebro do homem sem que se manifestem symptomas de uma doença qualquer.

Suspendamos por hoje a nossa palestra, que outros deveres me chamam.

(Continúa.)

Ch. de Moura.

SUMMARIO DO N. 16

	Paginas
Descoberta da India	173
Discurso do Dr. Braz do Amaral na sessão commemorativa do Centenario da India Serra dos Aymorés. Interessante explora- ção, costumes indigenas. (Communi- cação da correspondencia do explorador Engenheiro Frot	179 208
Ephemerides Cachoeiranas pelo Dr. Aris- tides Milton. (Mez de Fevereiro).	227
Actas das Sessões e Offertas:	
(Abril a Junho de 1898).	275
Sessão anniversaria do dia 3 de Maio.	278
Discurso do Cons. Salvador Pires	280
Relatorio do 1.º Secretario Cons. João Torres	286
Discurso do Cons. Filinto Bastos, substi- tuto do orador	295
Lucas—O Salteador.	321